

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE



1290005474



FE

TCC/UNICAMP B234i

Marcela Barbosa

A IDEOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL I.

PREZADO LEITOR

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado pois se houver qualquer dano (rabisco, recorte, etc.) ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

A DIREÇÃO

Campinas

2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

201132640

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

Marcela Barbosa

A IDEOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL I.

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite.

Campinas

2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE: ..KE.....
Nº CHAMADA:
TCC
B234i
V:EX:
Tombo: 5474
PROC.: 130/11
C:D: ..X.....
PREÇO: 11,00
DATA: 14/04/11
COD. TIPO: 725265

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

B234i

Barbosa, Marcela.

A ideologia no livro didático no ensino fundamental / Marcela Barbosa. –
Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientadora: Sérgio Antonio da Silva Leite.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Livros didáticos. 2. Ideologia. 3. Textos escolares por aluno. 4.
Neoliberalismo. 5. Ensino fundamental. I. Leite, Sérgio Antonio da Silva. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-339-8FE

RESUMO

Esta pesquisa realiza uma reflexão sobre os conteúdos dos livros didáticos, destacando o uso deste material pedagógico, ainda nos dias atuais, como principal orientador do trabalho de professores e alunos na escola. Pretende analisar as concepções ideológicas que permeiam os conteúdos dos textos desse material pedagógico. O estudo desses conceitos possui como objeto de estudo a análise dos livros didáticos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, da disciplina de Língua Portuguesa, de uma escola municipal do interior do estado de São Paulo.

Após analisar os dados, identificaram-se os seguintes temas que foram objeto de análise à luz da ideologia neoliberal: Professora, Mulher, Escola, Religião, Valores e Virtudes, Moradia, Criança, Família, Alunos e Trabalho.

Palavras-Chave: livro didático, ideologias nos textos escolares, neoliberalismo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqueles que foram indispensáveis na construção deste trabalho.

Ao professor Sérgio, pela dedicação, compreensão e paciência.

À minha família, especialmente minha mãe, Maria Antonia, pelo apoio e por sempre acreditar que eu podia mais do que achava que podia...

Ao Fer, por me fazer rir e ter forças para recomeçar.

Ao ministério de música Filadélfia (Amor Fraternal), por cada canção que juntos cantamos e que me trouxeram a paz.

Às amigas da faculdade: Larissa – valeu, Lá! - Fer, Vivi, Dente e Marci – é lógico!

E às minhas colegas de trabalho.

Minha eterna gratidão a Deus e à Virgem Maria... Sempre!

“Ontem foi embora. Amanhã ainda não veio. Temos somente hoje, comecemos.”

Madre Teresa de Calcutá

Sumário

1.	Introdução	8
2.	Método e Análise de Dados	12
3.	Base Teórica	15
3.1	O que é ideologia.....	15
3.2	O que é neoliberalismo.....	20
3.3	A concepção neoliberal de Educação	24
3.4	A ideologia na educação.....	26
3.5	Sobre a função da escola.....	30
	Apresentação das Categorias	36
4.	Mulher	36
4.1	Maternidade.....	36
4.2	Lealdade.....	39
4.3	Docilidade	40
5.	Família.....	45
5.1	Pais e Filhos	46
5.1.1	Família padrão	46
5.1.2	Conflitos	50
5.1.3	Famílias mono parentais	52
5.2	Irmãos.....	54
5.3	Avós	55
5.4	Tios.....	56
6.	Crianças.....	57
6.1	Menina.....	61
6.2	Menino.....	65
7.	Escola	66
7.1	Privilégio.....	66
7.2	Exclusão.....	67
7.3	Revolta.....	69
7.4	Diversão.....	70
8.	Professora.....	73
9.	Alunos.....	78
10.	Moradia	84
11.	Trabalho	89
12.	Religião	94

12.1	<i>Deus</i>	94
12.2	<i>Nossa Senhora</i>	97
13.	Valores e Virtudes	98
14.	Considerações finais	104
15.	Referências Bibliográficas	106
	Anexos	111

1. Introdução

O interesse da autora pelo estudo da ideologia que permeia os textos dos livros didáticos surgiu, inicialmente, após o comentário de um professor, que criticava a qualidade dos textos contidos nas tradicionais cartilhas de alfabetização. Ele também fez referência ao texto de uma autora que havia realizado um estudo sobre essa temática. Essas informações levam a refletir sobre as condições em que se dão os estudos que têm por base esse material pedagógico.

Dessa forma, surgiu o interesse em realizar leituras sobre o assunto. Primeiramente, o livro comentado pelo professor: *As Belas Mentiras*, de Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella.

Segundo Nosella (1979), os conteúdos dos livros didáticos são repletos de ideologias que, em sua grande maioria, não condizem com a realidade da maioria dos leitores desse material. No decorrer dessa leitura, é possível notar alguns fatos que, geralmente, permeiam os contextos dos textos contidos nos livros didáticos: a família é sempre feliz; não apresentam mal estar perante a pobreza; as situações familiares são sempre perfeitas. A figura paterna é sempre vinculada ao provedor financeiro da família; também é sempre o pai que lê o jornal. A figura materna está constantemente atenta aos filhos e pelo afazeres domésticos; preza pelo papel materno; a mãe é vista somente como dona de casa ou, em alguns casos, trabalha como professora. Os pais não discutem e não erram; os irmãos nunca brigam. As crianças valorizadas são as que apresentam comportamentos passivos e obedientes. Os avós, geralmente, moram em sítios e chácaras e são economicamente independentes. Os tios levam as crianças para passear e dão presentes. A empregada é considerada parte da família porque sempre está lá há muito tempo; geralmente, é negra e contadora de histórias.

Através dessa leitura, é possível observar que os conteúdos dos livros didáticos geralmente apresentam os grupos familiares como se fossem uma ilha à parte da sociedade, longe de seus problemas e contradições. É tudo perfeito demais e distorcido da realidade.

Outro autor, que realiza um estudo sobre a ideologia no livro didático, é Umberto Eco, no seu livro *Mentiras que parecem verdades*, publicado em 1980, juntamente com Marisa Bonazzi.

Mantendo esse foco de estudo, as leituras possibilitam a percepção de que a ideologia pode ser entendida como uma disciplina filosófica que analisa idéias que, geralmente, produzem um mascaramento da realidade, da expressão do pensamento realmente criador ou, simplesmente, de um conjunto de idéias. É possível encontrar com maior detalhe o conceito de ideologia ao longo do trabalho.

Sobre esse assunto, Werneck (1984) toma a ideologia como comportamento social, visto que este se refere ao comportamento individual e grupal, sendo que o homem sempre se baseia em uma ideologia para interpretar a realidade.

Outra situação discutida por Werneck (1984) é que em toda ação humana há resíduos ideológicos. E que, consciente ou inconscientemente, valores sempre são transmitidos pela educação; esses valores e os juízos de valor determinam, parcialmente, os comportamentos. Quando incorporados de forma inconsciente, viram costumes.

Após esse estudo, realizou-se uma análise de como a ideologia adentra a escola e quais as conseqüências para a instituição, os sujeitos que a freqüentam e a sociedade como um todo. Assim, partindo dessa premissa, este estudo aborda a linguagem como veículo da educação, com elementos que podem alterar seu conteúdo ideológico, pois a ideologia pode ser considerada: *"(...) um fenômeno característico da estrutura de pensamento que se revelaria sempre em toda manifestação de comunicação humana"* (Werneck, 1984, p.11). A partir disso, é possível entender que o conteúdo ideológico é inconsciente, podendo se tornar consciente pelo ato de assumir que há a ideologia ao invés de negá-la, e todo comportamento social é ideológico.

Sobre esse assunto, Bourdieu (apud Freitag, 1978) relata que, além da transmissão da ideologia, a escola também reproduz a estrutura social hierarquizada imposta por uma classe social à outra, através da transmissão de poder e privilégio sob a aparência de neutralidade.

A partir dessas idéias, pode-se dizer que a ação do educador vai além do âmbito do educando e constitui-se uma prática social; educar é um ato político e ideológico. Por isso é necessário que o professor conheça o meio social de seus alunos. Se o educador tentar negar seu papel político, estará exercendo um papel questionável: o de instrumento de uma ideologia de dominação, agindo política e ideologicamente, de modo inconsciente.

Sobre esse assunto, Freitag (1978) faz uma comparação entre diversos autores, que auxilia na compreensão do papel que a escola assume perante o Estado e a sociedade. A autora também ressalva que professores e alunos acabam tornando-se escravos do livro didático e que, ao invés de o utilizarem como instrumento de contribuição para o desenvolvimento da autonomia, do senso crítico e de contra ideologia, acabam tornando-o roteiro principal, ou exclusivo, do processo de ensino-aprendizagem.

Após compreender o conceito de ideologia assumido por este trabalho, passa-se à necessidade da compreensão do conceito de neoliberalismo, para que a ideologia não seja instrumento de dominação. Para melhor compreender o neoliberalismo, foi realizado um estudo sobre sua origem - o liberalismo - que teve como principal idealizador Adam Smith.

De acordo com Moraes (2001), o neoliberalismo pode ser uma corrente de pensamento, um movimento intelectual organizado, ou um conjunto de políticas adotadas pelos governos neoconservadores, especialmente a partir da segunda metade dos anos 70, que são, na verdade, uma ideologia.

Para Cunha (1977), o liberalismo é um conjunto de princípios aceitos sem contestação, ou seja, uma ideologia que tem por base o individualismo, a liberdade, a propriedade, a igualdade e a democracia.

A partir desse entendimento, foi possível adentrar na questão do neoliberalismo na educação. Através deste estudo, pode-se notar que o principal ideal liberal de educação é o de que a escola não deve estar a serviço de nenhuma classe, de nenhum privilégio de herança ou dinheiro, de nenhum credo religioso ou político. A instrução não deve estar reservada às elites ou classes superiores, nem ser um instrumento aristocrático para servir a quem possui tempo e dinheiro. A educação deve estar a serviço do indivíduo, do "homem total", liberado e pleno.

Deste modo, a escola, voltada para o homem sem levar em consideração suas crenças ou classe social, revelará e desenvolverá em cada indivíduo suas potencialidades, realizar o "individual para a construção do progresso geral" (CUNHA, 1977, p.34). Enfim, a educação é vista pelos liberais como uma forma de ascender socialmente e deve ser acessível a todos.

Esse estudo revela que construir uma sociedade aberta garantindo a mesma educação, ou seja, a mesma oportunidade para pessoas com histórias de vida e

recursos diferentes, é negar a desigualdade social e sua influência no desenvolvimento dos que pertencem a um grupo social menos favorecido economicamente.

O neoliberalismo parte dos mesmos princípios dos quais parte o liberalismo; a ideologia é a mesma. Será possível notar, ao longo do trabalho que há ideologia em todas as posturas assumidas por alguém, embora a ideologia tratada por este trabalho seja a neoliberal. Portanto, quando se fala em liberalismo, neoliberalismo e ideologia, está se tratando do mesmo conceito.

Assim, diante da complexidade e abrangência apontada pela literatura sobre o assunto, este estudo teve como objetivo analisar a importância do livro didático como instrumento difusor de ideologias nos textos e contextos escolares. Essa análise se deu através do levantamento, seleção e resenha das obras cujas leituras possibilitaram identificar 10 temas mais recorrentes: Professora, Alunos, Escola, Mulher, Religião, Valores e Virtudes, Moradia, Criança, Família e Trabalho. Estes temas são recorrentes neste trabalho e na pesquisa de Nosella (1979), sendo, portanto, possível observar se houve algum tipo de mudança na intenção da escolha dos textos que compõem os livros didáticos. Cada tema foi analisado à luz da ideologia neoliberal

2. Método e Análise de Dados

Esta pesquisa tem como objetivo analisar, do ponto-de-vista da ideologia neoliberal, os conteúdos dos livros didáticos. Com o intuito de realizar um levantamento das concepções ideológicas que permeiam os conteúdos dos textos do material pedagógico, sob uma perspectiva ideológica, foi efetivado um levantamento e seleção das obras, para a realização de leituras e de resenhas das mais significativas, com o objetivo de aprofundar o referencial de análise do tema. Esse levantamento contou, principalmente, com os estudos de autores como: Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella, Pierre Bourdieu, Barbara Freitag, Cláudia Werneck, Reginaldo C. Moraes, Luiz Antonio Cunha e outros que abordam o eixo temático deste estudo. A pesquisa empírica foi desenvolvida através da análise dos livros didáticos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, da disciplina de Língua Portuguesa, de uma Escola Municipal de Educação Básica do interior de São Paulo.

A escola fica situada na periferia do município. A autora desta pesquisa aí estudou durante todo o período da Educação Infantil e o Ensino Fundamental I.

Enquanto cursava pedagogia, a autora voltou à escola, como estagiária – com remuneração - através de um concurso público, estabelecendo forte vínculo com as profissionais que lá atuavam. Em seguida, encerrou sua atividade remunerada e passou a fazer, na mesma escola, o estágio obrigatório, exigido pela faculdade.

A escola atende, no período matutino, por volta de 200 alunos de ensino fundamental e 40 de educação infantil. Logo na entrada, há o pátio coberto, cercado pelas salas de aula e pela biblioteca, onde funciona também o “Projeto Águia”, que caracteriza-se por aulas de reforço em horário de aula e também no período do contra-turno escolar. Há, ainda, a sala da coordenação e a dos professores, o bebedouro, um almoxarifado de materiais escolares, banheiros masculino e feminino.

Entre o banheiro feminino e o almoxarifado, há um corredor, que dá acesso à outra escola, que foi agrupada a essa depois que a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e II passaram a ser de responsabilidade do município, caracterizando a Educação Básica.

Atrás das salas de aula fica a sala de informática, outro almoxarifado para produtos de limpeza, a sala da direção, a secretaria, a cozinha e dois banheiros para

professores e funcionários, além de algumas mesas para que as crianças façam suas refeições.

A própria vice-diretora chegou a comentar, nos dias de visita, que a escola cresceu sem muito planejamento, pois a diretoria fica atrás das salas de aula, os banheiros não possuem ventilação, a iluminação é precária, enfim, precisa de várias reformas.

Na educação infantil há uma sala com alunos de 3 a 4 anos, uma com alunos de 4 a 5, e o primeiro ano do Ensino Fundamental. Há também uma biblioteca que também é sala de vídeo; há banheiros, cozinha, mesas, dois parquinhos e um portão que dá acesso à quadra da escola e a outro parque.

A escola também funciona no período vespertino, com educação infantil e ensino fundamental, perfazendo cerca de 200 alunos e, à noite, atende aos 120 alunos da EJA.

Em outro bairro, funciona a unidade II da escola, que é menor e atende outras crianças. Ao todo, contando com as duas unidades, são, aproximadamente, 52 funcionários e docentes.

A escolha da escola teve, portanto, além do interesse de pesquisar a ideologia nos livros, cunho afetivo, visto que a autora formou-se na Educação Infantil e Ensino Fundamental nesse lugar e, ao retornar, estabeleceu fortes vínculos de amizade.

Esses vínculos possibilitaram o acesso ao material didático de forma facilitada. Os livros foram fornecidos por uma professora que, na época do início da pesquisa, lecionava no terceiro ano - sala na qual a autora realizou o trabalho de estágio não remunerado.

Naquele momento da pesquisa, a base teórica já havia sido estruturada, para que fosse possível partir do referencial dos autores estudados para analisar os livros didáticos.

Primeiramente, foi preciso decidir quais textos seriam considerados passíveis de análise. Foram considerados todo tipo de gênero textual - entre eles, narrativas, fábulas, músicas, poesias e histórias em quadrinhos - e foram descartados textos de introdução e explicação de atividades.

Todos os livros foram revisados, com o objetivo de identificar os temas mais recorrentes, aproveitando aqueles já pesquisados por Nosella (1979), para que

fosse possível compará-los e, dessa forma, verificar se ainda hoje há concepções ideológicas semelhantes.

Após separar todos os textos que fariam parte da pesquisa, os mesmos foram foto - copiados e os trechos mais relevantes foram organizados de acordo com suas respectivas categorias. Cada tema encontrado exigiu uma pesquisa específica, sendo, portanto, cada categoria estruturada individualmente, de acordo com o assunto tratado, para que fosse possível desmistificar as concepções ideológicas encontradas, recorrendo continuamente à base teórica, que caracteriza o ponto de partida da pesquisa.

Os 10 temas encontrados nos livros foram: Professora, Alunos, Escola, Mulher, Religião, Valores e Virtudes, Moradia, Criança, Família e Trabalho. Através do levantamento desses temas foi possível analisá-los a partir das fontes bibliográficas selecionadas. Esses 10 eixos recorrentes, tanto neste estudo quanto na pesquisa realizada por Nosella (1979) – exceto o tema *Moradia* - possibilitam a reflexão sobre a importância do material pedagógico trabalhado e sobre a real intenção educacional atrelada à escolha dos textos que o compõem.

Essa análise possibilitou a verificação da presença de muitas concepções ideológicas baseadas em princípios neoliberais. Os dados dessa análise serão apresentados em forma de texto construído, contendo as informações pertinentes para estudos e comparação. Assim, todos os dados colhidos foram analisados sempre mantendo relação com a bibliografia lida, para, com isso, alcançar o objetivo desse estudo, que é analisar a importância do livro didático como instrumento difusor de ideologias nos textos presentes nos livros didáticos. Encontra-se, a seguir, a análise das 10 categorias pesquisadas.

3. Base Teórica

3.1 O que é ideologia

Este estudo aborda a linguagem como veículo da educação, com elementos que podem alterar seu conteúdo ideológico, como já apresentado, pois a ideologia é característica da estrutura do pensamento, portanto, se revela em todo tipo de comunicação humana. (Werneck, 1984). A partir disso é possível entender que todo comportamento social é ideológico.

Para Mora (1969, apud Werneck, 1984), a ideologia pode ser entendida como uma disciplina filosófica que analisa idéias, como um mascaramento da realidade, a expressão do pensamento realmente criador, ou simplesmente um conjunto de idéias.

Já nas culturas da antiguidade, é possível encontrar o fenômeno ideológico entendido como expressão de idéias ou justificação teórica das formas de dominação social, mas que somente passa a ser estudado sistematicamente na Idade Moderna.

Bacon (apud Werneck, 1984) contribuiu bastante para o estudo da ideologia, o qual chamava de "ídola fori" (ídolos do mercado), que resultaria na conclusão de que os homens aprendem artificialmente a discernir os signos das coisas antes de terem uma experiência autêntica. Auxiliou também no sentido de que a busca pela verdade não é uma luta no campo do conhecimento, mas do campo político, sendo a ideologia, neste caso, entendida como o mascaramento da realidade.

Para Marx (apud Werneck, 1984), a ideologia pode ser uma forma de conceber o mundo, um reflexo de grupos sociais de determinada época, ou um sistema de pensamentos não neutros, que visam à manutenção da ordem social vigente, ou seja, a classe dominante ocultaria seus verdadeiros interesses, usando a ideologia como instrumento de dominação e convencimento.

Assim, o pensamento seria ideológico sempre que expressasse os interesses de uma classe social, e não ideológico quando passasse pela liberdade, crítica à ideologia, transformação do mundo pelo trabalho e pela luta revolucionária.

No pensamento ideológico, “os indivíduos passam a ter a ilusão de que suas ações seriam resultantes de decisões livres e não expressões determinadas das diferentes circunstâncias sociais” (Werneck, 1984, p. 20).

De acordo com Marx, alguns comportamentos aparentemente individuais, remetem, na verdade, a conteúdos sociais; o pensamento que não é capaz de explicar sua ligação com o movimento social seria ideológico.

É possível identificar, em Marx, duas interpretações de sua crítica à ideologia: a tradicional, que se fundamenta nos conceitos de “infra-estrutura” e “superestrutura” e que considera o produto intelectual como um instrumento da luta de classes; e a nova, que considera o trabalho teórico e seus resultados elementos constitutivos do processo social, focalizando a atividade do homem no processo histórico.

Weber (apud Werneck, 1984) atribui aos professores, sábios, filósofos e religiosos a função de libertar os homens do pensamento ideológico. Para ele, o objetivo do professor é proporcionar aos estudantes conteúdos que levem à reflexão própria; mas para isso ocorrer, é necessário estar atento não somente aos conteúdos, mas à forma como esses são transmitidos, pois, para Weber, o professor não deve expor sua opinião quando está em sala de aula. Caso o professor opte por expor sua opinião em relação ao conteúdo da aula, deve dizer aos estudantes que aquela é uma análise pessoal, para evitar que o conteúdo seja equivocadamente atrelado à visão de mundo daquele professor.

O papel da educação, de acordo com Weber, é buscar a verdade e compreender os fatos, desencantar o mundo, para que todas as opiniões e pontos de vista, perspectivas e valores levem a um conflito que faça com que as pessoas descubram a verdade (o que garantiria sua liberdade em relação a uma ideologia dominante).

Mannheim (apud Werneck, 1984) defende que as ideologias seriam reflexos da sociedade, e que o inconsciente coletivo de certos grupos “escondem” a verdadeira condição da sociedade para manter sua estabilidade. Para ele, há a ideologia parcial (com uma raiz sociológica, com sentido particular) e a ideologia total (com uma raiz social, com sentido geral), mas seu principal papel é ocultar as estruturas próprias de um regime social.

Segundo Werneck (1984), a ideologia pode ser um “código estruturador do discurso ou o próprio discurso com um conteúdo significante (p. 31). Para ela,

“(...) na sua evolução, o conceito de ideologia passa de designativo da totalidade das idéias, valores e representações para nomear subconjuntos relativamente coerentes em si mesmos e correspondentes a interesses determinados” (Werneck, 1984, p. 30).

Pode-se considerar, ainda, que a ideologia é a estrutura da sociedade, não do pensamento, variando de acordo com a classe social. Ela pode determinar a sociedade, organizando as classes sociais, ou pode ser determinada, se tiver em vista a transformação social.

A adesão a uma ideologia pode-se dar como num processo de conhecimento. Ela pode ser um reflexo do meio, resultante da história dos grupos sociais, ou ter sua origem em uma matriz emocional, assemelhando-se em partes a um mito, ou ainda uma compensação de determinadas necessidades, despertando o grupo para a ação.

O princípio motor de uma ideologia pode estar em seu autor (na história em que ele se desenvolve e no modo como ele vê as necessidades do seu grupo), ao invés de nela mesma, bem como pode surgir da necessidade de hegemonia dos grupos. No entanto, as ideologias são “sempre dadas por um sujeito ideológico, de um ponto de vista subjetivo” (Werneck, 1984, p. 38).

Para que houvesse a mudança de ideologia, seria necessário reconhecer a falsidade da ideologia anterior, a adesão de um novo pensamento e, paulatinamente, ocorreriam as mudanças na forma de ver os fatos sociais.

Werneck (1984) toma a ideologia como comportamento social, visto que este se refere ao comportamento individual e grupal, nos quais o homem sempre parte de uma ideologia para interpretar uma questão.

A ação social para Weber (apud Werneck, 1984) existe quando o comportamento humano é significativo para o grupo social, ou quando o comportamento de um é orientado pelo comportamento de outro, havendo uma previsibilidade no comportamento. E, de acordo com Ricoeur (1977, apud Werneck, 1984), é aí que aparece o fenômeno da ideologia.

Não podendo o homem ser não-social, a ideologia que há em cada grupo social assumiria um grande poder conforme os objetivos de cada grupo. Sob esse ponto-de-vista, a ideologia é uma “linguagem entre os homens” (Werneck, 1984, p. 41). Portanto, “se o comportamento ideológico corresponde ao nível mais fundamental das relações sociais e, se o sujeito só existe inserido no social, é

impossível um viver ideológico” (Werneck, 1984, p. 43). É o que Ricoeur chama de *pertença*. Segundo ele, nenhum grupo social pode viver sem ideologia, pois não teria objetivos, projetos, enfim, não teria forças para levar sua história adiante.

Todo discurso, produção cultural e mesmo uma conversa informal, estariam, portanto, impregnados de ideologia. O problema está em não a assumir; levar adiante um posicionamento sem assumir que há preferência por determinada vertente ideológica é ter comportamento ideológico.

A ideologia implica em assumir um posicionamento a partir de um pensamento pessoal ou de uma opinião coletiva. Sabe-se da existência do inconsciente, com forte conotação emocional (fonte dos primeiros conceitos e doutrinas) que, como a razão, constitui o homem. Há, ainda, o inconsciente coletivo, no qual se encontram as leis universais que regem o comportamento inconsciente e, indiretamente, o consciente.

É no inconsciente que se acham as ideologias, que é inconsciente por ser um sistema de representações; ela é fundamentada no inconsciente e elaborada no imaginário.

As ideologias seriam, então, criações individuais manifestadas pelo inconsciente coletivo, que não expressam a realidade de suas relações, mas, como elas, são vividas na sua condição de existência, ou seja, as relações sociais é que são representadas nas ideologias, e não o mundo real.

É possível descobrir o quanto uma ideologia é um mascaramento, uma deturpação do real, já que é uma representação do inconsciente, pela comparação de respostas dadas a problemas colocados pelo tempo. O “pensamento ideológico não se caracteriza por uma problemática determinada ou uma determinada fórmula política ou econômica, mas pela maneira pela qual se relaciona ou soluciona problemas vigentes” (Werneck, 1984, p.51).

Para identificar as representações inconscientes que constituem a ideologia, é preciso recorrer à psicanálise, que “desvendará a linguagem do inconsciente, analisando como se desenvolvem seus processos e como se realizam os deslocamentos dos significantes” (idem, p. 53), culminando na tomada de consciência e, conseqüentemente, na emancipação do indivíduo.

Em suma, o conceito de ideologia adotado por Werneck, para estudar sua relação com a educação, é aquele definido por Capabbo:

“a ideologia expressa a relação vivida dos homens em seu mundo e que essa relação vivida é inconsciente, embora possa tornar-se consciente. Assim sendo, a ideologia exprime a maneira pela qual os homens vivem os modos de relacionamento entre si, assim como os modos de relacionamento que mantêm em suas condições de existência. Por outro lado, admitamos que a relação real por ele vivida é investida de relações imaginárias. Em outros termos, o real é sobredeterminado pelo imaginário e nisto é que consistirá a força ativa das ideologias” (CAPABBO apud Werneck 1984, p. 54).

A ideologia é a reprodução (imagem, representação) do real. Se ela é manifestada por um sistema simbólico específico, não é possível que haja educação desvinculada do sistema simbólico da ideologia.

“Nisto estaria seu problema maior: não na distorção propriamente dita, mas na negação da distorção, na pretensão de estar reproduzindo o ‘real’ exatamente como ele é” (Werneck, 1984, p. 60).

O conceito de ideologia pode ainda ser resumido como

“um fenômeno característico da estrutura do pensamento que expressa o modo pelo qual se entende o relacionamento vivido pelos homens entre si e que, portanto se manifesta em todo relacionamento social, em todo tipo de comunicação dos homens entre si. Sendo a ideologia resultante de estruturas inconscientes e constituídas pela função imaginária faria com que a relação real fosse investida de relações imaginárias, ou seja, que por meio dela o real fosse sobredeterminado pelo imaginário. Embora a ideologia, sob esse prisma, fosse um fenômeno inconsciente, poderia, numa certa medida, tornar-se consciente. A ideologia seria, em suma, a característica do relacionamento social comum, que faz com que toda interpretação dos fatos seja feita segundo um ponto-de-vista” (Werneck, 1984, p. 60).

Como já foi dito anteriormente, negar que há um pensamento ideológico a nortear nossas posições, com a pretensão de transparecer uma neutralidade nas opiniões até mesmo pessoais, é distorcer a realidade e ter comportamento ideológico, ficando preso a essa ideologia.

Não conhecer, por exemplo, uma língua estrangeira, faz com que se fique limitado a ela; não se pode ser livre em relação a algo que não se conhece explicitamente. Por isso, para libertar-se da ideologia, é preciso conhecê-la, assumi-la; do contrário, ela poderá lhe oferecer qualquer coisa sem que se tenham argumentos para questioná-la.

Portanto, a ideologia pode determinar a sociedade, quando imposta e desconhecida, ou pode ser determinada pela sociedade, quando explícita e até proposta por ela, visando à transformação social.

3.2 O que é neoliberalismo

Apontado o conceito de ideologia assumido por este trabalho, passa-se à necessidade da discussão do conceito de neoliberalismo, para que a ideologia possa passar de inconsciente para consciente e, dessa mesma forma, de opressora para auxiliar no processo de compreensão da realidade para, a partir de então, chegar à possibilidade de transformação da mesma.

Para melhor compreender o neoliberalismo, é necessário ir à sua origem - o liberalismo - que teve como principal idealizador Adam Smith, autor do livro *A riqueza das nações*, publicado em 1776. Para Smith, o mundo seria mais justo e melhor se não houvesse intervenção econômica do Estado, deixando o mercado livre para as iniciativas privadas, cabendo àquele a garantia da propriedade, cuidados com serviços básicos de utilidade pública e manutenção da segurança.

Durante esse momento histórico, eram prezados "princípios como igualdade de direitos e de oportunidades, destruição de privilégios hereditários, respeito às capacidades e iniciativas individuais e educação universal para todos" (Cunha, 1977, p. 27)

O neoliberalismo tem suas raízes no pensamento liberal. Para Moraes (2001), o neoliberalismo pode ser uma ideologia, uma corrente de pensamento, uma forma de ver e julgar o mundo social, um movimento intelectual organizado, um centro de geração e propagação de idéias e programas, um conjunto de políticas adotadas por governos especialmente a partir da segunda metade dos anos 70, propagadas pelo BM (Banco Mundial) e FMI (Fundo Monetário Internacional).

Para Cunha (1977), o neoliberalismo é um conjunto de crenças, de princípios e verdades aceitas sem contestação, uma ideologia. Tem por base o individualismo, a liberdade, propriedade, a igualdade e a democracia:

É possível afirmar que o neoliberalismo

"é a ideologia do capitalismo na era de máxima financeirização da riqueza, a era da riqueza mais líquida, a era do capital volátil – e um ataque às formas de regulação econômica do século XX, como o socialismo, o keynesianismo, o Estado de bem-estar, o terceiro-mundismo e o desenvolvimentismo latino-americano." (Moraes, 2001, p. 11)

Os liberais contemporâneos são herdeiros das tradições ideológicas, que surgiram no século XIX, que tratam do pensamento liberal e do pensamento conservador.

De acordo com o liberalismo, a procura pelo lucro e interesses próprios pertencem à natureza humana; uma livre concorrência encadearia uma organização espontânea do mercado, pelo que Smith chama de “mão invisível”, que regularia a economia como que numa seleção natural da lei da oferta e da procura.

Dessa forma, as potencialidades individuais seriam exploradas com maior eficiência, haveria maior empenho no trabalho em busca da recompensa, o que resultaria em maior riqueza devido ao aumento de produtos.

A grande crítica do pensamento liberal é dedicada ao mercantilismo e às corporações. O mercantilismo, apesar de ajudar no combate ao contrabando, inibia, segundo Smith, a inovação; e as corporações impediam o indivíduo de mudar de profissão ou exercer um ofício que fosse de seu interesse.

Ao final do século XVII, o pensamento liberal já defendia a procura do interesse próprio, pois este traria harmonia entre os diferentes esforços e vontades, e a limitação da intervenção do poder político, acarretando a defesa “das liberdades individuais, a crítica da intervenção estatal, o elogio das virtudes reguladoras do mercado” (MORAES, 2001, p. 21), bem como a defesa da propriedade privada.

Já no século XIX, o pensamento liberal foi extremamente ousado, propondo limitar o voto somente aos proprietários e/ou detentores de certa margem de renda, criar cargos que não seriam elegíveis e nem fiscalizados pelo Parlamento.

No início do século XX, é publicado, por Friedrich von Hayek, *O caminho da servidão*, uma enorme crítica a todos os socialistas e ao Estado-providência, que, segundo o autor, acaba com a liberdade dos cidadãos e com a competição criadora.

Os neoliberais, com sua campanha antiabsolutista, desejam o fim do Estado-de-bem-estar-social, da intervenção estatal na economia e dos sindicatos; o mercado é que deveria regular tudo. No entanto, muitos países adotaram políticas opostas ao liberalismo para fortalecer sua economia e, enquanto a livre concorrência era aclamada como o caminho para a prosperidade, muitas crises de superprodução, como a de 1929, ocorreram.

Foi então que John Maynard Keynes, estudando a situação, sugeriu que o poder público deveria regular as oscilações de emprego e investimento, para evitar esse tipo de crise, aliando o capitalismo ao setor público. Foi o chamado “consenso keynesiano”

Embora "adormecidos", os neoliberais aguardavam o momento oportuno para aparecer. Na metade dos anos 70, muitos deles assumiram o poder em alguns países e, nos anos 80, países latino-americanos adotaram programas neoliberais impostos como condição para a negociação de dívidas. Pode-se notar, a partir desse fato, o papel de difusor do neoliberalismo assumido pelo BM e pelo FMI.

Fica claro que o neoliberal pretende dismantlar as regulamentações do Estado nacional e, com a globalização financeira, as mesmas passam a uma esfera maior, como o BM e o FMI. Após todo o esforço dos movimentos trabalhistas para conquistar um espaço na política através do voto, o espaço político é cedido a organizações nas quais os trabalhadores não votam e nem opinam.

De acordo com Moraes (2001), há três grandes escolas do pensamento neoliberal: a austríaca, liderada por Friedrich August von Hayek, a escola de Chicago, ligadas a T.W. Schultz, Gari Becker (teoria do capital humano) e Milton Friedman, e a escola de Virgínia, liderada por James M. Buchanan.

O mercado é, na visão neoliberal de Hayek, a combinação dos interesses de cada indivíduo (consumidor e produtor). O que o movimenta é o empreendedorismo do indivíduo e a concorrência e, em meio à competição, há uma "seleção natural", na qual sobrevive a organização mais eficiente, sendo que os preços são ajustados de acordo como mercado livre.

Na Universidade de Chicago, na década 50, em cooperação com a Universidade Católica do Chile, foram treinados economistas que colocaram em prática, no período de Pinochet (1973-1989), procedimentos que ganharam relevância na década de 80; foi um transplante ideológico.

E, finalmente, na terceira escola, a premissa é que os fenômenos macropolíticos tem microfundamentos no comportamento individual. A partir dessa afirmação, é possível compreender o fundamento da ideologia neoliberal, estabelecido no liberalismo.

Há cinco princípios sobre os quais a ideologia neoliberal se fundamenta: o individualismo, a liberdade, a propriedade, a igualdade e a democracia.

- a. INDIVIDUALISMO: o sujeito deve ser respeitado por ter aptidões e talentos próprios. Segundo Cunha (1977), John Locke, um dos maiores expoentes do liberalismo, defendia que o homem, em sua fase inicial, vivia em um estado natural, no qual não existia governo; mas, como

cada um queria executar a lei por conta própria a fim de defender seu direito à vida, à liberdade e à propriedade, instalou-se a insegurança. Daí a necessidade de um governo não absoluto, com função de executar a lei natural.

A função do governo é permitir que cada indivíduo desenvolva seus talentos ao máximo; fazendo o indivíduo suas próprias escolhas, segundo suas capacidades, passa a ser o único responsável por seu sucesso ou fracasso.

- b. LIBERDADE em todos os aspectos: econômica, religiosa, intelectual, política. É condição para que o indivíduo aja de acordo com suas potencialidades, conseguindo o maior progresso. O liberalismo condena os privilégios decorrentes de nascimento (como por exemplo, herança) ou credo.
- c. PROPRIEDADE é um direito natural dos indivíduos, portanto, nenhum agente político pode tomá-la, ou seja, para os liberais, é inaceitável que haja uma política de reforma agrária, por exemplo.

Para o liberalismo, qualquer indivíduo, através de seu talento e trabalho, pode adquirir propriedades e riquezas, devendo ser livre para isso.

- d. IGUALDADE: Assim como os homens não são iguais em talentos, não podem ser em propriedades e riquezas, já que estas são conseqüências daqueles, por isso a sociedade é dividida em classes sócio-econômicas. A igualdade social significaria um desrespeito à personalidade de cada indivíduo, visto que alcançaríamos uma padronização entre os mesmos; a igualdade deve haver somente em relação à lei; todos são iguais perante a lei.

Enquanto a sociedade caminha rumo à desigualdade pela “força das coisas” (Cunha, 1977, p.32), o Estado através da legislação deve tender à equalização das condições.

- e. DEMOCRACIA: é necessária para que se cumpram os demais princípios do liberalismo. É por ela que os indivíduos têm direitos iguais de participar, através de representantes, do governo, buscando seus interesses e, conseqüentemente, os da sociedade.

Nem todos os liberais, como é o caso de Voltaire, são a favor da democracia, pois defendem o interesse dos bem sucedidos. Rousseau acreditava no governo da

maioria; no entanto, reconhece que a verdadeira democracia é praticamente inatingível, visto que é naturalmente impossível que a maioria governe enquanto poucos são governados, e que o povo não tem possibilidade de viver organizado, dedicando-se à vida política.

3.3 A concepção neoliberal de Educação

O principal ideal liberal de educação é o de que a escola não deve estar a serviço de nenhuma classe, de nenhum privilégio de herança ou dinheiro, de nenhum credo religioso ou político. A instrução não deve estar reservada às elites ou classes superiores, nem ser um instrumento aristocrático para servir a quem possui tempo e dinheiro. A educação deve estar a serviço do indivíduo, do “homem total”, liberado e pleno.

Deste modo, a escola, voltada para o homem sem levar em consideração suas crenças ou classe social, revelará e desenvolverá em cada indivíduo suas potencialidades, possibilitando o desenvolvimento do “individual para a construção do progresso geral” (Cunha, 1977, p.34).

A escola liberal trata os indivíduos com igualdade, para que as diferenças sociais sejam decorrentes somente das diferenças entre aptidões, ou seja, do mérito do indivíduo. Isso nos leva a concluir que, para o liberalismo, a posição social do indivíduo deve depender unicamente de seu talento e nível de instrução; não tem a ver com condição material.

Nem todos os liberais são a favor da universalização da educação. Locke (apud Cunha, 1977), por exemplo, considerava que a educação servia para que os ricos aprendessem a governar e administrar os negócios; aos pobres, restava a obediência. Para ele, já havia uma ordem estabelecida e a educação ajudaria a mantê-la.

Voltaire (apud Cunha, 1977) chegou a temer que a classe popular tivesse instrução, pois aqueles que têm propriedade precisam de servidores; se a classe pobre chegasse a uma melhor condição cultural, isso poderia minimizar a desigualdade social, mas seria um problema para os que necessitam de artifícios.

Enfim, a educação é vista pelos liberais como uma forma de ascender socialmente. No entanto, podemos notar que aqueles que são considerados liberais têm diferentes formas de pensar o papel da educação e do estado no liberalismo, apesar de concordarem com a essência da ideologia.

Para o liberal Condorcet (apud Cunha, 1977), o Estado tem como papel atenuar as desigualdades de riqueza, profissão e instrução, através de instituições de seguro para velhos, viúvas e crianças, e, principalmente, cuidar do ensino, para que seja público, assegurando, desta forma, a igualdade de oportunidades, fazendo com que as diferenças sociais sejam fruto somente da desigualdade de aptidões. A educação seria, pois, algo atrelado à política de responsabilidade do Estado

Quando essa postura é assumida, o ensino particular, que poderia acarretar diferenças em relação ao aprimoramento dos talentos individuais entre quem frequenta a rede pública e quem frequenta a escola particular, é retirado de cena. Dessa forma, atribui-se ao ensino um caráter democrático, visto que todos teriam acesso ao mesmo tipo de educação e, portanto, o fracasso ou sucesso nos estudos seria de responsabilidade do indivíduo e de suas aptidões.

Mas qual seria, então, o objetivo do estado e das instituições privadas em relação à instrução?

A educação tem o papel de libertar os indivíduos das diferenças sociais e, através dessa liberdade, alcança-se a igualdade (e vice-versa) – essa é a pedagogia de Condorcet. Portanto, a educação precisa garantir a todos as faculdades intelectuais e morais suficientes para que o indivíduo seja independente em todos os aspectos.

O Estado deve cuidar da instrução pública que, para ser liberal, deve impreterivelmente respeitar a liberdade de opinião; precisa, pois, expor os indivíduos a todos os tipos de crenças a fim de que tenham condições de escolher entre elas. O ensino deve ser gratuito, igual, obrigatório e laico, para que cada um busque seu próprio interesse, ao invés dos interesses do clero, por exemplo.

Por isso o papel do estado é de instruir; enquanto que educar é papel da família, e formar é papel das crenças religiosas, filosóficas e morais.

A gratuidade do ensino público tem por finalidade assegurar a igualdade de oportunidade de saber, mas Condorcet notou que somente isso não é o suficiente, visto que as crianças pobres têm que trabalhar; por isso, esse meio só seria eficaz contra a desigualdade, se estivesse unido a outro sistema de distribuição uniforme de renda. É importante que todos tenham acesso à escola, mas isso não é o suficiente para acabar com a desigualdade, se as crianças, por exemplo, precisarem trabalhar para ajudar no sustento da casa; logo aparecerá novamente a

desigualdade entre estas e as que não necessitam trabalhar e que, portanto, podem dedicar mais tempo ao estudo, lazer e ao acesso à cultura.

A educação deveria também atender aos diferentes talentos e respeitar o tempo que cada um dispõe para se dedicar aos estudos.

É importante perceber que, embora houvesse liberais elitistas, também houve liberais que defendiam a educação universal e gratuita, como forma de diminuir a desigualdade social.

“Todos têm liberdade para se educar, mas não têm, igualmente, as mesmas condições, porque a realidade sócio-econômica das diversas classes dentro da sociedade burguesa não lhes permite uma mesma instrução. Foram então simplesmente coerentes em separar os tipos de escola e até mesmo os tipos de instrução ‘adequados’ a cada classe. Os outros, no entanto, não apresentaram qualquer proposta de separação de classe, pleiteando uma mesma e igual instrução para todos, visando à equalização de oportunidades, vale dizer, visando à construção de uma sociedade aberta” (Cunha, 1977, p. 44).

Os liberais elitistas, como Locke, por exemplo, queriam manter a ordem como estava, por isso, sugeriram que se separasse a educação em vertentes diferenciadas para ricos e pobres. Oferecer educação desigual a pessoas desiguais parece de certa forma justo, se não fosse o fato de educar para governar e para ser governado, ao invés de lutar pela emancipação dos indivíduos através da escola. O que esses liberais pretendiam com esse tipo de divisão escolar era tão somente manter a ordem de divisão de classes como estava.

Construir uma sociedade aberta garantindo a mesma educação, ou seja, as mesmas oportunidades para pessoas com histórias de vida e recursos diferentes, é negar a desigualdade social e sua influência no desenvolvimento dos que pertencem a um grupo social menos favorecido economicamente.

Portanto, o neoliberalismo não pretende fazer com que as pessoas possam ascender socialmente, como ele mesmo propõe, mas colocar no indivíduo a culpa por não ter sido capaz de mudar sua condição social através dos próprios méritos.

3.4 A ideologia na educação

Antes de abordar a ideologia nos textos, faz-se necessária uma análise de como ela adentra a escola e quais as conseqüências para a instituição, os sujeitos que a freqüentam e a sociedade como um todo.

A educação, para Werneck (1984), busca a verdade e a transformação do real. Ela usa da observação e chega à sistematização dos conhecimentos e procura conhecer o homem em seus aspectos psíquico, corporal e social (Werneck, 1984). Para esta autora, em toda ciência humana há resíduos ideológicos.

Consciente ou inconscientemente, valores sempre são transmitidos pela educação; esses valores e os juízos de valor conduzem os comportamentos. Quando incorporados de forma inconsciente, viram costume.

A educação, estabelecendo esse comportamento ao indivíduo, visa não só a sua educação, mas visa à sociedade na qual está inserido; cada sociedade com suas próprias características culturais.

Segundo Werneck (1984), pode-se definir educação em duas vertentes:

- 1) Ação dos educadores com princípios científicos e filosóficos e que buscam atingir um objetivo;
- 2) A auto-educação, que se dá quando o aluno desenvolve suas funções biológicas, cognitivas, afetivas, entre outras, cabendo ao educador propiciar situações para esse desenvolvimento.

A educação se dá pela interação dos indivíduos no grupo, donde nascem os padrões culturais; o processo educacional condiciona as situações sociais e é condicionado por elas.

“Do ponto-de-vista educacional, ela produzirá legitimações sociais que irão propiciar o aparecimento dos modelos que hão de orientar a conduta dos educadores. A ideologia, então, se apresentará sempre como um modelo para a atuação e no caso para a atuação no processo educativo. É por essa atuação que irão surgir os diferentes estilos de relacionamento social, de condutas sociais”. (Werneck, 1984, p.83)

Em relação à ideologia, a autora afirma que esta é um

“produto do imaginário social que dá as diretrizes para o relacionamento social. Oriunda de um nível inconsciente e estruturada no imaginário, a ideologia é anterior à reflexão racional que é fundamento da filosofia” (Werneck, 1984, p. 68)

Althusser (apud Werneck, 1984) define a ideologia como “estruturas inconscientes, como um corpo de regras que determinam a organização e o funcionamento das imagens e conceitos” (p. 72), determinando a significação de todo discurso e toda conduta.

Para Gadotti, “é ilusão da pedagogia tradicional sustentar que a educação pode ser desvinculada do poder da ideologia, que é possível uma educação neutra,

que só a educação neutra ou desinteressada é a 'verdadeira educação'"(Gadotti, apud Werneck, p. 11).

"Na educação há sempre a transmissão de uma cultura existente num processo de conservação dos valores sociais e na necessidade de renovação com a inovação, a criação de novos valores culturais que vão transformar a sociedade" (Werneck, 1984, p. 77).

A educação é uma prática social que varia de acordo com as concepções de vida, escolhidas a partir de posições marcadas pelo imaginário social, ou seja, pela ideologia.

Ela só pode ser analisada, se percebida em sua totalidade: o indivíduo é um todo no qual interagem vários fatores e há a totalidade desse indivíduo com seu meio. O indivíduo pode ser aluno ou professor, na busca da adaptação por atitudes que desejam alcançar o equilíbrio.

A ideologia e a educação visam à ação para objetivos específicos.

É preciso diferenciar o que realmente ocorre da intenção do educador, para que haja reflexão que estabelecerá as teorias para uma prática educativa correta, pois "é impossível admitir-se uma prática educativa dissociada das ideologias e o perigo maior será exatamente essa admissão" (Werneck, 1984, p.84).

Educador e educando são indivíduos que expressam valores através de suas opções, que ultrapassam o plano subjetivo e se manifestam objetivamente por atitudes que as revelam. Essas atitudes, bem como a linguagem, estabelecem uma intercomunicação entre os indivíduos.

O educador, além de transmitir conhecimento e técnicas, transmite sua visão de mundo e ideologia. O professor possui uma visão embebida em uma ideologia, bem como o aluno.

A ação do educador vai além do âmbito do educando e constitui-se uma prática social; educar é um ato político. Por isso é necessário que o professor conheça o meio social de seus alunos. Se o educador tentar negar seu papel político, estará exercendo um papel muito pior: o da política da dominação, agindo politicamente, de modo inconsciente.

Quando uma mensagem vai ser passada, há inúmeras opções para construí-la e, qualquer mudança, pode alterar sua conotação, podendo haver ao mesmo tempo uma contradição entre esta e a denotação da mensagem. É pela conotação que são transmitidas as ideologias, porque escapam à razão.

As ideologias originam-se em fatores inconscientes, estruturam-se no imaginário e se revelam em todos os aspectos do conhecimento: a constância e a coerência dão a ela tal força, que pode se tornar dominadora.

Por isso a linguagem precisa ser analisada no processo educacional; ela pode transformar-se num processo de dominação e, apesar de todo cuidado, há ainda o risco da interpretação individual dos ouvintes, conforme os conhecimentos de cada um.

“A ideologia manifesta-se pela própria linguagem que o homem já recebe ao começar sua existência. Aprendemos, juntamente com a linguagem, um modo especial de entender as relações humanas. É nesse contexto primitivo em que se inicia a vida do homem que começa também seu modo de vivenciar o relacionamento social. É na infância, no conviver inicial que se fundamentam e se encontram as raízes da ideologia” (WERNECK, 1984, p. 114).

Ainda há de se levar em consideração que:

“Os símbolos, no entanto, não representam apenas conceitos, como uma produção meramente intelectual, mas representam também formas do imaginário e estados emocionais. Podem pois ser um meio de mascarar a verdade ao invés de dá-la a conhecer. O estudo dos símbolos e de suas múltiplas funções será de primordial importância para aqueles que se dedicam à educação” (WERNECK, 1984, p. 93).

Daí a importância de pesquisas que se dediquem ao trabalho de parar para analisar que valores, que ideologias estão sendo transmitidos aos educandos.

Segundo Verón (apud Werneck, 1984), para controlar a conotação das mensagens, por onde passa a ideologia, é preciso buscar uma pluralidade de mensagens, assim o discurso não se apresenta como o único possível.

O que não é dito, também é dito; a ausência de uma palavra também traça um significado. O educador precisa saber disso para não distorcer a intenção de sua ação.

A educação emancipadora sempre tem um objetivo: a consciência crítica, que vai permitir que uma pessoa saia do conformismo, da submissão; ou seja, a educação deve promover a emancipação do sujeito. Não se trata de uma supervalorização da razão, mas de uma liberdade que dê sentido à ação humana, e essa liberdade precisa da consciência crítica.

Para haver essa conscientização, o educador deve estar convicto da possibilidade de descobrir a verdade, mas é preciso que os indivíduos saibam das limitações dos sistemas de pensamento e do conhecimento da realidade para que

haja maior liberdade. “Esta é a importância da escola: propiciar pelo diálogo a reflexão, desenvolvendo a capacidade de julgar, promover valores e buscar um sentido para o saber” (WERNECK, 1984, p.105).

3.5 Sobre a função da escola

Bárbara Freitag (1978) faz uma comparação entre diversos autores, que auxilia na compreensão do papel que a escola assume perante o Estado e a sociedade.

Como já foi dito anteriormente, não há educação livre de ideologia, “a transmissão de experiência de uma geração a outra se dá no interesse da continuidade de uma sociedade dada” (Freitag, 1978, p. 10). A educação, como doutrina pedagógica, baseia-se numa filosofia de vida, concepções de homem e sociedade, e passa por instituições como família, escola, igreja e comunidade.

A escola não é algo à parte da sociedade; portanto, não é possível isentá-la de valores e concepções de mundo. Todas as instituições pelas quais o indivíduo passar ao longo de sua vida serão fundamentadas a partir de um pensamento e valores que aquele grupo julga os mais adequados. E, dessa forma, o sujeito terá a possibilidade de assumir a mesma forma de pensar e agir se assim o quiser e se assim lhe for permitido.

Desse modo, fica claro que é ilusão pensar em uma educação completamente desprovida de pensamentos ideológicos; o indivíduo passa por instituições que já estão prontas quando ele nasce; a sociedade já está organizada de um modo cujos princípios são ocultamente irrevogáveis.

Os conteúdos da educação independem da vontade do indivíduo; são impostos, internalizados, reproduzidos e perpetuados. Talcott Parsons (apud Freitag, 1984) acredita que a socialização é o meio de manter o sistema social em equilíbrio, mas considera que, como o sistema precisa socializar seus membros, o indivíduo também tem necessidades que só o sistema pode satisfazer e, nessa troca, ambos são beneficiados.

Tanto para Parsons, como para Durkheim, segundo Leite (2007), a escola tem a função Socializadora. Ela deve preparar o indivíduo para a vida em sociedade, transformando o homem, que nasce, de acordo com esses autores, como um ser

egoísta em um ser social, transformando egoísmo em altruísmo e beneficiando a própria sociedade.

De acordo com essa vertente, há, pois, uma educação que faz com que o indivíduo aceite determinadas imposições do sistema, em troca de gratificações. Reforçada com elogios e agrados, a criança não percebe que as necessidades do sistema tornaram-se suas necessidades e passa a dar mais importância às necessidades do todo do que às suas próprias.

Alcançado esse equilíbrio entre o interesse do indivíduo e o da sociedade, sem perceber, aquele passa a servir a esta de maneira operacional, cuidando para que o sistema societário, a forma de organização da sociedade, se mantenha como está. Por isso, essa visão deve ser questionada, visto que reproduz uma visão conservadora e estática de educação.

Já Dewey (apud Freitag, 1978) acredita que o papel da educação não é manter as estruturas, mas implantar estruturas democráticas. Para ele, os indivíduos têm as mesmas chances, porém aptidões diferentes, e competem de acordo com regras as quais todos conhecem e aceitam. É um mecanismo de implantação de estruturas democráticas que pressupõe chances iguais numa sociedade livre e igualitária, na qual os sujeitos competem mediante regras fixadas, aceitas e internalizadas, e cujas diferenças de nível e qualidade são aceitas como justas porque foram assumidas democraticamente. Há igualdade de chances, não igualdade entre os homens.

As desigualdades, portanto, não são geradas histórica e socialmente, mas decorrem das diferenças naturais entre os homens e são, pois, justas. E este, como já foi dito, é um dos princípios da ideologia neoliberal.

Para manter a ordem social democrática é preciso que haja uma série de agentes sociais dentre as quais se encontra a educação; pesquisa-se, planeja-se e, através da educação, colocam-se os planos em prática.

Na visão de Mannheim (apud Freitag, 1978), a educação está na família, na escola e lugar de trabalho. É na própria vida, portanto, que se dá a educação para a democracia. Para este autor, através da reflexão consciente, os intelectuais se libertam e planejam racionalmente uma sociedade democrática e a impõem aos demais indivíduos, que passam a viver num autoritarismo consentido.

Para que isso aconteça, a educação tem um papel muito importante: criar nos indivíduos a aceitação do novo *status quo* proposto, passando a assumir um processo constante de reprodução, fazendo com que se perceba que há

“estruturas sociais supostamente democráticas que de fato perpetuam as desigualdades sociais e históricas, interpretadas como naturais e devidas a diferenças individuais, com auxílio do postulado da igualdade de chances” (Freitag, 1978, p.16).

Esses dois últimos autores compartilham da mesma visão de educação, conhecida como Pragmatismo (Leite, 2007), que pressupõe que é necessário que haja igualdade de chances e que, portanto, a desigualdade social é reflexo das diferenças individuais. É também uma concepção de função da escola que deve ser questionada, visto que preserva um caráter conservador coerente com a ideologia liberal.

De acordo com Leite (2007), há uma concepção de educação que atribui a ela um papel atrelado à economia. Essa visão é defendida por autores como Gary Becker, Theodore Schultz, Friedrich Edding e Robert Solow, que vêem a educação como fator necessário para completar a relação do capital, trabalho e crescimento econômico. Daí surge a necessidade de países capitalistas investirem no chamado capital humano, visto que seria papel do Estado investir na formação do indivíduo, para que ele, como um profissional bem qualificado, produzisse mais, revertendo, teoricamente, o lucro obtido através desse trabalho para o Estado e para o próprio indivíduo.

Porém, se essa situação for mais profundamente analisada, na verdade, quem se beneficia não é o trabalhador e nem o Estado, mas o capitalista que empregou a força de trabalho. Ou seja, o investimento feito na educação só se reverterá em lucro para as empresas privadas, portanto, a mão de obra não é aprimorada para a emancipação e melhora da vida do trabalhador, mas para aumentar sua dependência em relação ao capitalista.

Para que o dinheiro empregado na educação tenha o devido retorno, o planejamento educacional pode seguir duas vertentes: o modelo de investimento que visa alocar de modo mais adequado o que há disponível para que isso resulte em maior rentabilidade, ou o modelo de demanda que manipula a escola diretamente, pois se preocupa com a oferta e procura de mão de obra no mercado de trabalho (ou seja, o interesse do capitalista é favorecido em detrimento das

vontades individuais), moldando os trabalhadores e os que estão à procura de trabalho, de acordo com as demandas do modo de produção (FREITAG, 1978).

Para a autora, “a economia da educação justamente ajuda a disfarçar a essência do problema subjacente a estas ideologias da igualdade de chances e da troca de equivalentes” (p. 25).

O Estado, com suas políticas educacionais, sempre buscará a hegemonia, de acordo com os interesses da classe dominante. Por isso suas medidas não são violentas, caso contrário, seria um Estado absolutista; mas ele precisa fazer com que as escolhas da classe dominada sejam aparentemente livres.

Outra concepção de educação trazida por Leite (2007) é aquela compartilhada por Boudieu e Passeron, que olham para a escola como uma instituição que preenche duas funções estratégicas para a sociedade capitalista: a reprodução da cultura e a reprodução da estrutura de classes. Uma das funções se manifesta no mundo das ‘representações simbólicas’ (conceito trazido por Bourdieu, apud Freitag, 1978) ou ideologia, a outra atua na própria realidade social.

Essa visão de educação perpetua o ensino dualista (uma escola para a classe dominante e outra para a classe dominada), atuando através da exclusão, atribuída a problemas relacionados apenas ao aluno, como incapacidade, falta de habilidade e interesse ou problemas familiares. Assim, coloca-se no indivíduo toda a responsabilidade pelo fracasso escolar.

Para garantir a reprodução, não basta manter as relações estabelecidas entre os homens, como as relações de trabalho, por exemplo, mas é necessário reproduzir também as idéias (representações simbólicas) que os homens têm ligadas a essas relações.

Para reproduzir relações materiais, é necessário reproduzir as falsas consciências dos operários, com auxílio da escola.

“É, pois, a escola que transmite as formas de justificação da divisão do trabalho vigente, levando os indivíduos a aceitarem com docilidade, sua condição de explorados ou a adquirirem o instrumental necessário para a exploração da classe dominada” (FREITAG, 1978, p.28).

Para Bourdieu, além da transmissão da ideologia, a escola também reproduz a estrutura social hierarquizada imposta por uma classe social à outra, através da transmissão de poder e privilégio sob aspecto de neutralidade. Desse modo, a escola reproduz as relações sociais, a cultura e a ideologia da classe dominante. Em suma, há reprodução cultural e social.

Tendo o indivíduo êxito na escola, de acordo com os padrões fixados por esta, são criadas idéias, sob aparência de neutralidade, que convencem os outros a se manterem submissos, atribuindo a exclusão e a dominação à falta de habilidade, capacidade, etc.

Althusser (apud Freitag, 1978) caracteriza a escola como “aparelho ideológico do Estado”, de forma que esta assegura a reprodução da força de trabalho e faz com que os indivíduos aceitem a divisão de classes; ela reproduz as forças produtivas e as relações de produção.

“Assim a escola, na medida em que qualifica os indivíduos para o trabalho, inculca-lhes uma certa ideologia que os faz aceitar a sua condição de classe, sujeitando-os ao mesmo tempo ao esquema de dominação vigente. Essa sujeição é, por sua vez, a condição sem a qual a própria qualificação para o trabalho seria impossível” (Freitag, 1978, p. 28)

Para Leite (2007), juntamente com a família, igreja e meios de comunicação, a escola tem a função de contribuir para a divisão social de classe - que tem sua origem na produção e distribuição da riqueza, portanto, na economia - através da reprodução da ideologia liberal, subjacente ao próprio sistema capitalista, condição para a reprodução das condições materiais.

Nota-se pouco otimismo em relação ao papel da escola no sentido de transformação social perante as idéias de Althusser. No entanto, esse sentimento de impotência perante a reprodução social pode ser superado, quando se analisam as ideias de Gramsci.

O autor propõe a organização do Estado em duas instâncias: a sociedade política (representada pelos poderes, mecanismos de repressão, tribunais, entre outros) e a sociedade civil, na qual se encontram as instituições privadas, como a escola, além da igreja, da mídia, etc. (Leite, 2007).

Na sociedade civil, circulam livremente diversas ideologias e, através de um processo que Gramsci chama de “hegemonia”, a classe dominante, através da atuação da sociedade política, busca difundir sua ideologia na sociedade civil. Esse processo estaria completo se a classe dominante não encontrasse contra-ideologias na sociedade civil, de modo que os indivíduos aceitassem sua dominação; mas é nesse processo de conflito ideológico que ocorre a luta de classes.

Se, por um lado, a escola pode parecer apenas mero reprodutor social, para Gramsci, ela é um lugar de luta de classes, onde efetivamente os conflitos ideológicos acontecem, e daí a importância de haver

“educadores comprometidos com a chamada contra-ideologia, ou seja, comprometidos com concepções de homem e de mundo marcados por valores centrados na justiça, na solidariedade e no respeito humano, contrapondo-se às relações injustas de dominação, que marcam, inevitavelmente, as formas de produção capitalista” (Leite, 2007, p. 7)

Enfim, é preciso tomar consciência de que nenhuma política educacional é neutra, pois reflete o que ocorre nas esferas política, econômica e social; encerrar a idéia de que a educação institucional é a única responsável pelo fracasso ou sucesso do sujeito; assumir que a escola pode ser (e deve ser) um espaço para o exercício da reflexão crítica que visa uma educação transformadora, e que isso depende de educadores comprometidos com a superação da reprodução das relações e classes sociais (Leite, 2007).

Apresentação das Categorias

Após o esclarecimento sobre o que vem a ser conteúdo ideológico e em quais princípios está pautado o neoliberalismo, segue a apresentação das categorias encontradas nos textos. Cada tema exigiu uma pesquisa específica e, portanto, encontram-se bem subdivididos e organizados, para melhor compreensão.

4. Mulher

A categoria “mulher” foi subdividida em três temas - maternidade, lealdade e docilidade - que definem suas características nos textos analisados, ela sempre aparece preocupada primeiramente com a família, quase nunca trabalha fora e, quando isso acontece, sua profissão é a de professora.

Essa profissão também é recorrente nos textos analisados por Nosella (1979), nos quais a mulher é dona de casa, ótima cozinheira, está sempre atenta aos filhos e é símbolo de amor, sacrifício, proteção e santidade.

4.1 Maternidade

Dentre várias características atribuídas à mulher, o papel de mãe se sobressai nos textos. Sempre muito dócil para com todos e leal ao marido, a mulher-mãe é a mais exaltada.

No Brasil, desde a colonização, há estereótipos femininos: as negras, que podiam ser vistas como trabalhadoras e objetos sexuais, e, posteriormente, com a chegada das mulheres brancas, aparece o que Souza (2000) chama de marianismo, em outras palavras, mulheres assexuadas, submissas e treinadas para o casamento.

Nos textos dos livros didáticos de Língua Portuguesa pesquisados, a mulher aparece como figura idealizada, sempre muito meiga e carinhosa para com os filhos.

É possível notar todo o amor e dedicação que a mulher tem para com a família em textos como este:

“(...) Mamãe vem, ajeita a gente na cama, fala um segredinho, dá um beijinho, apaga a luz, encosta a porta do quarto e vai embora assistir à novela das oito.(...)Mamãe vem correndo, senta carinhosa ao lado da cama e canta assim:

'Tutu-Marambá

Não venha mais cá

Que o pai da criança

Te manda matar!

(...)Voz de mãe quando surge na escuridão é uma das coisas mais lindas que já inventaram até hoje."

Texto 5, livro 4.

Caixeta e Barbato (2004) desenvolveram um trabalho sobre a identidade da mulher, no qual afirmam que, no século XVIII, em virtude de importantes mudanças políticas, sociais e econômicas, inicia-se a idéia de identidade individual, de privado, enfim, começa a ser construída a família nuclear. E acrescentam:

"Nesta nova família, aparece a figura da criança como aquele membro que precisa de cuidados especiais para se desenvolver bem, afinal, ela é o futuro dos estados nacionais em construção. Para atender a essa nova exigência social, a mulher foi confinada na esfera doméstica, onde, por amor, passou a viver com o objetivo de cuidar dos (as) filhos (as), marido e casa. Começa, então, a ser institucionalizada a característica cuidadeira da mulher, refletida nas suas atuações como mãe, esposa e dona-de-casa" (ARIÉS,1986; CASTRO, 1996; NOLASCO, 2001; ROCHA – COUTINHO, 1994, apud CAIXETA E BARBATO, 2004, p.7).

Desde 1970, os movimentos feministas questionam esse determinismo biológico, no qual o casamento e a família eram os lugares nos quais as "rainhas" exercem seu poder; a mulher era tida como um ator social ignorado, ganhando sempre menos que o sexo oposto pelo seu trabalho.

No entanto, há, segundo Nascimento e Oliveira (2007), registros anteriores de mulheres que iniciaram suas reivindicações através de um periódico intitulado "O Sexo Feminino", publicado semanalmente, a partir de 07 de setembro de 1873, por uma pequena elite de mulheres letradas, em Minas Gerais.

A editora, Dona Francisca Senhorinha da Motta Diniz, ao se mudar com as filhas para o Rio de Janeiro, continua, com o auxílio de outras mulheres, a publicar seus jornais, apesar do fato de que, na época das publicações de Dona Francisca, as mulheres que sabiam ler correspondiam a 7% da população total. Há, ainda, tantos outros registros de jornais publicados por mulheres, para as mulheres, inclusive em outros países.

Dona Francisca criticava em suas publicações a repressão e submissão femininas do século XIX. E a valorização da mulher, mesmo na esfera doméstica,

impulsionou a reivindicação de mais espaço no mercado de trabalho e participação política.

Desde aquela época, não faltavam discursos que buscavam fazer com que as mulheres se conformassem com sua intervenção social restringida ao âmbito familiar. Porém, já é possível notar o surgimento do movimento feminista, ainda que disfarçado, com o objetivo de possibilitar à mulher alçar vôos mais altos fora de seu lar.

Tais publicações visavam denunciar os papéis naturalmente designados aos sexos, intervindo na dinâmica social.

Ambos os discursos estavam impressos e eram disponibilizados através de jornais: os que queriam situar a mulher em um determinismo biológico e os que queriam dar a ela maior liberdade social; lia quem podia e quem queria. Nos tempos atuais, temos o livro didático como grande veículo propagador de discursos que podem ou não favorecer o papel social feminino emancipado, e que é lido por crianças nas escolas.

Dona Senhorinha queria que suas leitoras tivessem atitudes menos passivas. E os livros didáticos? O que querem que as crianças pensem sobre o papel da mulher na sociedade?

O fato é que, de lá pra cá, muitas transformações ocorreram: mudanças de ordem econômica, política, cultural e tecnológica; sobretudo, a comunicação foi transformada. E, como se pôde ver até aqui, ela contribui para modificar a estrutura da vida de mulheres e de homens, inclusive construindo uma nova identidade (VIEIRA, 2005).

“A identidade da mulher é por natureza heterogênea e não se constitui plenamente, mesmo que a reunião de todos os domínios vividos por ela fosse possível. Além disso, a identidade é um processo contínuo e as características identitárias de ontem não constituirão exatamente a identidade de hoje. Ao mesmo tempo, a identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro. Importa, antes de tudo, como e de que modo o outro a vê e não apenas a imagem que ela tem de si mesma. Em qualquer sociedade, a identidade é construída socialmente pelas práticas discursivas, cujo discurso é produto da cultura que a construiu. Assim, a identidade feminina é definida pelo discurso de seu interlocutor. Resulta do efeito espelho, identifica-se pelo olhar do outro.” (VIEIRA, 2005, p. 22)

Contudo, as mulheres sempre lutaram para conquistar seus direitos. E foi em 1975, durante a presidência de Ernesto Geisel, que foi iniciado o Movimento Moderno as Mulheres no Brasil.

Foi também nessa década que houve grande crescimento na participação feminina na economia e em profissões mais prestigiadas, como medicina, engenharia e advocacia.

Além disso, a Igreja Católica, através da criação das comunidades eclesiais de base, passou a se dedicar mais às ações sociais e políticas.

Os temas mais discutidos pelo movimento feminista diziam respeito ao planejamento familiar, ao cuidado dos filhos de mães trabalhadoras (creches) e à violência contra a mulher.

Esse último tema retorna uma idéia anterior, quando se fala sobre o tempo colonial: o Brasil começou a construir a relação entre homens e mulheres de forma que aqueles sempre detiveram autoridade e poder absoluto sobre estas.

Os textos cujo assunto tratado é a mulher-mãe, revelam toda ternura envolvida no cuidado com os filhos, criando uma prisão ao papel materno.

Após todas as lutas das feministas para que haja igualdade entre os sexos, ainda há estereótipos que defendem que cuidar dos filhos, colocá-los para dormir e cantar docemente é papel exclusivo das mulheres.

Não significa que isso nunca ocorra nas famílias, ou que a mãe não possa tratar um filho dessa maneira. Mas as pessoas são incapazes de imaginar, por exemplo, que seja o pai a cantar para o filho dormir; ou porque é proibido que homens cantem para seus filhos, ou porque estes, por causa da formação que tiveram em oportunidades como essa, em um texto de livro didático, aprenderam que, enquanto a mulher cuida da casa, dos filhos e do marido, ele deve ler o jornal ou assistir a seu programa de televisão favorito.

4.2 Lealdade

A bravura e coragem das mulheres também são exaltadas em um dos textos encontrados nos livros didáticos, mas atrelados à qualidade de permanecerem sempre fiéis ao lado de seus maridos:

"Impressionado com a lealdade das mulheres, que haviam permanecido com seus maridos, Conrado oferecia a elas a salvação: poderiam sair do castelo, atravessar o acampamento de suas tropas, que não seriam maltratadas. (...) Conrado recebeu-as, cada vez mais impressionado com a sua valentia. (...) Ante o olhar atônito dos homens de Conrado, as mulheres

passavam, com seus maridos nos ombros. (...) Contam que o castelo não foi nem invadido”

Texto 10, livro 5

Um estudo feito por Alves (2000) mostra que, mesmo no fim do século XIX e início do século XX, há um conjunto de valores que precisavam ser passados às mulheres, especificamente na educação, como “delicadeza no trato”, “pureza” e “habilidades manuais”.

O relato das mulheres entrevistadas por Alves (2000) indica que, para garantir que esses valores fossem impressos nas meninas, eram utilizadas “ameaças de abandono e solidão”, “castigos dos céus”, “remorso” e “culpa” (ALVES, 2000, p.5).

Já nas últimas décadas do século XX, a mulher mantém atividades fora do lar, mas ainda é de sua responsabilidade o bom andamento da casa, os filhos e o bem-estar do marido

Não há, explicitamente, no currículo escolar uma disciplina que ensine as mulheres “habilidades manuais”. No entanto, há certa coerção no sentido de que é dever dela zelar pelo bem-estar do marido e dos filhos, sendo leal à sua família.

Até os dias atuais, a mulher sente-se culpada se a criança fica doente, se os pais necessitam do seu auxílio, ou se o casamento vai mal. É dela o papel de apaziguar os conflitos, agradar o marido, educar os filhos... Tudo com muita graciosidade, afetividade e meiguice.

4.3 Docilidade

Sempre que os filhos referem-se à mãe, o fazem de forma que esta aparenta ser fonte de toda docilidade: resolvendo conflitos e agradando a todos com aquilo que eles mais gostam, a fim de satisfazer suas necessidades e fazê-los felizes, mesmo quando não querem cumprir com alguma responsabilidade. É o que acontece no trecho desse texto, no qual o filho decide ficar e cumprir sua obrigação, porque assim que sua mãe chegar, trará algo que o agrada.

*“Mas agora eu me lembrei,
logo que a mamãe chegar,
vai ter bala de hortelã.”*

Texto 1, livro 2

Atualmente, é possível perceber a exigência de que a mulher - apesar de participar mais ativamente de áreas antes exclusivamente masculinas, como postos no mercado de trabalho, ou mesmo na política - não perca sua feminilidade e docilidade, acabando por acumular trabalho. É preciso trabalhar fora, trabalhar em casa, ser mãe, esposa, dócil e gentil para com todos, especialmente para com a família; como se tudo isso fizesse parte da personalidade feminina.

Há uma pesquisa realizada por Marri e Wajnman (2007), que relata o desconforto do casal, quando a mulher passa a ser a principal provedora do lar, pois:

“estas mulheres acabam sendo duplamente penalizadas, porque, do ponto-de-vista doméstico, apesar de serem as provedoras financeiras, isto não as libera das tarefas familiares tradicionalmente femininas. Do ponto-de-vista do mercado de trabalho, por outro lado, estas mulheres são discriminadas salarialmente, além de estarem sobre-representadas nos quartis mais pobres de renda, o que deprime o bem-estar destas famílias comparativamente às tradicionais” (Marri e Wajnman, 2007, p. 13).

Outra pesquisa, realizada por Possatti e Dias (2002), delineou campos nos quais o distress (tensão psicológica caracterizada pela depressão e ansiedade) aparece com mais frequência: mulheres, casamento, eventos indesejáveis da vida e status sócio-econômico (Possatti; Dias, 2002). Pois “os meios de comunicação continuam a mistificar as informações e a criar uma grande culpa para as mulheres ou casais que diferem do padrão estabelecido” (Possatti; Dias, 2002, p. 9)

A conclusão da pesquisa é que a multiplicidade de papéis tem contribuído para o bem-estar psicológico da mulher. Isso se dá pelo fato de que, apesar dos múltiplos papéis, o bem estar psicológico é possível quando as recompensas são maiores que as preocupações (Sieber, 1974, apud Possatti; Dias, 2002).

No entanto,

“inúmeras mulheres testificam que, ao fim de um dia de trabalho, em diferentes áreas, têm de tomar conta de seus lares enquanto os maridos lêem o jornal ou apreciam os programas favoritos de TV. Um movimento de libertação da mulher deve permitir-lhe conservar a cultura própria do seu sexo no mundo do trabalho e da política, o que implica melhores oportunidades profissionais em proporções de igualdade com o sexo masculino, sem diminuir ou perder, no entanto, a qualidade de vida pessoal.” (Vieira, 2005, p. 23).

No quadrinho abaixo, pode-se observar claramente, como a função de cuidar dos afazeres domésticos é socialmente atribuído somente à mulher:

Zé do Boné



Segundo Melo, Considera e Sabatto (2007), o fato de o trabalho doméstico não ser considerado pelas estatísticas econômicas desvaloriza o trabalho feminino (visto que este é delegado às mulheres), mesmo tendo correspondido a 11,2% do PIB brasileiro, de 2001 a 2005.

Após a ONU ter instituído 1975 o Ano Internacional da Mulher, muitas transformações vêm acontecendo. As linhas de pensamento que se identificam são duas: a primeira defende que a biologia é fator que condiciona, atribuindo à mulher o papel de mãe e de doméstica, ficando esta, restrita à esfera privada, enquanto o homem exerce seu poder econômico na esfera pública. A segunda defende que não se nasce mulher, mas torna-se mulher, aprendendo com o tempo.

Este trabalho não pretende defender uma ou outra teoria. O problema a ser discutido é que, as funções domésticas ou ligadas à família são questões que se apresentam nos livros desenvolvidas apenas por mulheres.

Mesmo recentemente, é possível observar essa distinção na divisão sexual do trabalho, ou seja, mesmo a mulher entrando na esfera pública, ainda há diferença entre as funções desempenhadas por homens e mulheres.

É interessante notar como, apesar de a mulher ter alcançado maior participação política e econômica, o papel masculino pouco ou nada se alterou, visto que as tarefas domiciliares ainda são desempenhadas, em sua maioria, por mulheres. Mesmo na ausência da mãe/esposa, é a 'empregada doméstica' quem realiza as tarefas.

Distinguir a mulher mãe/esposa da dona-de-casa chegou a causar agitação entre as feministas, que queriam desmascarar o trabalho não pago.

"Como o papel de dona-de-casa não é compreendido como um trabalho, mas sim como uma obrigação feminina, advinda da sua natureza de mulher, não goza dos direitos civis que a sociedade capitalista, em crescimento, passa a elaborar para seus trabalhadores" (Caixeta e Barbato, 2004).

Porém é preciso considerar que:

“a luta feminista para a equiparação das mulheres aos homens não está favorecendo o sexo feminino, ao contrário, está masculinizando-a. O fato de as mulheres trabalharem em igual número de horas que os homens e com as mesmas funções não significa necessariamente a sua libertação; isso pode ser uma dupla escravatura, pois, ao mesmo tempo, trabalha em sua profissão e no lar, duplicando sensivelmente a sua jornada de trabalho.” (Vieira, 2005, p. 22)

De acordo com Vieira (2005), um sujeito livre opta por aquilo que desejar, participa ativamente da construção da sua identidade, ao contrário do assujeitado, que é produto de discurso; seu papel não vai além de se render às formas de pensar comum ao grupo social.

Obviamente, todos serão influenciados pelo momento histórico, mas é preciso incorporar marcas exclusivas para compor a identidade, e isso não pode ser pré-determinado pelo gênero.

Para Vieira (2005), “Mesmo que os elementos culturais referentes a sexo ou nacionalidade não sejam inatos, a sua influência na construção identitária começa cedo na vida do sujeito” (p.13).

Mesmo sendo homens e mulheres “livres para fazer o que desejarem”, aqueles sempre aparecem dominando a vida social fora do lar, e estas, cuidando de suas famílias. Eis aí um resquício de ideologia neoliberal: a liberdade, disfarçada.

Sobre isso, Vieira afirma que:

“são tão difíceis e lentas as mudanças sociais referentes à identidade das mulheres, pois cada alteração deve desconstruir processos históricos de séculos de preconceitos e de crenças, solidamente estratificados no seio da sociedade” (Vieira, 2005, p. 27).

E ainda: “o sexo é biologicamente determinado, o gênero é socialmente construído em cada sociedade” (Vieira, 2005, p. 32). A identidade da mulher é, pois, “um reflexo das crenças, valores e costume de cada grupo social” (Vieira, 2005, p. 37).

Isso confirma o fato de que as ideologias estão em toda parte, ocultas ou não, dizendo como a personalidade feminina deve ser construída.

Numa pesquisa feita por Caixeta e Barbato (2004), com mulheres de 44 a 74 anos, moradoras de ambientes rurais, em Ceilândia/DF, verificou-se que somente na velhice elas decidiram cuidar de si mesmas; agora que já criaram os filhos,

concluindo uma atividade desse papel central, que é materno, lembraram de que são seres ativos, que têm capacidade de aprender e de ensinar.

Para Alves (2000), esse tipo de comportamento é tido como natural e dificilmente será alterado, porque

“Os valores acham-se entranhados na cultura e sua assimilação é lenta, constante e profunda, de tal modo que transformações drásticas levam muito tempo para se efetivarem. Além disso, para que isto ocorra, as gerações precisariam não manter contato umas com as outras; e, numa sociedade que envelhece também rapidamente, estão convivendo, na mesma família, os bisavós, os avós, os filhos e os netos, negando, assim, a descontinuidade do processo de transmissão de padrões, valores e normas.” (Alves, 2000, p.12)

Infelizmente, essas idéias passadas através dos textos pretendem transparecer uma realidade que não condiz com o modo como as pessoas vivem. O objetivo é justamente fazer com que haja um modelo a ser seguido para que as pessoas que vivem de modo contrário desejem ser como o texto descreve e para que quem vive dessa maneira (o que é muito pouco provável, pois nos dias atuais, a mulher tem desenvolvido múltiplos papéis apesar de ainda ser tratada desigualmente em relação ao homem) sinta-se feliz por estar cumprindo seu papel na sociedade.

As mulheres da pesquisa de Caixeta e Barbato (2004) foram educadas para serem como a mãe que aparece nos textos: dóceis, leais e preocupadas com a família. Atualmente, mesmo com tantas lutas e mudanças no cenário político, econômico e social, o objetivo da educação em relação ao papel feminino não se alterou; a mulher apenas acrescentou tarefas ao seu papel. Agora, além de ser dócil, leal e preocupada com a família, ela trabalha fora, tem vida social ativa, mas não compartilha de seus afazeres com o marido.

A construção do papel social feminino continua sendo repleta de exigências exclusivamente femininas. As meninas continuam a brincar de boneca e casinha enquanto os meninos brincam de carrinho; as mães continuam a cantar para os filhos dormirem e a cuidar do marido enquanto ele trabalha fora e assiste ao seu programa de televisão favorito. A dificuldade está em fazer com que as pessoas se dêem conta disso.

5. Família

Para melhor compreensão do que são os modelos de família e qual é a origem desse modelo - por que as famílias são organizadas de determinada maneira - recorre-se a um breve histórico, a partir da Idade Média.

Segundo Poster (1979, apud Abeche; Rodrigues, 2010), as casas da aristocracia européia, durante a antiga monarquia, abrigavam de 40 até mais de 200 pessoas, entre elas parentes e clientes sendo que o patriarca (pai) tinha autoridade absoluta. As crianças recém - nascidas logo eram entregues às amas de leite, estabelecendo seus primeiros vínculos com pessoas que não eram da família.

Nessa mesma época, havia a família camponesa, que não era tão extensa, mas que podia ser composta por três gerações, vivendo na mesma casa. A autoridade estava na aldeia, pois a sobrevivência dependia do todo. A amamentação nesse caso era feita pelas mães, que encaravam essa tarefa como algo cansativo e de pouco envolvimento emocional.

Nos dois modelos, não havia privacidade, visto que as casas eram habitadas por famílias muito numerosas; havia poucos hábitos de higiene e as crianças eram educadas através de agressões físicas, se viessem a desafiar a autoridade do lugar, o que causava total submissão a ordens externas, favorecendo o absolutismo e o mercantilismo da época.

Carroles (2003, apud Abeche; Rodrigues, 2010), revela que com o desenvolvimento urbano, houve grande migração dessas famílias para as cidades modernas, sem núcleo definido, mas com vínculo afetivo e, a partir daí, surgiram as famílias nucleares.

No entanto, Poster (1979, apud Abeche; Rodrigues, 2010) aponta para outra estrutura familiar na revolução industrial, chamada proletária, que era submetida a salários muito baixos e, por isso, todos na casa tinham que trabalhar. Como as mães trabalhavam nas fábricas e em casa, as crianças eram orientadas no trabalho e se deparavam com uma sociedade indiferente.

O modelo de família nuclear ou burguesa surgiu no século XX, como dominante na sociedade capitalista. Essa estrutura pautava-se na docilidade, no amor maternal, na privacidade, no isolamento, com o objetivo de facilitar o processo de acúmulo de capital, ao invés de manter as tradições. As crianças eram cuidadas

pelas mães e a higiene era muito presente; se algo errado acontecesse com a criança, a culpa era da mãe.

A regulação externa não vinha mais de punições físicas, mas de ameaças de retirada de amor, o que provocava na criança a internalização de regras que fazia dela um sujeito autônomo, capaz de tomar decisões independentes e preparado para enfrentar um mundo competitivo.

Com o sistema neoliberal, os arranjos familiares são elaborados em torno da necessidade de criar os filhos. Surgem, então, as famílias mono parentais, segundas uniões, adoções, etc.

Nesta categoria, há diversos tipos de família representados. Isso é relevante, uma vez que existem configurações de famílias formadas por mãe, pai e filhos, mãe e filhos, pais e filhos... Entende-se, pois, que a criança se identifique, no texto, com a família em que está inserida.

Para melhor organização, esta categoria foi subdividida nas relações estabelecidas entre os familiares. Há, portanto, relação de pais e filhos, irmãos, avós e tios.

5.1 Pais e Filhos

As relações familiares encontradas nos textos são bem diversas. No entanto, nota-se que a maioria delas trata-se de uma família padrão, formada por pai, mãe e filhos. Primeiramente, serão apresentados esses dados e, em seguida, textos que não tratam a família como instituição *intocável*; posteriormente, serão apresentados os dados que tratam de famílias mono parentais

5.1.1 Família padrão

A maioria das famílias retratadas nos textos, como já foi mencionado, ainda corresponde à imagem idealizada de família

É o que se observa a seguir:

“Logo após o banho, descansou um pouco na cadeira do papai. Ah! Como foi bom! E a mamãe deixou que ele ligasse

para a pizzaria e pediu a sua pizza favorita! É, até que esse dia não tinha sido tão mau assim...(...) "

Texto 4, livro 2

No trecho acima, aparece a tradicional *cadeira do papai*, e a mamãe deixa a criança ligar pra pizzaria pra pedir a pizza favorita! A família parece muito feliz e satisfeita!

A seguir, o pai também aparece sentado, bastante tranqüilo, fumando para descansar.

Pai: - *Eu sei, você me contou. Agora deixe seu pai fumar descansado.*

Filho: - *Tá escuro, pai.*

Pai: - *Assim até é melhor. Eu gosto de fumar no escuro. Daqui a pouco a luz volta. Se não voltar, dá no mesmo. Pede à sua mãe para acender a vela na sala. Eu fico aqui mesmo, sossegado.*

(...)

Filho: - *Ô, pai, cê é de morte!*

O garoto sai desolado. Aquele velho não compreende mesmo nada. Daí a pouco chega a mãe:

Mãe: - *Eduardo, você sabe que dona Marieta caiu na piscina?*

Pai: - *Até você, Fátima? Não chega o Nelsinho vir com essa ladainha?*

Texto 13, livro 5

Nota-se que o pai não dá muita atenção para o que a criança ou mesmo a sua esposa fala. Os dois estão tentando contar a ele a mesma coisa – a queda de sua mãe, a Dona Marieta, na piscina – mas está tão preocupado com seu momento de descanso, que dispensa o filho e a mulher. Além disso, diz ao garoto que peça à mãe para acender uma vela, para que ele possa descansar sossegado.

No próximo trecho, aparece a figura paterna como a mais forte e corajosa, pois salva as mães dos ratos com muita facilidade.

“(...) Quase todas as mães têm medo de rato. Os pais não: até gostam porque se divertem caçando e matando esse bicho que detesto”

Texto 3, livro 5.

E mais uma vez, a família tradicional aparece nos textos:

*“(...)Meu nome é José Carlos, mas todos me chamam de Zeca. Tenho dez anos, nasci e sempre morei em São Paulo.(...)
Meu pai é gerente de banco e minha mãe, professora. Família de orçamento apertado...”*

Texto 3, livro 3.

Aparecem famílias com *orçamento apertado*, com pais gerente de banco, e também famílias mais simples. Ambas tradicionais.

*“(...)A mãe de Tonho, Dona Piedade, era lavadeira.
Seu Vicente, o pai, era motorista de ônibus.
Eles ganhavam pouco e ficavam o dia inteiro fora.
Trabalhando.
E Tonho ficava em casa.
Sozinho.”*

Texto 2, livro 3

O trecho a seguir, apresenta uma família formada por pai, mãe e um garotinho, que é muito tímido. A família muda-se para um apartamento e o garoto está sempre sozinho; quando ele decide ficar amigo do menino que mora no apartamento ao lado – também com seu pai e sua mãe – descobre que a família se mudou para um lugar onde seja mais fácil fazer amizade.

*“Filho único.
Oito anos de idade.
(...) ficava assim como os meninos sozinhos aprendem a ficar desde cedo: brincando de imaginar.”*

(...) Eles resolveram mudar daqui por causa do filho. Disseram que iam para um lugar onde fosse mais fácil fazer amizade. O garoto era do tamanho do de vocês, parece que filho único, meio tímido..."

Texto 3, livro 4.

Moreira, Rabinovich e Silva (2009) pesquisaram o que as crianças baianas estão aprendendo sobre o fenômeno "família". O resultado dessa pesquisa aponta para a necessidade de incluir, nos estudos sobre este tema, pessoas além de pai e mãe, pois muitas crianças moram no mesmo terreno que outros parentes, ou na casa do fundo, ou são vizinhos muito próximos, de modo que consideram que esses também sejam parte da família.

Com esses novos arranjos familiares, a relação da criança com os membros da família é alterada. Nos casos de divórcio, por exemplo, o pai, que exerceria um papel social paterno, cede lugar ao avô, a um tio, ao padrasto ou até mesmo à mãe da criança. Portanto, a definição de família deve ser baseada na condição real vivenciada por seus membros. É preciso considerar todas as configurações, sem que se estabeleça um padrão ideal.

Esses autores relatam, também, que há uma diferença relacionada ao nível sócio-educacional, pois, o pai que é visto como mais amigo e próximo encaixa-se em um nível sócio-educacional mais elevado; enquanto que o de nível sócio-educacional inferior é compreendido como tendo atribuições relacionadas à responsabilidade de garantir o sustento da casa, tornando-se figura mais ausente no dia-a-dia e de firme autoridade sobre os filhos (Moreira; Rabinovich; Silva 2009). Reconhece-se, através da mesma pesquisa, que o olhar das crianças indicou mudanças nas relações tradicionais, embora com menor intensidade em ambientes menos favorecidos e urbanizados.

Os autores Rabinovich e Moreira (2008) também fizeram um estudo sobre como crianças, entre seis e dez anos, vêem seus pais, a relação fraterna e a relação entre os avôs. E, como resultado, descobriram, entre outras coisas, que, para as crianças, a família é lugar de amor, carinho, cuidado, respeito, ajuda, companhia, a razão da própria vida, o lugar que fornece o sustento. E, apesar de os papéis

tradicionais terem mudado, para a maioria das crianças, nessa pesquisa, o pai é o provedor e a mãe é aquela que cuida.

O pai fica menos tempo com as crianças. Jablonski (1999, 2007, apud Rabinovich; Moreira 2008) afirma que, enquanto as mães cuidam da alimentação dos filhos, do banho, da vestimenta, os pais aparecem mais em atividades ligadas com o brincar e o lazer. O trabalho de planejar - organizar, delegar funções e responsabilidades, supervisionar e organizar horários - cabe, em aproximadamente 90% dos casos, à mulher.

Embora a maioria dos textos retrate essa estrutura familiar, a questão é: em que medida esse modelo se aproxima ou se distancia da realidade das crianças? Provavelmente, a família padrão não é o que as crianças encontram todos os dias ao chegar em suas casas. E, embora elas vivam essa realidade, distinta da descrição dos livros, a concepção que elas apresentam de família, na pesquisa de Rabinovich e Moreira (2008), é da família tradicional, patriarcal, descrita nos livros, porque esse é o seu ideal, ou o ideal de quem escreveu os textos.

5.1.2 Conflitos

Apesar de ser constatado que a maioria dos textos falam de um padrão de família distante da realidade das crianças, não se pode negar que, em alguns, outros tipos de comportamentos e relações são retratados.

É o caso do trecho que se segue, no qual transparece um conflito de gerações:

"O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai.(...)O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse 'Legal!'. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho.(...)"

Texto 8, livro 5.

Ao se lembrar de sua infância e de como gostava de jogar bola, o pai decide presentear o filho com o brinquedo que tanto o divertira. No entanto, o menino não parece gostar do presente; certamente, preferiria ganhar um vídeo game ou outro tipo de jogo eletrônico.

A relação entre pais e filhos, atualmente, pode se dar das formas mais diversas. Arrigada (2000, apud Rabinovich e Moreira 2008) observa o declínio do

modelo patriarcal de família, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o fim da contribuição singular na casa e o aumento de lares chefiados por mulheres, que, em sua maioria, constituem relações mono parentais. Além disso, constata-se também a queda de natalidade a partir da década de 70, concomitantemente com a terceirização dos cuidados com os filhos e com a perda das relações de hierarquia e submissão, como se observa no último trecho citado: a linguagem utilizada aponta certo desprezo do filho para com o pai, que é chamado, nesse texto, de *velho*; embora o garoto tenha tido a preocupação de não magoar o pai, agradecendo e dizendo que o brinquedo era *legal*.

Os problemas enfrentados pela família, como dificuldades de relacionamento, conflitos de gerações, problemas financeiros, enfim, coisas que podem abater qualquer família real, são expressos de forma generalizada, como no seguinte trecho:

*"Problema na família
Quem não tem" (?)*

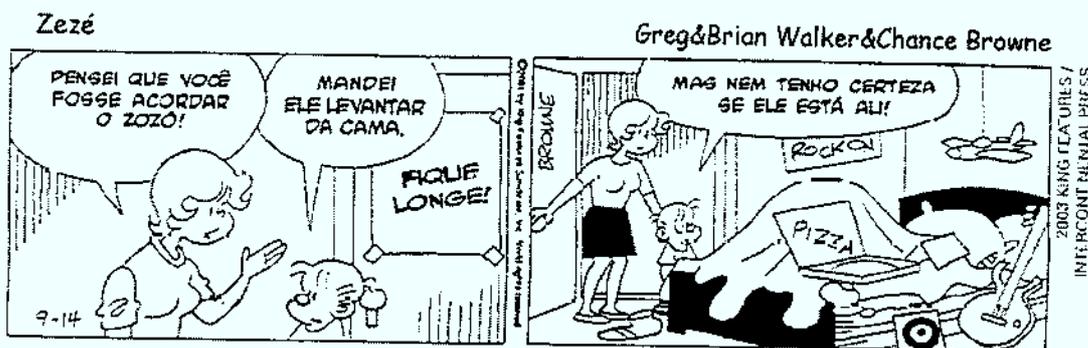
Texto 2, livro 5

Além dessa declaração de que as famílias também têm problemas, há registro de uma família que se distancia dos demais ideais ilustrados pelos textos, por se tratar de uma família de baixa renda. Nota-se pela fala da garotinha:

"(...) Chegaram três cavalheiros na casa de Anita: o primeiro foi seu pai, o segundo seu irmão, o terceiro foi Papai Noel, que deu a Anita um presente, desses de caixa bem grande, com laço de fita. (...) Eu tenho 7 anos e até agora só tive a Margarete de boneca."

Texto 6, livro 4.

Outro problema citado é em relação ao comportamento de um adolescente, retratado em forma de história em quadrinhos:



Em comparação com os textos encontrados por Nosella (1979), nota-se grande avanço, pois a criança tem a possibilidade (através de textos como esses que se aproximam do que é uma família real) de compreender que não há um padrão ideal nas relações familiares. A criança não vivencia situações de constrangimento, na medida em que percebe que não há só um modelo – o modelo correto – de família.

5.1.3 Famílias mono parentais

Embora seja uma tímida citação em meio a tantas declarações sobre familiares, há um texto que fala de pais que se separaram:

“Sempre quando começo uma carta para você, eu penso: desta vez ele vai ler. Sei que deve estar ainda muito magoado comigo por eu ter voltado para a Alemanha, mas eu realmente precisava voltar para o meu trabalho aqui em Munique, para a minha terra. Na época, eu e sua mãe achamos que você devia ficar com ela. Mas agora sinto falta de você, Mário. Queria que passasse uma temporada comigo, com seus irmãos, que você nem conhece. Eles têm muita vontade de conhecer o irmão brasileiro. Sei que você adora a sua vida no Brasil, com sua mãe, mas quem sabe você não vem só passar uns quinze dias, ou um mês, aqui? Nós podíamos passear... Tem tanto lugar bonito para você conhecer. E a gente também precisa se conhecer, não é, filho? Eu sei que é estranho para você ter um pai morando num país tão diferente, tão distante, mas quem sabe a gente não encontra um jeito melhor de lidar com isso conhecendo a história de cada um, o país de cada um?”

(...)

Mário, estou esperando você.

Um beijo do seu pai, que te ama muito.

Klaus."

Texto 8, livro 4.

Apesar de ser o registro de um arranjo familiar que não corresponde ao restante dos textos que tratam sobre a idealização da família, esse texto também retrata um padrão completamente distante da realidade das crianças que o lêem.

É certo que muitas crianças têm pais separados, que há muito tempo não vêem o pai, ou sequer o conheceram... Mas ter um pai que foi morar na Alemanha e que escreve cartas ao filho para que vá a Munique porque seus filhos querem conhecer o irmão brasileiro é raridade!

É fato que:

O aumento do número de divórcios é uma das principais mudanças sociais que ocorre em nações industriais, acarretando certo distanciamento do pai em relação às responsabilidades para com as crianças (Sanson & Wise, 2001; Smyth, Caruana & Ferro, 2003, apud Goetz; Vieira 2008).

Goetz e Vieira (2008) desenvolveram uma pesquisa cujos resultados apontam para a necessidade de ter pais morando juntos, para que as crianças compreendam melhor o compartilhar da tarefa parental. Essa pesquisa consiste na comparação de pais *reais* e *ideais*, a partir da visão das crianças. Os resultados mostram que as crianças que vivem em famílias mono parentais têm um ideal de pai muito distante do real. Ou seja, para aqueles que vivem somente com as mães, o pai que eles desejariam ter, em pouco ou nada se parece com o pai que têm.

Isso ocorre, principalmente, se houver grande distanciamento da figura paterna. No entanto, a situação de separação, traz a possibilidade de se trabalhar com a criança a questão dos conflitos, tendo, portanto, influência positiva nesse sentido.

Não raro, o casal e seus filhos encontram-se despreparados para o impacto físico e emocional deste rompimento. Sendo assim, cada fase seguinte do ciclo de vida fica afetada pelo divórcio. Todavia, se a família for capaz de negociar a crise e as transições que necessitam ser vivenciadas a fim de reestabilizar-se, ela, então, terá estabelecido um sistema mais fluido que irá permitir a continuidade do processo de desenvolvimento familiar normal (Peck & Manocherian, 1995, apud Araújo e Dias 2002).

De acordo com Lewis e Dessen (1999, apud GOETZ; VIEIRA 2008), após o divórcio, 50% dos homens perdem completamente o contato com suas crianças. Para esses autores, os pais que se afastam totalmente dos filhos tendem a ser aqueles que mantinham pouco contato com suas crianças durante o casamento, ou aqueles que tinham relações tão íntimas com os filhos, que se sentem impedidos de exercer a paternidade em tempo parcial.

Em relação à visão das crianças sobre esse fenômeno, os autores afirmam que elas atribuem um papel ideal maior ao pai, no que se refere à atenção para o cuidado, esperando deles também mais diversão e brincadeiras. E, embora as mães estejam cada vez mais no papel de provedoras do lar, na visão das crianças elas correspondem de forma satisfatória às suas expectativas, apesar de os filhos acharem que elas deveriam estar também mais presentes na brincadeira e na diversão.

É evidente que os ideais das crianças não são frutos somente de sua imaginação ou desejo, mas contém reflexos da cultura. Dessa forma,

“à medida que o padrão ideal de paternidade contemporâneo é de um pai mais envolvido e ativo com seus filhos, que brinca, instrui e leva os filhos para passear (Pleck & Pleck, 1997, apud), os filhos idealizam e atribuem este papel ao pai, ainda que ele não conviva com a criança. (Goetz; Vieira 2008, p.11)

5.2 Irmãos

Nos textos analisados, os irmãos aparecem - ao contrário do que Nosella (1979) pôde constatar em sua pesquisa, nas quais as relações fraternais eram muito harmoniosas - em situações de disputa para ver quem é o melhor.

O texto que se segue é de uma história em quadrinhos cujo cenário é um quarto, no qual os irmãos conversam e, ao fundo, a mãe aparece observando a discussão.



Oliveira (2006, apud Rabinovich; Moreira 2008) diz que o apego entre irmãos fica evidente quando um supre as necessidades de conforto e segurança do outro, podendo esse forte vínculo perdurar durante todo o desenvolvimento humano, não só pela ausência dos pais, mas pelo acesso que um tem ao outro, pela idade e até mesmo sexo. Nessa pesquisa realizada com crianças, os irmãos representam as figuras mais próximas: cuidam uns dos outros e ajudam nas dificuldades.

O resultado da pesquisa de Oliveira (2006, apud Rabinovich; Moreira 2008) corresponde ao que é encontrado na pesquisa de Nosella, na qual a relação fraternal é harmoniosa e idealizada.

No entanto, os resultados desta pesquisa apontam para uma mudança na representação das relações entre irmãos. Ao invés de aparecerem se ajudando ou brincando juntos, são retratados em situações de discussão e disputa. Essa nova forma de ver as relações fraternais contribui para aproximação da realidade: evidentemente, os irmãos podem se ajudar e cuidar uns dos outros, mas, vez ou outra, também disputam; e isso denota que as relações não são completamente desprovidas de conflitos.

Portanto, esses textos assinalam uma nova forma, mais real - menos idealizada - do que venha a ser uma relação familiar.

5.3 Avós

Apenas um dado foi encontrado sobre a relação entre avós, portanto a avaliação acaba por ficar um tanto quanto comprometida. Neste dado, é retratada uma avó extraordinária, que mora no exterior; portanto, esta representação se distancia da realidade.

"Para o jantar, veio a minha avó fantástica. Eu tive uma avó fantástica, completamente fora do comum (...). Tinha olhos azuis, era gorda, uma alegria só de olhar. Vieram também meus tios Hebert, Lisa, Ena. Tio Hans não veio, porque morava em São Paulo. Vieram ainda Erwin, casado com tia Ena, e minha outra avó, Clara, mãe de mamãe.(...) Minha família era de Viena (...)"

Os avós, para Rabinovich e Moreira (2008), são aqueles que cuidam e mimam as crianças. Em alguns casos, moram em casas separadas das casas das crianças; em outros, participam mais efetivamente da vida delas. Eles agem como substitutos dos pais em sua ausência, cuidando, educando, contando história, dando presente... Geralmente, não há diferenciação entre avô e avó, mas esta pode ser considerada uma segunda mãe; já o avô, não é considerado um segundo pai.

No dado encontrado, a criança não mora perto da casa de sua avó. Certamente existem crianças na vida real que também não moram, mas a pesquisa de Rabinovich e Moreira (2008) aponta que, para as crianças, os avós estão tão próximos de suas vidas que chegam a substituir os pais, dando apoio, especialmente em casos de separação. Entretanto, não são citados avós que cuidam dos netos, ou mesmo que moram com eles; o que reafirma o modelo padrão de família descrito nos livros, no qual os avós não fazem parte do núcleo familiar.

5.4 Tios

Os tios citados nos textos correspondem às figuras encontradas em 1979, por Nosella; são pessoas ligadas à diversão, que levam as crianças para passear e dão presentes.

“Tio Gilberto era um sujeito engraçado, que adorava contar histórias e casos esquisitos. Eu estava fascinado com a sua conversa.”

Texto 12, livro 5

Somente neste trecho (além da citação envolvendo avós, na qual vários tios vão visitar a criança) os tios são contemplados, mas como pessoas que não estão presentes no cotidiano da criança, visitando-a esporadicamente e encantando-a com seu jeito saudoso e engraçado. São mais um padrão de família que não correspondem à realidade das crianças.

6. Crianças

Para compreender o conceito de infância ressaltado nos textos, recorre-se ao desenvolvimento histórico do mesmo. De acordo com Ariés (1981), na sociedade medieval, o sentimento que diferenciava a criança de um adulto, em sua essência, não existia. Assim que passava de uma certa idade, período no qual havia alto nível de mortalidade, a criança já era considerada um adulto. Algumas crianças morriam asfixiadas na cama dos pais, mas apesar de a vida física da criança não ser tão valorizada, a vida após a morte, nessa sociedade cristã, era cuidada através dos batismos, que eram coletivos e raros, mas que ganharam muita importância e chegaram a ser imprescindíveis.

A criança era vista como um adulto em miniatura, quando se trata da sociedade tradicional. O objetivo da família era a conservação dos bens e a ajuda mútua; o amor podia ou não estar presente. A comunicação e troca afetiva eram vistas em festas e visitas a parentes e amigos. Esse sentimento durou até o fim do século XVII.

Segundo o mesmo autor, no período que vai do século XVI ao século XVII, surgiu o sentimento de *paparricação*; aparece uma tendência de se exprimir na iconografia e na religião, as particularidades que se atribuía à criança. Esse novo sentimento era ligado prioritariamente às mulheres e amas, mas tomou conta de outros adultos, visto que a criança assumiu um papel diferente na família, devido à sua ingenuidade e ao prazer provocado em paparricá-las.

No entanto, algumas pessoas consideravam esse sentimento insuportável e, a partir do século XVII, moralistas e educadores dão início a um movimento que inspirou toda a educação até o século XX, no qual “o apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral” (Ariés, 1981, p. 162).

Ao final do século XVII, os escritos de educação procuram conciliar a doçura e a razão. Houve uma mudança no cenário, pois a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação e, conseqüentemente, ocorreu essa separação da criança da família. E então, o interesse pela criança passou a ser de cunho psicológico.

No século XVIII, a noção de que se deve preservar e disciplinar adentrou a família, que passou a cuidar mais da saúde e higiene da criança, colocando-a no centro da mesma. Além disso, o número de crianças foi reduzido a partir de então,

para que fosse possível cuidar melhor delas, embora se deva levar em consideração que, no século XVIII, ocorreu, inicialmente na Inglaterra, a Revolução Industrial e, a partir da nova forma de produção, foi necessário que houvesse mais pessoas qualificadas para trabalhar – e isso deu força à escola. Com o fortalecimento do capitalismo, o número de filhos por família foi reduzido, pois o gasto com as crianças é alto.

Então, de infanticídios ocultos, a sociedade passou a um respeito cada vez maior para com as crianças. As famílias diminuíram e passaram a ficar mais em casa, afastando-se da intensa vida coletiva. A casa passou a ser um lugar mais privado, o que favoreceu o despertar de um novo sentimento, dessa cultura familiar, principalmente entre as mulheres e as crianças (Ariés, 1981).

Quando o texto fala sobre crianças, trata-se do retrato dos leitores. É a descrição do período da vida no qual se encontram todos os que trabalharão com os livros didáticos nos quais os textos pesquisados foram encontrados. É o momento em que a criança se vê contemplada nos livros.

Entretanto, aparecem estereótipos que comprometem o reflexo da realidade na sala de aula.

Para melhor organização dos dados, o tema foi dividido em Crianças, Meninas e Meninos.

A criança aparece nos textos de várias formas; ela pode ser meiga, o futuro do país, ou pode ser um estorvo, quando fazem bagunça ou falam palavrão.

No primeiro trecho, a criança é representada como um ser muito amável, superior aos adultos, por ter mais capacidade de amar, devido à sua pureza de coração e ternura.

“Em coração de criança cabe muito mais coisa que em coração de adulto.”

Texto 2, livro 3.

No trecho seguinte, atribui-se à criança a beleza da vida, a paz e a bondade, pois sugere que todos, em algum lugar do planeta, tenham um rosto infantil:

“Procura-se algum lugar no planeta

*onde a vida seja sempre uma dança
e mesmo as pessoas mais graves
tenham no rosto um olhar de criança.”*

Texto 16, livro 5

Nestas primeiras citações, a criança é representada como um ser amável e terno, porém com uma descrição romantizada da infância; diferentemente do que ocorre com a citação que fala sobre crianças que são bagunceiras e têm mania de dizer palavrão. Visões contraditórias sobre o mesmo objeto, mas compreensíveis quando olhadas sob um prisma ideológico.

As crianças que são meigas e dóceis são exaltadas; são seres mais afáveis que os adultos. É desejável que também aqueles que já cresceram tenham um rosto como o de criança, para que sejam mansos e pacíficos, tenham coração grande, entre outras coisas.

Já no caso abaixo, a idéia é de ameaçar a criança com seres mágicos, os quais ela deve temer, caso seja uma criança mal-educada. É um exemplo de educação pela ameaça e pela punição:

“A Cuca é um ser encantado, velho e feio, que costuma meter num saco e levar embora crianças que não querem dormir cedo, as muito bagunceiras e as que têm mania de dizer palavrão.”

Texto 5, livro 4.

As crianças que não querem dormir cedo, falam palavrão ou fazem bagunça, serão levadas pela Cuca. O ser encantado é uma forma de reprimir a criança e obrigá-la a cumprir as ordens dos adultos, como, por exemplo, dormir cedo, sem contestação. Além disso, é necessário que todas as crianças sejam como os ideais infantis: cordiais, obedientes e ternas. Não há espaço para reivindicações, bagunça, teimosia e, muito menos, falta de educação!

E, como última citação da primeira parte, um trecho cujos autores são crianças, que reivindicam seus direitos e lutam por uma sociedade mais igualitária e um mundo melhor:

“(...) Nós queremos um mundo adequado para as crianças, porque um mundo adequado para nós é um mundo adequado para todos. Nós queremos a garantia de uma parceria equitativa nessa luta pelos direitos da criança. E ao prometermos apoiar suas ações em favor da criança, também pedimos seu comprometimento e apoio às nossas ações – porque as crianças do mundo são incompreendidas. Nós não somos a fonte do problema; somos os recursos necessários para resolvê-los. Nós não somos despesas; somos investimentos. Nós não somos apenas pessoas jovens; somos pessoas e cidadãos deste mundo. Até que as outras pessoas aceitem sua responsabilidade com relação a nós, lutaremos por nossos direitos. Nós temos a determinação, o conhecimento, a sensibilidade e a dedicação. Nós prometemos que, quando formos adultos, defenderemos os direitos da criança com a mesma paixão que temos agora como crianças. Nós prometemos tratar-nos uns aos outros com dignidade e respeito. Nós prometemos ser abertos e sensíveis a nossas diferenças. Nós somos as crianças do mundo, e apesar de nossas experiências diferentes, compartilhamos uma realidade comum. Nós estamos unidos pela nossa luta para tornar o mundo um lugar melhor para todos. Vocês nos chamam de futuro, mas nós somos também o presente.”

Texto 15, livro 5

Essa longa citação revela a criança responsável como um adulto deveria ser, consciente de seus deveres e direitos, pronta para enfrentar o mundo por eles.

De acordo com Sternberg e Kincheloe (2001), no momento atual, as crianças têm acesso ao mundo adulto através de produções culturais, principalmente através da imprensa, que vem publicando e provocando a modificação do conceito de infância, mediante modelos de consumo que visam o ganho individual e não o bem coletivo, que auxiliam a formação da identidade da criança atuando no consciente e

no inconsciente da mesma, trazendo um falso conceito de felicidade, concebida através do consumo.

Portanto, a criança passou a ter novamente completo acesso ao mundo adulto. Enquanto que o primeiro conceito de infância, presente na sociedade medieval a definia como um adulto em miniatura e a tratava como tal, atualmente, mesmo depois de muitas transformações econômicas e sociais, a criança voltou a ter acesso ao mundo adulto, através dos meios de comunicação. As crianças não participam das festas e reuniões de adulto como no século XVII, mas através das produções culturais, participa da realidade adulta como se elas também o fossem.

Embora haja esse acesso à cultura adulta, os valores transmitidos não são de solidariedade, respeito e companheirismo, mas de consumo e ganho individual. Portanto, o último trecho citado, apresenta uma alternativa de comportamento infantil, de crianças que tiveram acesso a temas que deveriam preocupar os adultos, e que decidiram expor seus pontos de vista baseados em valores humanos, que buscam o bem comum.

6.1 Menina

As meninas retratadas nos livros perpassam vários tipos de personalidade, classe social e até mesmo nível intelectual.

O primeiro estereótipo é de uma criança loira e delicada, que transpassa muita alegria, pois parece estar bastante contente:

"Saltitando de um jeitinho delicado, balançando a trancinha de cabelo cor de trigo e sorriso iluminado, a menina com cuidado vai pulando amarelinha,"

Texto 2, livro 1

Em um vídeo publicado na internet (Serie, 2010), sobre uma pesquisa relacionada a racismo, com crianças negras, o pesquisador coloca a criança negra diante de duas bonecas e pergunta a elas qual é a boneca mais legal, a boneca bonita, e qual é a boneca má. Sem exceção, todas as crianças respondem que a boneca legal e bonita é a boneca branca.

Quando ele questiona o porquê daquela boneca ser mais agradável, uma criança responde: porque ela é branca, tem olhos azuis. Enquanto que quando ele

pergunta qual boneca se parece mais com a criança, muito constrangida, ela aponta para a boneca negra.

As crianças que participam da pesquisa, como todas as outras, são silenciosamente atacadas por um ideal de beleza presente na mídia, nos brinquedos, nos livros, nas histórias, filmes... Ninguém disse a elas que toda pessoa negra é má ou que toda pessoa má é negra. No entanto, todo o tempo, as princesas dos contos de fada, as Barbies, a televisão e até os livros da escola, dizem que ser loiro, ter olhos azuis é sinônimo de beleza e de bondade.

Por isso essa análise é tão importante! Poderia ser uma garotinha negra, de tranças a saltitar, pulando amarelinha; e as garotas felizes e boazinhas não precisam ser sempre loiras de olhos azuis, para que, dessa forma, as crianças negras também se vejam retratadas nas histórias que lêem nos livros. Portanto, o que se apresenta é uma situação de racismo; por isso, questões como essas precisam estar constantemente presentes no cotidiano de educadores comprometidos com a educação.

No próximo trecho, a criança é tida como ignorante e gulosa

:

“Ana Bela Comilona só não era muito sabichona. Na mesa, entendia de tudo. Na escola, nada de ABC.”

Texto 3, livro 2

O fato curioso para é que a criança é uma menina. Como já foi discutido no capítulo desta pesquisa sobre a mulher, o homem é que aparece nos livros lendo jornal; e, incrivelmente, esse estereótipo se confirma até na tenra idade. A menina gostava de comer muito, mas na escola, não era muito esperta. Poderia ser um menino a comer bastante e não estudar muito; no entanto, a marca do néscio tem estado sempre com a figura feminina.

Contudo, o contrário também existe; há registros de garotas que querem saber sempre mais:

“Ana Carolina é uma menina inquieta, sempre querendo aprender mais sobre as coisas. ‘Como?, por quê?, quem?, pra quê?’ são perguntas que ela vive repetindo.”

Texto 14, livro 5

Finalmente, a última citação desse subitem fala da desigualdade social. Trata-se de uma criança que espera a chegada do Papai Noel, porque no Natal só a sua vizinha rica ganha presentes:

"(...)Lembrei de um segredo horrível: é que, no ano passado, Papai Noel veio somente na casa de Anita, uma menina rica, que mora na casa da frente." E eu quero saber porque ele só vem visitar a casa dessa menina rica, a Anita. Desta vez eu vou ter coragem e vou gritar:- Papai Noel! Eu também moro aqui! Eu estou aqui! (...)De noite, eu chorei na cama porque não ganhei a boneca com cabelos. Margarete, para me consolar, coitada, cantou para mim justo aquela música do 'eu sou pobre, pobre, pobre, de marré, marré, marré;eu sou pobre, pobre, pobre de marré descer'".

Texto 6, livro 4.

Esse problema subsiste desde muito tempo, atrelado à questão racial.

No Brasil, segundo Venâncio (1997), a partir do século XVII, é notado o abandono de crianças provenientes da população vinda de Portugal. E, com o aumento da população (exceto no campo, onde os enjeitados eram, geralmente, adotados como "filhos de criação"), as ruas das cidades passaram a ser abrigo de crianças com muito pouco tempo de vida.

Para acolher essas crianças, havia a chamada Roda dos Expostos - um cilindro que ligava a rua ao interior das Santas Casas, onde as crianças eram deixadas a qualquer hora. Nas Câmaras Municipais também havia a Roda, mas apesar de ser bem difundida, era bem menos eficiente, porque exigia que as pessoas que deixavam as crianças lá fizessem um juramento de que não conheciam os pais do bebê, além de haver investigações quanto aos vizinhos e párocos; por fim, acabavam por excluir os bebês da assistência.

Nos lugares onde somente o município cuidava dessa questão, as crianças continuavam sendo abandonadas nas ruas, e a principal forma de proteção delas era a ajuda privada.

Ainda de acordo com o autor, as crianças expostas tinham péssimas perspectivas: a maioria morria precocemente. Até as crianças escravas tinham índice de mortalidade menor que os expostos, que dependiam da caridade dos que aceitavam o auxílio público, que era mínimo.

Os enjeitados negros e mestiços pertencentes às camadas mais pobres faleciam em proporção inferior aos brancos, as meninas eram mais resistentes ao abandono que os meninos.

Nas instituições, chegou-se a 90% de óbito das crianças que chegavam a ter esse amparo, visto que muitas crianças não tinham qualquer apoio institucional.

Não havia fiscalização das criadeiras: muitas pessoas se dispunham a criar as crianças somente para ter garantido o céu depois que morressem, como recompensa pelo seu ato, e acabavam por “mandar para o céu” as crianças, devido à amamentação artificial.

Algumas crianças eram vendidas para trabalhar como escravas, e as criadeiras chegavam a anunciar no jornal suas vendas; algumas retiravam os bebês das instituições e, depois de receber o benefício, devolviam a criança para a Roda. Mas outras tinham a sorte de se integrarem à família adotiva, algumas somente até os sete anos, quando voltavam ao estado de abandono, iam morar em seminários, recolhimentos, ou trabalhar na construção de estradas de ferro, o que as transformava em seres frágeis, que fugiam do trabalho, iam morar nas ruas, reproduzindo suas histórias de miseráveis que abandonam os filhos (Venâncio, 1997).

É claro que o abandono de crianças, a negligência paterna ou do Estado e o descaso para com elas são menores e mais velados, atualmente. Por isso, é de suma importância que haja textos que tratem de assuntos como este, que revelem a realidade e retratem que há injustiça, que outras crianças também sofrem com a desigualdade social; que não trata de ideais inatingíveis, mas que traz a realidade para perto da criança e a faz refletir sobre conceitos tão polêmicos e injustos quanto a desigualdade social.

6.2 Menino

Em relação aos meninos, a citação os retrata como crianças que estão cognitivamente muito além dos próprios pais. Interessam-se por brinquedos que usam de alta tecnologia e desprezam o convencional:

“O garoto disse ‘Legal’ mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar”

Texto 8, livro 5

Como já afirmaram Sternberg e Kincheloe (2001), já não são os pais que controlam a experiência cultural dos filhos, mas esta é mediada pela TV, por músicas, jogos, atuais companheiros das crianças, que preenchem o tempo em que estão sós. As crianças passaram a saber tudo o que os adultos sabem através desses meios de comunicação, o que faz com que os pais percam o controle da formação de valores dos filhos e com que os filhos, dados os avanços tecnológicos, saibam até mesmo mais que os pais e a própria escola, que passa a ser vista pela criança como algo extremamente arcaico.

7. Escola

A escola é vista de várias formas nos textos. Ela pode ser um privilégio, um tesouro que levará à ascensão social, mas também pode ser aquela que exclui as crianças que não passam de ano; pode gerar revolta, ou trazer felicidade e contentamento, especialmente por conta dos amigos, ou por ser uma escola só para brincar.

Os subitens desta categoria não revelam uma escola real, que busca proporcionar aos estudantes ferramentas para formular um pensamento crítico. São escolas idealizadas por crianças e ideologizadas por adultos.

7.1 Privilégio

Na pesquisa de Nosella (1979), a escola aparece como o maior tesouro da criança. E não poder freqüentar a escola significa uma condição de inferioridade, porque implica que estas crianças estejam destinadas a empregos com salários baixos.

Durante a leitura dos textos de Língua Portuguesa estudados nesta pesquisa, foram encontrados textos que tratam a escola como um lugar de privilégio. Há, por exemplo, o relato de uma menina que acorda às 5 h 30 e viaja 15 km para chegar à escola; metade do caminho vai a pé e a outra metade, de charrete ou trator.

"Quando o trator está quebrado, ela segue na charrete puxada pela égua Paloma. 'Eu prefiro ir de charrete, é mais gostoso', conta Flávia, que quase não falta às aulas, só falta em dias de chuva (...)"

Texto 10, livro 2.

Ou das condições precárias nas quais as crianças são transportadas para que consigam freqüentar a escola:

"Não há bancos para acomodar todos, mas as crianças acham divertido. 'A gente corre para pegar o banco, mas, se não der, beleza, a farra é a mesma'(...)"

Texto 10, livro 2.

Não há uma discussão sobre o motivo pelo qual essas crianças enfrentam tanta dificuldade para chegar à escola; há a exaltação de seu esforço pessoal para

chegar a esse lugar tão privilegiado, que proporcionará a quem se esforçar, ascensão social.

A escola assume, neste caso, a visão de educação, que pressupõe que há igualdade de chances e que, portanto, as desigualdades sociais são conseqüências das diferenças individuais. Todos os indivíduos conhecem e aceitam as regras sociais e competem de acordo com elas.

É uma visão liberal de educação, pois defende que a disparidade social, o nível de qualidade de vida e educação são conseqüências de um esforço pessoal que teve êxito ou não, de acordo com as regras “democraticamente” assumidas e internalizadas e que, por isso, são tidas como justas. Assim, sucesso e fracasso são conseqüências, basicamente, do esforço pessoal, sendo que as condições sociais são vistas como secundárias neste processo.

7.2 Exclusão

Nos livros pesquisados, encontram-se textos que se referem à reprovação e até mesmo expulsão dos estudantes que não eram capazes de fazer o que lhes era exigido pela instituição, como no trecho a seguir:

“Na escola, os dragõezinhos tinham de aprender tudo o que fosse necessário para povoar os sustos e os pesadelos das crianças.

Um dragãozinho só recebia o diploma depois que conseguisse derreter uma pedra – das grandes – só com o bafol!”(...)

“Tantas vezes Dadá foi reprovado na escola dos dragões que acabou expulso.”

Texto 7, livro 2.

É necessário compreender que:

“os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar” (Nogueira; Nogueira, 2002, p.18).

Ora, a criança, ao chegar à escola, não é uma tabula rasa; tem uma história, tem hábitos e valores; não se pode supor que todas sejam iguais. E, essa “bagagem” à qual as autoras se referem, é justificada por Bourdieu como capital econômico (bens e serviços aos quais o indivíduo pode ou não ter acesso), capital social (relacionamentos sociais influentes mantidos pela família) e capital cultural institucionalizado (títulos escolares, por exemplo).

No entanto, a ideologia neoliberal insiste que todos devem receber a mesma educação, embora tenham talentos diferenciados. Mas não se pode julgar justo dar coisas iguais a pessoas desiguais; se uma criança com acesso à cultura e ao letramento desde a infância recebe uma educação que contempla o que ela já experimentou em casa, os resultados desta não poderão se comparar ao de outra criança que não tinha acesso a esse tipo de informações e que, portanto, mostrará desempenho inferior ao da primeira. É necessário suprir essa falta antes de avançar o conteúdo.

Isso acontece, porque

“supunha-se que por meio da escola pública e gratuita seria resolvido o problema do acesso à educação e, assim, garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos. Os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares e, posteriormente, a ocupar as posições superiores na hierarquia social. A escola seria, nessa perspectiva, uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais” (idem, p. 17).

No entanto, essa concepção entra em crise na década de 1960, reconhecendo-se que: “o desempenho escolar não dependia, tão simplesmente, dos dons individuais, mas da origem social dos alunos (classe, etnia, sexo, local de moradia, entre outros) (idem, p.17).

Embora a educação possa ser a mesma para todos os indivíduos, os resultados obtidos nas provas e exames pelos quais os estudantes devem passar não são os mesmos. Mesmo para ascender socialmente através de uma Universidade, é necessário passar pelo temido Vestibular. Caso o resultado seja positivo, mérito daquele que estudou e se dedicou o suficiente aos estudos; do contrário, o indivíduo não teve capacidade intelectual para prosseguir com seus estudos em uma Universidade.

Para a teoria de Bourdieu, “a avaliação escolar vai muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos (idem, 21). Bourdieu esclarece essa situação invertendo as perspectivas: onde se via igualdade de oportunidades, vê-se legitimação da desigualdade social.

O capital cultural constitui o pré – requisito mais forte, adquirido na família, para o sucesso escolar, porque facilita a aprendizagem dos conteúdos. Por exemplo, se a criança já tem contato com elementos culturais legitimados pela escola ou se já usa a norma culta da língua, terá menor dificuldade para se sair bem em matérias cujos conteúdos perpassam por esses elementos.

É possível exigir que uma criança seja interessada, disciplinada, que cumpra com as regras da “boa educação”, se ela vive em uma família que a educa nesses moldes.

O capital social favorece ainda mais o acúmulo de capital cultural, quando se convive com pessoas que têm experiências no que diz respeito à familiaridade com o sistema educacional e vivência em instituições como a Universidade, por exemplo. É possível facilmente ter acesso a informações que se refiram à qualidade do curso, o prestígio social que ele pode oferecer, o retorno financeiro obtido por estudar em determinada instituição...

Nogueira (2003) acrescenta, ainda, uma quarta categoria fortemente ligada ao capital cultural, mas que não se encaixa neste. É o que ela chama de “capital profissional”, quando faz uma pesquisa com jovens que freqüentam a Universidade e cujos pais são professores universitários, produtores de saber.

Assim, vê-se pelos altos índices de reprovação, que a igualdade de oportunidades não garante sucesso nas avaliações escolares...

7.3 Revolta

*“Nunca mais vou estudar,
Digo adeus para a escola.”*

Texto 1 livro 2

Retomando a teoria central de Bourdieu, que denuncia a escola como legitimadora das desigualdades sociais e reprodutora dessa disparidade, nota-se como jovens da classe média têm empregos de classe média e jovens da classe operária têm empregos de classe operária, ou seja, a escolha profissional é determinada pela origem social.

Não há nada visível e concretamente coercitivo que os obrigue a estudar ou não, ou a escolher este ou aquele emprego. Eles são *livres* para decidir o que querem fazer e em que querem trabalhar. Assumem, sem questionar, seus postos baixos, seus fracassos escolares, sua falta de competência em fazer qualquer outra coisa que não seja apertar parafusos.

Esse fenômeno é explicado por Willis (1991), que chama essa decisão tomada ainda na escola de “cultura contra-escolar operária”. Essa cultura caracteriza-se por um comportamento de oposição à autoridade (aos professores), invertendo os valores usuais mantidos por ela. Esse comportamento gera um clima de insubordinação com discursos prontos para qualquer instrução formal do professor.

“A oposição à escola manifesta-se principalmente na luta por ganhar espaço físico e simbólico da instituição e suas regras e por derrotar aquilo que é percebido como seu principal propósito: fazer você ‘trabalhar’” (Willis, 1991, p. 42).

Neste caso, a escola assume o encargo de reproduzir a cultura e a estrutura de classes, através da exclusão justificada por erros atribuídos aos próprios alunos. É a visão trazida por Bourdieu, que explica a reprodução das relações de trabalho, legitimadas pela reprodução das idéias, sob aparência de neutralidade.

7.4 Diversão

O que se pode falar da escola não idealizada, fora de uma perspectiva romântica, a partir de uma visão real?

O que surge nos livros didáticos da pesquisa são textos que falam da hora do recreio ou de fantasias que invertem completamente o funcionamento real das escolas, como se observa no trecho abaixo:

*“Meus amigos
tão queridos*

*fazem farra,
fazem fila.*

*Quando chega
o recreio
tudo vira
brincadeira.
Como bolo
tomo o suco
que vem dentro
da lancheira."*

Texto 8, livro 2.

Nota-se que o que aparece nos textos são momentos de diversão fora da sala de aula. São ressaltadas as horas nas quais estão presentes os amigos e pode-se comer bolo e tomar suco.

Os textos relatam ainda uma total distorção da realidade, transformando a escola em um lugar completamente fantasioso, para daí, então, ser representada com alegria e satisfação por parte das crianças:

*"(...)Na escola do contrário
os alunos vão chegando.
Já está quase na hora,
todos já estão entrando.*

*- Vamos começar a aula
que está na hora de brincar,
até a hora do recreio
não quero ver ninguém estudar!*

*Voltando da escola,
Manequinho vai almoçar,*

*mas a comida atrasa,
e ele começa a fazer
a brincadeira de casa. (...)*

Texto 9, livro 2.

Neste caso, não se pode dizer que a escola assume um papel de reprodução social e cultural, ou que é comprometida com a chamada contra-ideologia, que deseja proporcionar aos estudantes uma emancipação alcançada através do exercício do pensamento crítico, simplesmente porque essa escola não existe.

Retrata-se essa instituição com humor, através de uma visão fantasiosa, ao invés de falar sobre tantos aspectos que a envolvem e que precisam ser revelados e pensados pelos estudantes, par eles e com eles, a fim de se atingir o desejável, que é proposto por Gramsci - através da luta de classes decorrente do encontro de uma ideologia com uma contra-ideologia.

É um texto aparentemente divertido, mas que tira das crianças a oportunidade de refletir sobre o verdadeiro papel da escola na vida dos indivíduos e na constituição da sociedade.

8. Professora

As professoras desta pesquisa quase nunca são felizes ou bondosas, a não ser com os alunos exemplares: estudiosos, passivos e iguais. É o que se observa no trecho abaixo:

“A professora estava muito feliz com quase todos os seus alunos...Com quase todos, menos com o Dadá. Dadá era um dragãozinho diferente. Tinha só uma cabecinha e era o pior aluno da escola.”

Texto 7, livro 2

No próximo trecho, também é possível perceber que a professora não gosta quando a criança faz muitas perguntas.

“(...) A professora gosta de perguntas, mas fica brava quando Ana não dá qualquer chance para seus amigos também perguntarem”

Texto 14, livro 5

A professora que aparece na pesquisa de Nosella (1979) é muito bondosa, mas não perde a autoridade; ela é vista como a segunda mãe das crianças, mantém a disciplina numa relação vertical de poder, na qual ela é sempre obedecida, respeitada e amada. Quando o educador é um homem, é visto como um chefe; se for diretor, é muito respeitado e temido.

A relação entre alunos e professores, nos textos pesquisados por Nosella (1979), é muito harmoniosa, como entre pais e filhos; a escola é vista como uma extensão da família e, por isso, o último dia de aula é um dia de muita tristeza. Neste trabalho, observa-se que as professoras continuam gostando dos estudantes que se comportam passivamente, que não são muito questionadores e que não apresentam particularidades muito destacadas.

O mesmo se verifica na pesquisa de Tulesk (Eidt; Menechinni; Silva; Sponchiado; Colchon 2005), cujas professoras que participaram enfatizavam a necessidade de que as crianças ouvissem quietas e sentadas as explicações, sem brincar ou conversar. Neste caso, nem professor e nem aluno entendiam o significado e a razão da disciplina, chegando ao ponto de se estabelecer

abertamente uma relação de troca (se houvesse silêncio, as crianças poderiam passear fora da escola), como se estar na sala de aula fosse algo ruim, que merecesse uma recompensa.

Além disso, os freqüentes elogios às salas consideradas mais comportadas afluíam uma rivalidade entre as turmas e legitimavam as ações das salas com mais problemas de comportamento, pois as crianças assumiam o estereótipo a elas atribuído.

De acordo com Mantovanini (2001, apud Alves; Oliveira, 2005), os professores seguem uma ordem de critérios para avaliar os alunos: atitudes em sala de aula (disciplina, assiduidade, acatar a autoridade do professor, ter autonomia e capricho para fazer a lição), questões de ordem emocional ou física (problemas com a família, distúrbios neurológicos, deficiência mental, carência nutricional) e o nível de produção.

Interessante notar como a prioridade do professor, segundo essas autoras, é a disciplina, muitas vezes confundida com imobilismo. A partir daí, a criança passa a ser má aluna não porque não consegue compartilhar conhecimento, mas porque tumultua e perturba a ordem da sala.

Outra característica do bom aluno, ainda de acordo com Alves e Oliveira (2005), é que ele não demonstra dificuldade em aprender e compreende perfeitamente o que lhe é requisitado. O bom aluno é interessado, além de independente e disciplinado.

A visão do professor para o aluno, registrada nos textos, não se distancia da realidade da pesquisa de Alves e Oliveira (2005). No entanto, o trabalho das autoras era justamente fazer uma crítica a esse tipo de pensamento; não se pode confundir disciplina com passividade.

Os textos fazem parecer que para ser um bom aluno, é necessário ser imóvel, compreender todas as explicações sem que haja contestações que tumultuem a sala e acatar sem questionamento a autoridade do professor. Ora, se para ser considerado bom aluno é necessário ter esse tipo de disciplina, não ter problemas familiares graves, não ter qualquer tipo de distúrbio e, depois de passar por todos esses pré-requisitos, ter uma boa produção escolar, não restarão crianças reais para compor uma sala de aula.

Portanto, nota-se que tanto os critérios dos professores adotados na pesquisa de Alves e Oliveira (2005) quanto os bons alunos retratados nos textos dos livros didáticos são representações que escapam à realidade. E, a partir do momento em que as professoras começam a enxergar a capacidade do aluno de questionar e argumentar como um fator positivo, não consideram isso fruto do seu trabalho, mas atribuem essa postura crítica à família e às atividades oferecidas pela escola.

Nessa mesma pesquisa, também são apontados critérios para apontar um bom professor. Embora essa classificação seja fruto de um julgamento individual, não se pode esquecer de que tal julgamento é construído num contexto histórico-social. Para os alunos, o bom professor domina o conteúdo, sabe apresentar a matéria, tem bom relacionamento com o grupo e se preocupa com a aprendizagem do aluno, acredita em seu potencial, o que demonstra que ser um bom professor passa pela capacidade que ele tem de demonstrar afetividade.

O trecho seguido fala da (falta de) afetividade expressa pela professora, que causa receio mesmo nas crianças que ainda não são seus alunos:

"Ano que vem eu quero pegar a nova professora de Português no pulo! Antes que ela me pegue, é claro. Dona Ofélia – a famosa fera da 5ª série – é a professora mais durona do colégio. Todos os meus colegas de classe já estão tremendo por conta da sua fama. Dizem que, com Dona Ofélia, recuperação é rotina e nota maior que cinco é um acontecimento que merece bombinha(...).

Em fevereiro, quando as aulas começarem, ela vai encomendar aos novos alunos uma tremenda redação de não sei quantas mil páginas com o tema Minhas férias. Dona Ofélia sabe que a idéia é antiga e escolhe o tema de propósito, só para ver se alguém escreve alguma coisa de diferente. Ela faz isso todo ano. Eu me informei muito bem."

Texto 12, livro 5

Este texto, além de falar sobre a exigência da professora e o medo do estudante, aponta a expectativa que ele cria em relação à professora do próximo

ano. Ele já procurou se informar sobre as aulas e o comportamento da futura professora, que parece ser pouco amigável.

Segundo Sisto (1983, apud Bariani, 1991, p. 12), o estereótipo do professor é passado da turma mais velha para a turma mais nova e pode-se considerar que o movimento contrário também é verdadeiro.

A relação professor-aluno é conflitante, como todas as relações humanas, pois pressupõe disposição de ambos os lados para reflexão e compreensão do sujeito. No entanto, criar estereótipos é mais confortável, pois não exige esforço na superação dos conflitos.

Pode-se observar esse movimento no trecho acima, no qual um estudante imagina como será sua aula de português no próximo ano, pois já foi alertado sobre o comportamento da professora pelos colegas.

O sentimento expresso por essa criança em relação à professora do próximo ano é de medo; logo, ela pensa em estratégias para burlar a rigidez de Dona Ofélia. Segundo Melo (1981, apud Bariani, 1991), embora os professores das séries iniciais do primeiro grau dêem muita ênfase ao carinho e afeto em seus discursos, o que predomina é uma prática autoritária e punitiva. No entanto, a própria autora salienta que amor e carinho não são suficientes para ajudar as crianças; é preciso ter domínio do conteúdo e métodos adequados para compartilhar conhecimentos.

A expectativa, tanto do professor quanto do aluno, é muito grande em relação às ações e atribuições do outro. É o que se verifica numa pesquisa feita por Bariani (1991), com estudantes e professores de um curso superior de psicologia.

Sem ter a pretensão de generalizar os resultados da pesquisa, o trecho citado acima vem confirmar o fato de que há certo acomodamento depois que se consolida uma imagem do outro, ou seja, depois que se forma um estereótipo.

Após uma reflexão sincera sobre quem é o sujeito à minha frente, permaneceria a dualidade que permeia a instituição escolar: cuidar para que haja manutenção, ou para que haja transformação. No entanto, infelizmente, o mais cômodo e o mais comum é assumir um estereótipo e conhecimentos advindos de opiniões que foram generalizadas, segundo as quais, o professor manda e os alunos obedecem.

Outra questão a ser levantada em relação ao papel da professora, nos textos dos livros didáticos, é que essas profissionais são sempre mulheres, o que acarreta

uma reflexão sobre a questão da divisão sexual do trabalho e sobre a questão salarial; como o salário do professor não corresponde ao de uma profissão de prestígio, esse trabalho fica para as mulheres. Além do determinismo biológico, que estende o papel materno de cuidar das crianças para a profissão.

9. Alunos

Os textos que tratam dos alunos são poucos, mas merecem atenção não só pela questão de como os estudantes são vistos e classificados de acordo com aquilo que são capazes de fazer, mas pelo que são, a que raça pertencem e em que classe social estão inseridos.

A primeira citação é um exemplo de fracasso escolar. O mais intrigante, é que, além de não conseguir fazer a prova, o aluno ainda fica de castigo:

“Nos dias de prova, Dadá sempre acabava ficando de castigo, pois, por mais que tentasse, só conseguia soltar uma fumacinha à-toa pela goela.”

Texto 7, livro 2.

Dadá, um dragãozinho que freqüentava a escola dos dragões, era o pior aluno da sala. E, embora haja inúmeros fatores determinantes do fracasso, a atribuição das causas infligidas pela escola sempre recaem sobre o aluno.

É nítida a presença da ideologia neoliberal, cuja característica é, dentre outras, justificar as desigualdades sociais como produtos do esforço pessoal. Se olhada sob o prisma do neoliberalismo, essa história é perfeitamente justificável: a escola que Dadá freqüenta tem muitos outros alunos, portanto, ele vivencia uma condição de igualdade de oportunidade, com as mesmas chances que os outros, mas se não tem sucesso é porque sua capacidade é limitada.

Mattos (2005) desenvolveu um estudo, sobre conselhos de classe, que auxilia a compreensão de situações como esta. Foi observado que as professoras ainda percebem o processo de ensino-aprendizagem como algo dicotomizado: elas ensinam e os alunos aprendem; portanto, qualquer dificuldade em produzir conhecimento acadêmico é resultado de um bloqueio cognitivo da criança. E, essa conclusão é reforçada pelas colegas de trabalho durante os conselhos de classe.

A fala das professoras, registrada na pesquisa de Mattos (2005), estigmatiza as crianças com adjetivos pejorativos, que lhes atribuem, inerentemente, a incapacidade de aprender o que lhes é ensinado, mas sem que a professora coloque seu trabalho em questão. Atribuem o fracasso à criança, à família, mas seu

trabalho continua como está; compreendem que o resultado do trabalho dos alunos depende do quanto a criança vai se esforçar para ser boa aluna.

É muito grave tratar com descaso o resultado do trabalho de uma criança. Semelhante ao que se observa no trecho do livro que diz que o dragão sempre ficava de castigo nas provas porque só conseguia soltar uma “fumacinha à toa”, as crianças sabem o significado de termos pejorativos e certamente sentem-se ofendidas quando tratadas desta forma. Não se levam em consideração as conseqüências que essas observações podem ter sobre a auto-estima das crianças.

Esse texto encontrado no livro didático legitima a atribuição do fracasso ao estudante. Não há tolerância às diferenças individuais, como se todos devessem aprender tudo ao mesmo tempo; não são levados em consideração aspectos afetivos, e o fato de aceitar bem as repreensões é visto como algo positivo, como se fosse necessário curvar-se passiva e inteiramente às regras para aprender.

Desta forma, de acordo com Mattos (2005), atribui-se o fracasso relacionado ao nível de inteligência do aluno, à sua personalidade, à família e a fatores que ultrapassam os âmbitos da escola, sendo necessário atendimento especializado (o que, também, não é facilmente conseguido, podendo reforçar o estigma patológico sobre a dificuldade da criança).

É preciso considerar como a construção equivocada de um perfil pode contribuir para a estigmatização de uma criança, como acontece no texto do livro didático com o Dadá. Isso pode contribuir para sua exclusão social, como conseqüência do comportamento, esforço e dons pessoais do próprio aluno.

Os perfis construídos por professoras, influenciadas por uma visão de mundo contaminada por ideologias não pautadas em valores humanos e que não foram ainda explícitas, vão além da rotulação de uma criança por mau desempenho escolar ou dificuldades cognitivas e comportamentais.

Os próximos textos tratam de estereótipos raciais; denunciam um racismo velado que, se não analisado com profundidade, causaria uma naturalização dos comportamentos racistas, pois estes estariam ideologicamente implícitos nas atitudes de crianças e adultos, como se observa nos textos dos livros didáticos.

Não é dito explicitamente que há preconceito em relação à cor ou etnia, mas a criança preferida da professora é branca, com cabelos lisos, enquanto que sua

colega de sala, presente no texto é negra, com o cabelo raspado na nuca, bastante enroladinho, preso com dois lacinhos.

Trata-se de duas histórias em quadrinhos, que transmitem os mesmos valores.

Suria



LAERTE. Folha de S.Paulo, São Paulo, 24 maio 2003. Folhinha.

O próximo texto também é um quadrinho com os mesmos personagens, além de um menino.

São duas crianças voltando ou indo para a escola. Elas carregam mochilas. O menino é negro, bem como a menina, que tem o cabelo na nuca raspado (característica de mulheres que têm o cabelo muito volumoso e por isso cortam o excesso). A menina da estátua é branca e tem os cabelos lisos.

Suriá



LAERTE. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 jun..2003. Folhinha.

Pode ser que muitas pessoas vejam com naturalidade a relação estabelecida entre a criança negra, a criança branca e a professora. Mas os dois quadrinhos reforçam a idéia de que há uma aluna preferida pela professora e de que ela é branca, com cabelos lisos. Obviamente, poderia ser a criança negra, a preferida da professora, ou talvez o menino; portanto, o que ocorre é um problema ligado ao preconceito.

Para conceber melhor o problema que esses estereótipos acarretam, é necessário compreender como a relação entre professor e alunos brancos e negros é pesquisada pela academia.

Carvalho (2005) desenvolveu um estudo sobre desempenho escolar e classificação racial dos alunos, no qual sustenta a idéia de que raça não é um fator biológico, mas são "construtos sociais, formas de identidade baseadas numa idéia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios" (GUIMARÃES, 1999, apud CARVALHO 2005).

O conceito de raça refere-se, pois, à combinação entre aparência e *status* social. Carvalho (2005) descobriu, em sua pesquisa, que as crianças têm dificuldade em se identificar racialmente, e que a autoclassificação racial é mutável durante a vida, como defendem Edith Piza e Fulvia Rosemberg (2002, apud Carvalho 2005). Portanto, se os adultos mudam sua autoclassificação, fica sugerido que o pertencimento a uma raça determinado pela cor é socialmente construído.

Na fala das professoras entrevistadas pela autora, há um sentido pejorativo quanto à aparência das crianças, dizendo que o cabelo delas é ruim, e até mesmo falas preconceituosas, referindo-se a seus antepassados que eram donos de escravos, e que diziam que preto para ser bom precisava ter alguma coisa de branco, mesmo que fosse a alma.

Na pesquisa citada, notou-se que as professoras têm mais tendência em classificar as crianças como brancas do que as próprias crianças. Isso é explicado por alguns autores (Piza & Rosemberg, 2002; Telles, 2003, apud Carvalho 2005), que dizem que a escolaridade acaba por funcionar como indicador de *status* social, influenciando na atribuição da raça.

Sendo assim, o que ocorre é o clareamento de pessoas com maior escolaridade e a concordância na autoclassificação de pessoas pretas quando a escolaridade é baixa. Ou seja, quando uma pessoa tem maior escolaridade, a tendência é classificá-la de forma que ela fique mais próxima da cor branca, mesmo que ela se considere preta e, quando a escolaridade é baixa, há maior concordância entre autoclassificação e a cor atribuída por outra pessoa, o que aponta para uma grande e nítida articulação entre pertencimento à raça negra, masculinidade e dificuldades na escola. É o que se observa no quadrinho encontrado no livro.

Há, da parte das professoras, certo desconforto em atribuir a cor preta a seus alunos, como se quisessem protegê-los de problemas relacionados ao pertencimento racial. A tendência era, ainda, clarear as meninas, pois

[...] dada a conotação especialmente negativa atribuída ao termo preto e uma maior cordialidade oferecida às mulheres, os brasileiros talvez evitem ofender uma mulher de pele escura de alto *status* social não classificando-a de preta. (Telles, 2003, apud Carvalho 2005).

Fica claro, portanto, que a classificação racial feita pelas professoras não está relacionada somente a fenótipos, mas ao sexo, à percepção da renda familiar e ao desempenho escolar. Isto faz com que elas atribuam a cor branca a crianças de melhor desempenho e avaliem com mais rigor crianças que percebem como negras.

Isso atenta para o fato de que o racismo está presente nas avaliações de aprendizagem, marcadas por um julgamento injusto que se pensava estar ausente da sala de aula, mas que, ao contrário, está legitimado nas relações escolares, na autoclassificação das crianças, e até mesmo em seus materiais de estudo.

É preciso ter muita atenção e critérios, para que os estereótipos ligados à classe social, raça, sexo, sejam trazidos à luz, favorecendo a reflexão e o posicionamento crítico sobre que tipo de sociedade se quer formar e que tipo de sociedade está se formando a partir de comportamentos, conceitos e julgamentos como os que estão nos livros e nas salas de aula.

10. Moradia

Neste capítulo, serão apresentados os tipos de moradia contemplados nos livros. A discussão que permeia essa demonstração está relacionada ao significado que a aparência da moradia descrita acarreta. Portanto, segue uma discussão sobre as classes sociais representadas nos livros através da descrição das moradias.

Como já abordado no capítulo sobre Família, as casas nem sempre foram lugar de privacidade, pois, durante o desenvolvimento histórico, chegaram a abrigar de 40 a mais de 200 pessoas, quando se tratava da aristocracia europeia, no período da antiga monarquia. E, após a Revolução Industrial, é que as casas começaram a ter esse caráter de lugar íntimo, que proporciona maior privacidade.

Sob o prisma do capitalismo,

“O espaço produzido pelo capital fundamenta-se na apropriação privada, que aliena do produtor o produto; nesse sentido, o espaço se produz a partir da contradição entre sua produção socializada e a apropriação individual.” (Carlos, 1994, apud Guimarães 2001, p. 22)

Dessa forma, a habitação e o uso do solo passam a ser vistos como mera mercadoria, cujo valor a eles atribuído varia de acordo com a localização, tamanho e utilidade. A partir dessa visão, pode-se encontrar uma desigualdade espacial, como consequência da produção capitalista da moradia e de políticas de habitação (Guimarães, 2001); o valor de um imóvel estaria, portanto, ligado às relações sociais de produção de espaço urbano e a fatores determinados por normas legais, ou seja, interesses sociais, investimentos públicos na área exterior ou inovações técnicas.

No entanto, a moradia não pode ser considerada somente um bem, mas a casa própria constitui algo fundamental quando se fala de direitos mínimos de cidadania (Ribeiro, 1997, apud Guimarães, 2001), pois

“não se pode viver sem ocupar espaço. Morar é uma das necessidades básicas, assim como comer, vestir, etc. As quantidades de artigos ou de meios de subsistência que são julgados necessários em cada período são determinados historicamente”. (Rodrigues, 1998, apud Guimarães, 2001, p. 130).

Uma casa exerce uma função social, é portadora de um simbolismo; é um abrigo, protege contra perigos de natureza física, fornece conforto material e estruturação psíquica, enfim, envolve um leque de necessidades humanas básicas de sobrevivência e reprodução. (Guimarães, 2001). É lugar de privacidade, de intimidade; é, enfim, um espaço privado, que “guarda estreita relação com as

identidades socioculturais e com as condições socioeconômicas” (Guimarães, 2001, p.109).

Considerados os valores sócio-culturais e econômicos relacionados com a moradia, apresentam-se os dados encontrados. A primeira citação supõe que o gosto pessoal é demonstrado no tipo de moradia que a pessoa tem:

*“vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;*

Texto 1; livro 1

Ao ler essa citação, é preciso ter claro o conceito de igualdade trazido pela ideologia neoliberal, de forma que se perceba que, na verdade, nem todo mundo gostaria de morar na casa que tem, mas, por uma questão de desigualdade social advinda, de acordo com o pensamento neoliberal, das diferentes aptidões, cada pessoa tem a casa que lhe cabe.

O trecho acima reforça a idéia de que a casa é construída, decorada e planejada de acordo com o gosto pessoal do morador, sem considerar de quais recursos as pessoas dispõem para aplicar na construção, reforma ou aquisição do seu imóvel, visto que o produto final da construção de uma casa é resultado da soma dos materiais, técnicas de construção, designs, formas de financiamento, legislação urbanística, entre outros.

No Brasil, segundo Farah (1996, apud Guimarães 2001), a partir do final da década de 1960, as empresas, juntamente com o auxílio governamental, baixaram o valor da moradia para que fosse possível atender também à população de baixa renda, através da diminuição do tamanho das construções, do consumo e da qualidade dos materiais e componentes da construção, e redução de gastos com a mão de obra.

Portanto, não se pode afirmar que a casa é planejada em conformidade com o gosto pessoal, mas também com as condições das quais o proprietário dispõe.

A próxima citação fala sobre a necessidade de ter casas grandes quando a família passa a ser mais numerosa:

“ – Oi, Caramujo, cadê a sua casa?”

- *Está reformando.*
- *Quebrou?*
- *É pequena demais. Pretendo casar.”*

Texto 2, livro 2

As casas, em geral, são compostas das mesmas divisões, de acordo com o modelo francês (Guimarães, 2001): quartos, cozinha, banheiro, sala. O tamanho da construção e a quantidade de cômodos não são determinados somente pela quantidade de moradores; vê-se pela quantidade de pessoas que moram na mesma casa nas favelas.

A questão presente é que nem todas as pessoas têm a possibilidade de trocar de casa ou mesmo reformar a sua, visto que a igualdade social – condição para que todos tenham as mesmas possibilidades financeiras – é considerada, pelo neoliberalismo, um desrespeito às aptidões individuais, considerando que se as pessoas têm diferentes talentos e por isso não podem ser iguais com relação à propriedade e à riqueza.

O mesmo ocorre com a próxima citação, em que a casa é de família de classe média - alta (no mínimo), pois é relatada a piscina como parte da construção:

*“Noite na casa da serra, a luz apagou. Entra o garoto
- Pai, vó caiu na piscina.”*

Texto 13, livro 5

É oportuno retomar a colocação de Farah (1996, apud Guimarães 2001), que denuncia o movimento das empresas e do governo no sentido de diminuir o tamanho das casas e de baixar a qualidade dos materiais, para que fosse possível atender às pessoas de baixa renda. Segundo o pensamento neoliberal, esses sujeitos não são vítimas da desigualdade social advinda de uma má distribuição de renda, mas estão arcando com as conseqüências de não terem desenvolvido suas aptidões a ponto de chegarem à possibilidade de adquirir um imóvel maior.

Esse conformismo, com o fato de não poder ter uma casa melhor como conseqüência do esforço pessoal, é reforçado em dois textos; o primeiro generaliza o fato de não haver mobília na casa e um telhado com goteira, como se isso fosse algo muito comum e esperado:

*“Só a bailarina que não tem
Sala sem mobília
Goteira na vasilha”*

Texto 2, livro 5

Já a segunda citação, referente a essa aceitação passiva de ter uma casa pouco confortável, ameniza a desigualdade social refletida no quarto de um garotinho sem brinquedos, com o imaginário:

*“O quarto de Tonho era igual ao de todos os meninos.
Quer dizer, nem tanto.
Não tinha armário nem caixa de brinquedos nem bolas.
Mas era um quarto bem alegre porque era um circo.”*

Texto 2, livro 3.

O quarto do garoto, evidentemente, não era um circo de verdade, mas essa representação foi usada como estratégia para esconder, através do uso da imaginação, um problema que é consequência da desigualdade social.

O tipo de moradia construído (casas, sobrados, edículas, cortiços, favelas, prédios, etc.), o valor a ele atribuído e a demanda de pessoas interessadas em adquiri-los, têm a ver, entre muitos outros fatores, com as construções vizinhas, ou seja, com o investimento externo, seja do setor público ou privado. Pessoas da classe operária tendem a morar próximas às fábricas nas quais trabalham, por exemplo; cidades grandes, com vasto comércio e grandes possibilidades de emprego tendem a ter muitos prédios, para atender às demandas do mercado.

Foram encontrados dois textos nos quais as pessoas relatam suas moradias com características de localização metropolitana:

*“(...)Sou um bicho de cidade grande, criado em apartamento,
acostumado com trânsito, barulho e poluição.”*

Texto 3, livro 3.

*“Morava com os pais em um apartamento.
Um dos 120 apartamentos do prédio.”*

Texto 3, livro 4.

A partir desta análise, pode-se concluir que os princípios neoliberais - que justificam o fato de muitos morarem em casas pequenas com condições precárias e poucos morarem em casas grandes e luxuosas - continuam seguros e bem guardados pelos livros didáticos, que têm tratado o assunto com muita naturalidade, assegurando o fortalecimento e a legitimação do princípio de igualdade como justificativa para a desigualdade social.

11. Trabalho

O trabalho no livro didático foi alvo da pesquisa de Goulart (1984), que buscou esclarecer como as crianças de escolas públicas e particulares aprendem o conceito de trabalho, via livro didático. Em sua pesquisa, a autora encontrou duas concepções diferentes de trabalho durante as entrevistas: para a criança da escola pública, o trabalho serve para viver e quem ensina é a escola; para a criança da escola particular, o trabalho é um esporte, a escola concede a profissão e a mãe ensina a se comportar. Ambas as visões estão pautadas na meritocracia, que é o mito do esforço pessoal, presente na ideologia neoliberal sob aparência de igualdade.

Na pesquisa de Nosella (1979), o trabalho aparece nos livros didáticos como um hobby, um divertimento, um amigo de infância; a ele se deve a saúde e a felicidade, pois quem trabalha vive feliz! Ele é recompensado com abundância e riqueza, mas nem todos sempre terão lucro com o trabalho, o que aponta mais uma vez para o princípio da meritocracia.

Nos dados apresentados nesta pesquisa, o trabalhador é muito valorizado. O trabalho dignifica e sempre é realizado com muito entusiasmo, porque aparece como uma atividade muito prazerosa. É o que se observa na citação abaixo:

“Ismar sempre lutara para ganhar a vida dignamente (...): limpava jardins, carregava pedras, buscava água, sempre com boa vontade, trabalhando sem se queixar.”

Texto 1, livro 4.

No próximo trecho, é relatado o esforço cotidiano de um trabalhador de 25 anos, que tem como profissão colar painéis. O texto relata que ele trabalha nessa mesma profissão há quatro anos, ou seja, iniciou sua vida no trabalho aos 21 anos e, desde então, trabalha no mesmo cargo.

Não são mencionados os estudos ou as conquistas, que tipo de vida esse homem leva, a que classe social ele pertence, mas, de acordo com o texto, ele adora o que faz.

“Macacão e capacete vermelhos, bota preta com reforço de aço na ponta e no calcanhar, o baiano José Soares Moura, de 25 anos, passa o dia se equilibrando numa escada de madeira.

Há quatro anos ele trabalha como colador de painéis de propaganda (...). José não tem medo e adora seu trabalho (...). Sai cedinho para as ruas no caminhão da firma em que é empregado com mais quatro companheiros. Ele cola sozinho 12, 13 painéis por dia."

Texto 5, livro 5.

A beleza em servir através do trabalho é retratada também no próximo trecho, que fala do trabalho escravo do Negrinho do Pastoreio; ele labutava com muita dedicação e, ao final do dia, ainda era obrigado a suportar maus tratos:

"Mal raiava o dia, o Negrinho montava o cavalo baio e saía para pastorear o rebanho do seu senhor. Trabalhava o dia todo, e quando voltava, à noite, para casa, ainda tinha de sofrer as maldades do filho do estancieiro."

Texto 4, livro 4.

De acordo com Goulart (1984), o conflito no trabalho é tratado pelo livro didático somente quando se fala da escravidão, que era um trabalho injusto; depois da Abolição, todos os homens ficaram iguais. Nesse caso, nota-se, ao término da lenda, que nem sequer a escravidão é discutida, visto que o negrinho é recompensado por sua madrinha Nossa Senhora por ter sido um menino bom e por ter suportado com coragem tantas injustiças cometidas contra ele.

Ocorre, também, a valorização do trabalho intelectual, pois o que difere o homem de um animal é a inteligência; o trabalho manual é tido como antigo e é tão desvalorizado quanto o trabalho no campo, que é considerado atrasado em relação à cidade, e concebido como algo do passado, de quando o homem ainda não era inteligente.

Há, segundo a autora, nos livros didáticos, dois tipos de trabalho no campo: o primitivo (refere-se à agricultura de subsistência) e o moderno (refere-se à agricultura científica). Essas categorias, no entanto, são tratadas de forma que optar por uma delas pareça somente uma escolha dos agricultores.

Na citação abaixo, percebe-se a poetização do trabalho no campo, que é apresentado como se precisasse de admiração por sua modéstia e resignação:

*“O que disse o lavrador a suas mãos?
Com vocês, lavro essa terra,
Semeio o trigo, colho o grão,
Môo a farinha, faço o pão.
E a isso tudo eu chamo trabalho.”*

Texto 6, livro 5.

O trabalho manual também é contemplado no trecho abaixo. Nesse texto, a família mora no litoral e o pai é um pescador; não há aprofundamento nessa questão relacionada ao trabalho manual como algo referente à agricultura familiar, ou ligado a alguma Associação, por exemplo. Temas como esse não são discutidos pelos livros. A vida dos trabalhadores, suas dificuldades econômicas e suas condições de trabalho sempre são apresentadas como se fossem uma questão de opção pessoal e não como falta de alternativas. O pescador representado no próximo trecho pode ter optado por morar na praia porque gostava muito de pescar, ou, por morar no litoral, não possuía alternativas - por falta de investimento em outras áreas que não a de pesca.

“(...) Meu pai é pescador, a gente mora na praia.”

Texto 6, livro 4.

Não se fala da relação entre os trabalhadores e da organização da sociedade; a relação é entre o homem e a natureza, mas não entre o homem e o homem; muito menos é discutida a construção histórica da sociedade através das lutas e conquistas da classe trabalhadora, pois

*“uma das características do neoliberalismo, que o situa como ideologia reacionária, é a sua luta contra qualquer correção às falhas do mercado, a presença do Estado no espaço econômico e, principalmente, o desprezo pelos direitos conquistados pelos detentores da força de trabalho.”
(Almeida, 2009).*

Dessa forma, desconsidera-se o homem como produtor da história.

Entre os dados, há, também, registro de uma profissão antiga, de acendedor de lampiões, que acabou sendo extinta. No entanto, o texto demonstra preocupação em relatar que os trabalhadores não ficaram desempregados, mas puderam partir para outro campo de trabalho: o de limpa-trilho:

“Provavelmente, muitos dos antigos acendedores de lâmpões a gás foram reempregados na nova atividade.”

Texto 1, livro 3

Essa preocupação em retratar a recolocação do homem no mercado de trabalho remove a necessidade de qualquer intervenção estatal no sentido de pensar em políticas públicas que favoreçam a empregabilidade, pois o próprio mercado se auto-regula, através da *mão-invisível* que cumpre seu papel no sistema neoliberal.

De acordo com Goulart (1984), o trabalho também é encontrado nos livros didáticos como mera atividade; a afirmação de que tantos os homens como os animais trabalham para manter a natureza em equilíbrio coloca o trabalho no patamar de necessidade física imediata.

Furreca



No entanto, mesmo no caso dessa história em quadrinhos cujo trabalho é realizado pelo animal, nota-se que este é feito a partir de uma ordem humana; o trabalho não é feito instintivamente, é pensado e idealizado pelo homem antes de ser executado; portanto, o homem o faz consciente de sua ação laboral (Búfalo, 2008).

“Na teoria marxista, o ser humano concebe seus projetos e suas idéias segundo suas necessidades e, através do trabalho, na sua essência, ele interage, apropria-se e submete a natureza para atendimento dessas necessidades, sendo, assim, categoria central para a vida humana independentemente de sua condição ou classe social.” (Búfalo, 2008, p.15)

O discurso sobre igualdade e meritocracia aparece, ainda, na próxima citação, cuja idéia central é de que há um estereótipo de pessoas que trabalham e de pessoas que escolhem fazer nada. O trecho dá a entender que o comportamento, a personalidade de quem não trabalha denuncia essa escolha:

*“e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;”*

Texto 1; Livro 1

Uma pessoa à-toa é, segundo esse trecho, aquela que, aparentemente, não realiza atividades ligadas ao trabalho: não se veste ou se comporta como um trabalhador. Não se nota, na leitura do texto, se são considerados todos os tipos de trabalho, ou se só os remunerados – que exigem uniforme e crachá. Como já foi dito no capítulo sobre a mulher, o trabalho doméstico é desvalorizado por não haver remuneração ou valor de troca e, por isso, o trabalho doméstico sempre fica com as mulheres.

Touro Sentado



O trabalho ligado à produção cultural também é alvo de desvalorização. A última citação desta categoria fala de um autor de poesias que sentia vergonha de dizer que era poeta.

“Só com o tempo (muito tempo!), eu fui entender a verdadeira utilidade da poesia e a função do trabalho de um escritor de versos.”

Texto 1, livro5.

Em geral, as grandes obras são reconhecidas e devidamente valorizadas depois que seus criadores já morreram; como afirma o autor de “O menino do dedo verde”: “Mais tarde, quando descobrem que tinha razão e já está morto, erguem-lhe uma estátua. É o que se chama um gênio”. (Druon, 1989, p. 47).

12. Religião

Os textos que abordam questões religiosas, como Deus ou Santos foram organizados nesta categoria. Embora não haja menção direta sobre uma religião, muitas são as citações de diferentes crenças, caracterizadas por diferentes nomenclaturas dadas a Deus.

A categoria foi subdividida em Deus e Nossa Senhora, para que obtenha maior organização dos dados.

12.1 Deus

Na pesquisa de Nosella (1979), Deus aparece como o Criador, alguém muito bom. E, além dessa figura, há também Jesus Cristo, sempre menino, sem deixar de ser uma autoridade suprema a ser seguida.

Deus, Jesus e Nossa Senhora sempre estão fazendo algum milagre, apesar de Nossa Senhora ser menos citada. Eles aparecem especialmente para explicar fenômenos naturais.

Nesta pesquisa, Deus também aparece como Criador de todas as coisas. No trecho seguinte, observa-se a narrativa de como foi a criação do mundo, do homem e da mulher, segundo a Bíblia, no livro dos Gênesis, capítulos 1 e 2:

“No início só havia Deus. Então ele resolveu criar o mundo todo com todas as coisas que existem. Fez isso em poucos dias. Aí Deus criou, com barro, o primeiro homem e deu a ele o nome de Adão. Mas Adão vivia triste pelo paraíso e então Deus tirou uma costela dele e fez uma mulher para ficar com ele. Era Eva. Eles se casaram e tiveram filhos e então surgiu toda a humanidade”.

Texto 14, Livro 5

Esse texto explica o surgimento do mundo e do ser humano, na perspectiva de uma religião, sem, no entanto, explicitar a fonte da qual foi retirado. Usar explicações religiosas para fenômenos naturais, ou para justificar fenômenos

sociais, é limitar as possibilidades de discussão e de novas descobertas trazidas por diferentes “verdades”.

No trecho seguinte, pode-se observar a soberania de um deus que dá ordens à morte. O Senhor do céu deseja que a morte traga-lhe um homem que pintava lindos rostos, mas ela não consegue cumprir sua missão, pois o pintor estava fazendo um lindo quadro:

“ – Senhor, me perdoe, mas não consegui interromper o velho mestre. Ele estava pintando um rosto tão lindo...”

O Senhor do céu ficou furioso com a Morte:

- O que é isso? Você nunca me desobedeceu! Volte já para a Terra e traga-me o pintor!”(...)

E foi assim que o pintor se instalou no maravilhoso palácio celeste junto com o Espírito da Vida. Cada vez que o Espírito da Vida desejava fazer nascer um bebezinho, chamava o pintor para que ele criasse um lindo rosto.”

Texto 4, livro 3

E, dessa forma, explica-se, de maneira ilusória, como são desenhados os rostos dos bebês. Utiliza-se de figuras místicas e imaginárias para solucionar questões de cunho biológico, sem qualquer esclarecimento real.

Assim, a ideologia circula pelo livro didático através de textos como esse, sem qualquer questionamento, oferecendo aos leitores explicações que não permitem interrogações, mas supõe uma aceitação passiva e ilógica.

Deus também é retratado como o único que pode todas as coisas. E é ressaltado também, de forma muito positiva, o fato de ser Ele o criador, por ter feito as coisas com tamanha perfeição.

Nos próximos dois trechos, nota-se sua onipotência e sabedoria:

“ – Meu rapaz – disse a águia – sou rainha dos bosques, mas não sou Deus. Posso trocar o nome de um cuco para rouxinol, mas não posso transformá-lo.”

Texto 9, livro 3.

"(...)Deu graças a Deus, então, por ter a bolota, e não a cabaça, nascido no alto do carvalho.(...)- Sem a menor dúvida, é bem melhor que não tenha sido eu o autor das coisas do mundo!..."

Texto 2, livro 4.

Esses trechos trazem a idéia de conservação do mundo tal como ele está; somente Deus poderia promover alguma mudança, ou transformação significativa. O homem, enquanto ser pouco sábio e pouco poderoso, em nada pode contribuir para que as coisas melhorem.

Esse pensamento tolhe expectativas de transformações, acarretando um conformismo e até mesmo justificando fenômenos sociais, já que os seres humanos são inábeis em alterar o próprio cenário.

Enquanto isso, outros textos exaltam a bondade divina, desta vez com variação religiosa. Nota-se, pelo termo "Alá", a diversidade religiosa, representada aqui pelo islamismo:

"-Exaltado seja Alá!, o Único! – exclamou o monarca."

Texto 9, livro 3.

"Que Alá seja louvado!"

Texto 1, livro 4.

E, finalizando esse subitem, uma citação que encerra as considerações sobre a salvação do planeta, atribuindo ainda a Deus essa missão:

"(...)Que aventura mais temerária, a de Deus, escolhendo caprichosamente este lindo e insignificante planetinha para a ele enviar através dos espaços o seu Filho feito homem, com a missão de redimir a nossa pobre humanidade."

Texto 9, livro 4.

Apesar da diversidade religiosa apresentada nos textos, não é possível observar em nenhuma delas, em que parte da história o homem pode se apresentar também como sujeito que deseja e promove mudanças.

Nesse sentido, atribui-se às divindades a responsabilidade de transformar o planeta, ficando o homem retratado como alguém sem possibilidades para fazê-lo e, portanto, conformado com a sua realidade.

12.2 Nossa Senhora

Apenas um texto faz referência a Nossa Senhora. Trata-se da lenda do Negrinho do Pastoreio, um menino escravo que era muito maltratado pelo seu dono e se dizia afilhado de Nossa Senhora:

“O escravo não tinha nome nem padrinho; por isso, se dizia afilhado de Nossa Senhora (...) Mas, de repente, pensou na sua madrinha, Nossa Senhora, e então sossegou e dormiu.(...)Gemendo e chorando, o Negrinho pensou na sua madrinha, Nossa Senhora, e foi ao oratório da casa, apanhou um coto de vela, que estava aceso diante da imagem, e saiu pelo campo.(...)Morto de cansaço, ele dormiu e sonhou com a Virgem, sua madrinha.(...)não podendo suportar tanta crueldade, chamou por Nossa Senhora, soltou um suspiro e pareceu morrer.(...)Qual não foi o seu espanto quando viu, de pé, sobre o formigueiro, vivo e risonho, o Negrinho, tendo ao lado, cheia de luz, Nossa Senhora, sua madrinha!(...)O Negrinho pulou, então, sobre o balaio, beijou a mão de Nossa Senhora, e tocou o rebanho, a galope.(...)Mas só entregava o objeto a quem acendesse uma vela, cuja luz ele levava ao altar de sua madrinha, a Virgem Nossa Senhora.”

Como nos textos anteriores, a justiça vem pelas mãos divinas, através de um milagre. O conformismo com a escravidão, a obediência do Negrinho para com o patrão, o fato de ele ser pobre, não ter direitos e aceitar todos os seus injustos castigos fizeram com que Nossa Senhora tivesse pena e viesse salvá-lo, para que no final, todos vissem seu glorioso triunfo.

A compaixão celestial é movida em favor dos que não questionam, não lutam. A recompensa vem para os que aceitam resignadamente seu pobre destino. Essa idéia, transmitida pelo texto, congela comportamentos que busquem superação do controle de classe, tentativas de mudança e transformações sociais.

13. Valores e Virtudes

Dentre todas as categorias desta pesquisa, talvez esta seja a mais explícita na propagação de ideologias, através das citações que se seguem. Os valores e virtudes recomendados e até impostos através da moral que exalta pessoas honestas, leais, pacíficas e dedicadas são um aprisionamento à construção da personalidade passiva e resignada.

A primeira citação trata da importância de saber perder, ser honesto nas competições, que fazem parte da vida:

*“Competir com lealdade
É mais importante que vencer!
Não queira ser o melhor
Impondo a sua vontade.
Se aprender a ceder
Conquistará a amizade.
Só porque você perdeu,
Não deve resmungar
Nem fazer cara feia.
O jogo vai continuar!(...)
Desta vez você teve sorte,
Conseguiu ser o vencedor.
Mas não fique tão vaidoso:
Um dia é da caça, outro do caçador.”*

Texto 5, livro 2

As virtudes abordadas neste texto falam de um comportamento que vai além de uma competição; ceder para conquistar a amizade de alguém é fazer a vontade do outro para ser querido. Ora, as pessoas deveriam gostar umas das outras pelo que elas são e não pelo que fazem.

A crítica às reclamações dos perdedores pode tolher atitudes de reivindicação dos direitos de protestar contra algo injusto. Este princípio sugere que os resultados atingidos por alguém em uma competição, ou mesmo na vida, sejam conseqüências do respeito à individualidade e à igualdade, e que, pela democracia, as regras são

aceitas e estabelecidas, o que faz com que os resultados pareçam justos e irrevogáveis.

O trecho seguinte também faz uma crítica às reivindicações, defendendo que cada um tem uma forma de ser e deve se contentar com isso; transparecendo que o individualismo precisa ser respeitado e não contrariado:

“Uma tartaruga muito preguiçosa queixava-se para a mãe de que a casa que carregava nas costas era muito pesada.(...) - É verdade – respondeu-lhe a mãe – mas você nasceu tartaruga e tartaruga será até o fim da vida. Não posso fazer nada. Além disso, você nunca pensou como ela é útil?”

Texto 6, livro 3.

Ao final desse texto, a tartaruga é salva de ser pisoteada por um cavalo, graças à sua carapaça, e é questionada pelo sapo que estava com ela se ainda ia continuar se queixando de sua casca. Essa fábula traz a idéia de que há um motivo para cada um ser o que é, ocupar na sociedade o lugar que ocupa, pertencer à classe social de origem, enfim, é um texto que enfatiza o conformismo social.

A próxima citação também fala do desejo de mudar como algo negativo, atribuindo a essa vontade princípios de vingança; enquanto que aquele que se contenta com a vida que leva é sempre recompensado:

“Era uma vez dois compadres. Um deles era rico: possuía casa, terras, animais e tudo aquilo que as pessoas consideram indispensável à felicidade, mas vivia se lamentando porque tinha papo. Seu nome era Régulo. Agostinho, o outro, era pobre e nada possuía, mas gostava de cantar e era o primeiro a zombar do seu próprio pescoço, também volumoso por causa de um papo.(...)Quando Régulo viu o compadre sem papo, ficou morrendo de inveja. E sua raiva aumentou quando, no domingo seguinte, viu Agostinho comprar seis belos porcos e duas vacas leiteiras.”

Texto 6, livro 2

Ao final do texto, Régulo, como castigo por sua inveja e ganância, além de não conseguir tirar o seu papo, ficou também com o papo de Agostinho, que, por nunca reclamar de sua vida, ficou sem papo e conseguiu comprar os porcos e vacas

que tanto sonhava. Essa visão aponta para a necessidade de aceitar passiva e alegremente tudo o que acontece, para que, no devido tempo, surja, de modo milagroso, a recompensa; enquanto que aquele que almeja mudar algo em sua vida é chamado invejoso e recebe, por fim, o castigo merecido.

A vida humilde é sempre exaltada pelos textos. A mensagem passada é a de que as pessoas simples são mais felizes e que *dinheiro não traz felicidade*. Observe-se no trecho abaixo:

"(...) Lá no campo eu não tenho refeições tão fartas e saborosas; também não possuo camas tão confortáveis e quentinhas, mas jamais trocaria o sossego e a tranqüilidade que tenho por lá por qualquer um desses caprichos que você tem aqui. E saiu correndo em direção à sua casa, feliz da vida por viver de forma tão simples."

Texto 8, livro 3.

Nota-se, ainda, como as pessoas ricas são cruéis e merecem ser castigadas. A riqueza é apresentada como algo muito ruim; todos os que têm fortuna padecem de algum mal e, no fim, sempre perdem algo, pois aqueles que levam uma vida modesta são salvos por algum ato milagroso ou simplesmente se contentam com a vida que levam e seguem muito felizes. É o que se observa também no próximo trecho:

"Era uma vez um estancieiro muito rico, mas egoísta e mau, que não dava esmola aos pobres, nem ajudava a ninguém. Tinha um filho sardento, feio e perverso, e um escravo, ainda menino, preto como o carvão, bonitinho e bondoso, a quem todos chamavam de Negrinho"

Texto 4, livro 4.

Novamente, vê-se o desfecho da história realizar-se de forma que um ato sobrenatural e inesperado recompensa aqueles que passaram por uma vida de sofrimento e injustiça sem reclamar ou buscar mudanças.

A próxima história também fala sobre um escravo que, por sua paciência e persistência, obteve uma grande recompensa. Trata-se de um escravo, que, certa vez, ganhou um pintinho do vizinho e cuidou muito bem dele, até que virasse uma galinha e tivesse muitos pintinhos. Seu senhor matou todos, mas o escravo,

chamado Odedirã, nada falou, apesar de ter ficado muito triste. O senhor fez o mesmo com as cabras, e o dinheiro da carne dos animais que ele vendeu também foi gasto pelo seu senhor, que deu a Odedirã um punhado de ossos. Mas, esses ossos eram do filho do Rei, e Odedirã os levou até ele...

“Odedirã e seu senhor foram levados aos funerais como convidados especiais, como salvadores da pátria. Ao final da cerimônia, o rei libertou o escravo Odedirã, adotou-o como filho e o declarou seu príncipe herdeiro.”

Texto 4, livro 5.

Enquanto os escravos seguem suas vidas de sucesso alcançado inesperadamente, os homens ricos sofrem as conseqüências de sua soberba. O próximo trecho conta a história de um rei que, por conta de sua vaidade, nunca tinha tempo para seus súditos. Devido ao seu narcisismo exacerbado em detrimento dos interesses do povo, o rei passou por um episódio vergonhoso no qual havia sido vítima de dois impostores que disseram que teceriam para ele lindas vestes, que somente os inteligentes enxergariam, quando, na verdade, ele desfilava pelas ruas, nu:

“(...) Mas ele não tinha tempo para os súditos, não se preocupava com os impostos e muito menos com o castelo. Ele era tão vaidoso que gastava horas em frente ao espelho e passava um tempão experimentando roupas e mais roupas. (...) Como a vaidade do rei não tinha limites, ele respondeu que dinheiro não era problema. (...) De volta ao castelo, ele prometeu para si mesmo que seria menos vaidoso, daria mais atenção ao seu reino”

Texto 7, livro 4.

Está presente, também, nos textos, o princípio da meritocracia; a recompensa vem para aqueles que se esforçam, na medida de seu desempenho e talento individual, como mostra o trecho abaixo:

“Sempre ao entardecer, pedia uma audiência com a rainha para lhe mostrar o quanto havia aprendido e como vinha-se dedicando para merecer a promoção”

Texto 7, livro 3.

No caso abaixo, o homem que é questionado porque tem um papagaio que lhe dá conselhos e por isso toma decisões muito sábias. Todas as suas deliberações passam pelo viés da bondade e da justiça.

“Bondade e justiça! Justiça e bondade! Eis as palavras que ouço todos os dias do meu fiel papagaio! Procuo tê-las sempre, bem vivas, no fundo do coração! Quando estudo as causas sobre as quais sou obrigado a votar e decidir, esforço-me por ser bom e procuro ser justo. A justiça que corrige ou castiga deve ser inspirada pela bondade que nobilita e eleva. E ainda: a bondade, que exalta o fraco, não pode prescindir da justiça que reabilita o forte. Confesso, pois, que todas as minhas sentenças são norteadas pelo admirável conselho do papagaio. Bondade e justiça!”

Texto 9, livro 3.

Vê-se que há virtudes admiráveis em pessoas bem sucedidas. No entanto, também nesses casos, “a bondade exalta o fraco”; parece que somente sendo fraco e modesto é que se alcança enobrecimento...

A citação seguinte refere-se a um garoto de 10 anos que tinha um sítio inteiro para brincar, e ficou comovido quando viu seus colegas da escola tendo que ir de ônibus para outro bairro, para se divertirem em uma pracinha. Então, o menino decidiu fazer um abaixo-assinado reivindicando que uma pracinha fosse construída próxima à escola. Ele passou dias trabalhando nisso e conseguiu mais de 700 assinaturas (a maioria, de crianças):

“O abaixo-assinado sensibilizou um empresário da cidade, que fez uma doação para a construção da praça, que foi inaugurada em novembro de 1999 com balanço, escorregador, gira-gira e gangorra. ‘Chego a me emocionar quando vejo as crianças brincando na praça’, diz Lucas. ‘Tem gente que não tem oportunidade para nada, nem para brincar’, explica. Hoje, Lucas ainda luta para manter e melhorar a pracinha. ‘Estamos fazendo outro abaixo-assinado para construir uma espécie de quadra poli-esportiva na praça’, conta.”

Texto 9, Livro 5

É interessante notar a preocupação do garoto com a comunidade, mas sua ação é comparada a um ato heróico, visto que *ele tinha um sítio inteiro para brincar*, ou seja, não precisava se preocupar com as outras crianças que não tinham como se divertir e, no entanto, movido de compaixão, resolve ajudar.

Essa iniciativa poderia ter partido das crianças que precisavam se deslocar do bairro, mas as lutas e conquistas da classe operária são desprezadas pelos detentores da força de trabalho (Almeida, 2009), por isso a ideologia neoliberal exalta atos como esse, de bondade, como forma de legitimar que a recompensa vem para os que são dignos de pena; lutar por seus direitos, não se contentar com o que tem, não leva a nada, mas, prosseguir sempre feliz e satisfeito trará a conquista.

Além de bondade e justiça, o respeito e ajuda mútua também são citados nos textos como valores dignos de recompensa; quem ajuda sempre é ajudado. A história fala sobre uma formiga que se afogava e foi salva por uma pomba; algum tempo depois, um caçador perseguia a pomba, que foi salva pela formiga:

“A pomba arrancou como bico um fio de grama e o jogou na água. A formiga subiu nele e alguns minutos depois chegava em terra firme. Queria agradecer a sua benfeitora, mas ela já tinha ido embora. Alguns dias mais tarde, a formiga caminhava por uma trilha no bosque, quando viu um camponês de pés descalços, armado de arco e flecha, mirar alguma coisa.”

Texto 11, livro 5

Como a pomba salvou a vida da formiga, em retribuição, a formiga dá uma picada no pé do caçador e a pomba consegue escapar. Esse trecho mostra como aquele que pratica a bondade sem esperar nada em troca é sempre recompensado em um momento inesperado de sua vida.

14. Considerações finais

Após a análise da bibliografia selecionada - livros didáticos, do 1º ao 5º ano, de Língua Portuguesa - pode-se constatar que esse material é um veículo de transmissão dos conhecimentos dosados, que não faz uma leitura integral da realidade. Sua visão é ideológica, e, por isso, fragmentada e alienante.

Através do livro didático, “a criança é educada para uma realidade inexistente” (Bonazzi e Eco 1980, p. 16), preparada para aceitar o sofrimento, abuso e injustiça. Em outras palavras, o livro passa a ser um manual de formação de súditos.

Muitos valores e comportamentos desejados pela ideologia neoliberal estão pressupostos como naturais e corretos, em detrimento do pensamento crítico e da formação do cidadão crítico e transformador, preocupado com os interesses das classes minoritárias.

Passividade, bondade, resignação e princípios de meritocracia são condições necessárias para a aceitação do sistema neoliberal sem contestações e, por isso, estão presentes nos livros, relacionados aos aspectos de individualismo, igualdade, liberdade, propriedade e democracia.

“O problema aqui, está claro, é que sistemas sociais injustos podem simplesmente se perpetuar e currículos educacionais que visam a transmitir os valores da comunidade podem tornar-se veículos servis da imoralidade. Segundo, como tais assuntos são multifacetados, eles se prestam a mais de uma interpretação, levantando o espectro da controvérsia no sistema educacional.” (Nucci, 2000, p.9)

No entanto, numa perspectiva educacional transformadora, deve-se recorrer a essa controvérsia como lugar de atuação do profissional de educação; a ideologia e a contra-ideologia presentes na sala de aula podem favorecer a formação do pensamento crítico ou de um cidadão alienado.

Se a única voz em sala de aula for a do livro, as crianças não saberão distinguir moralidade de convenção social, não verão a desigualdade social como conseqüência da má distribuição de renda e não buscarão lutar para transformar a realidade; pelo contrário, manter-se-ão pacíficas e passivas a espera de uma recompensa milagrosa advinda de algum ser bondoso que se compadeceu do seu sofrimento.

Para que haja transformação, é preciso haver conscientização, educação para a liberdade e autonomia. O professor, perante o livro didático, pode promover

uma ação educativa que contribua para o favorecimento de uma conscientização sobre as pluralidades culturais que compõem a realidade social, por meio de uma política cultural comprometida com a difusão dos valores das diversas culturas. Porém, ele também pode utilizar esse instrumento como forma de manutenção de preconceitos e fortalecimento dos valores culturais hegemônicos, através do *silenciamento* sobre determinadas culturas, principalmente aquelas consideradas “minoritárias” e sobre outras realidades diversas.

O auxílio do professor e do material àquele que está a educar-se é imprescindível, visto que a aproximação espontânea que o homem faz de um objeto não é uma posição crítica, mas uma posição ingênua (Freire, 1979). Não se pode lutar contra aquilo que não se conhece. Quanto mais as pessoas “refletirem de maneira crítica sobre sua existência, e mais atuarem sobre ela, serão mais homens” (Freire, 1979, p. 33).

Esse autor muito contribui para a compreensão da formação do pensamento crítico, afirmando que a conscientização

“é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘des-vela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (idem, p.29)

Ainda de acordo com Freire (1979), se o que se deseja, sinceramente, é uma educação que renuncie à expectativa e exija a intervenção, para que o homem faça a história, é preciso prepará-lo através de uma educação que liberte e que não domestique, fazendo com que os sujeitos tomem consciência da realidade e de sua capacidade de transformá-la. Como sugeriram Bonazzi e Eco (1980), é preciso ter capacidade e coragem para dizer “O rei está nu”!

15. Referências Bibliográficas

ABECHE, Regina Peres Christofoll; RODRIGUES, Alexandra Arnold. **FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA, REFLEXO DE UM INDIVIDUALISMO EXACERBADO?**

Disponível em:

<http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Alexandra_Rodrigues_e_Regina_Abeche.pdf>. Acesso em: 31 nov. 2010.

ALMEIDA, Manoel Donato de. **Neoliberalismo, Privatização e Desemprego no Brasil (1980-1998)**. 2009. 323 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ALVES BIASOLI, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, **Sept./Dec.** 2000. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000300006&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

ARAÚJO, Mayeve Rochane Gerônimo Leite; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia (natal)**, Natal, v. 7, n. 1, **Jan.** 2002. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100010&lang=pt> . Acesso em: 15 nov. 2010.

ARIÉS, P.. *Prefácio* in **História Social da Criança e da Família**. R. J., Zahar Editores, 1981. p. 9-27.

_____. *Os dois sentimentos da infância*, *Idem*. p. 156-168.

BARIANI, Isabel Cristina Dib. **Significados Associados a Professor e a Aluno, "Reais" e "Ideais", por Estudantes e Professores de um Curso Superior de Psicologia**. 1991. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

BONAZZI, Marisa; ECO, Umberto; FALDINI, Giacomina (Comp.). **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silvine. Identidade feminina: um conceito complexo. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v.14, n.28, **May/Aug** 2004.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200010&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, Jan/Apr 2005. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000100007&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

CUNHA, Luiz Antonio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

DRUON, Maurice; D. Marcos Barbosa (Comp.). **O menino do dedo verde**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

FARIA, Ana Lúcia Gouart de. **Ideologia no Livro Didático**. São Paulo: Autores Associados, 1984.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. Goulart (1984)

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Edart, 1978.

GOETZ, Everley Rosane; VIEIRA, Mauro Luis. Diferenças nas percepções de crianças sobre cuidado parental real e ideal quando pais vivem juntos ou separados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, 2008. Disponível em: v<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000100011&lang=pt> Acesso em: 15 nov. 2010.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. **O espaço da moradia urbana na economia capitalista: uma reflexão teórica**. 2001. 192 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A construção da escola pública democrática: algumas reflexões sobre a política educacional. In: Souza, B de P. **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MARRI, Izabel Guimarães; WAJNMAN, Simone. Esposas como principais provedoras de renda familiar. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 24, n. 1, **Jan./June** 2007. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982007000100003&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, May/Aug 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200005&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

MELO, Hildete Pereira de; CONSIDERA, Claudio Monteiro; SABBATO, Alberto Di. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3, Dec. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182007000300006&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

MORAES, Reginaldo. **Neoliberalismo: De onde vem, para onde vai?**. São Paulo: Senac, 2001. (Ponto Futuro).

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. Olhares de crianças baianas sobre família. **Paideia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, Jan./Apr. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000100010&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J.. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, July/Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200017&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, p.15-36, abr. 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar: Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice. **Família e Escola: Trajetórias de escolarização em Camadas Médias e Populares**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 127-154.

NOSELLA, M. L. C. D.. **As Belas Mentiras**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

NUCCI, Larry. Psicologia moral e educação: para além de crianças "boazinhas". **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, 07 jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000200006>=<pt>. Acesso em: 15 nov. 2010. 97022000000200006<=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; ALVES, Paola Biasoli. Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, 14 jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000200010<=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

POSSATTI, Izabel Cristina; DIAS, Mardônio Rique. Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000200007&lang=pt> . Acesso em: 15 nov. 2010.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Significados de família para crianças paulistas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 3, **July/Sept.** 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000300005&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

SERIE, Ginge. **Teste de racismo com crianças negras americanas**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pxTSWJCV9PU>>. Acesso em: 06 out. 2010.

STERNBERG e KINCHELOE . Introdução. Capítulo 1 in **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. RJ., Civilização Brasileira, 2001. pg. 9 – 84.

TULESKII, Silvana C. et al. Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas. **Revista do Departamento de Psicologia. Uff**, Niterói, v. 17, n. 1, **Jan./June** 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100010<=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010.

VENÂNCIO, R. P.. *Maternidade Negada* in DEL PRIORE, M.(org.). **História das Mulheres no Brasil**. S. P., Editora Contexto e Fund. Ed. Unesp, 1997. p. 189 – 222 Nogueira; Nogueira, 2002, p.18.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 21, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2010..

WERNECK, Vera Rudge. **A ideologia na educação**: Um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

WILLIS, Paul (Comp.). Introdução. In: WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 11-19.

_____. *Os elementos de uma cultura*, *Idem.* p. 23-71.

_____. *Notas para uma teoria das formas culturais*, *Idem.* p. 209-223.

Anexos

Livro 1

ACOMPANHANDO A LEITURA

Aula de leitura

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:

vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;

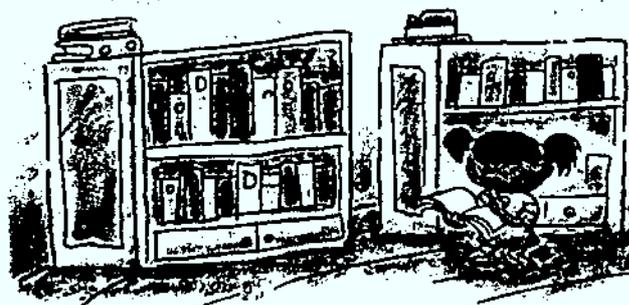
nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;

e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;

na cara do lutador,
quando está sentindo dor;

vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;

e no pêlo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;



e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;

e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;

e também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,

e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,

e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,

vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,

vai ler até nas estrelas
e no som do coração.

Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar.

AZEVEDO, Ricardo. *Dezenove poemas desen-
gonçados*. São Paulo: Ática, 1998. p. 41-42.



COMO FAZENDO A LEITURA

AMARELINHA

*Saltitando
de um jeitinbo delicado,
balançando
a trancinha
de cabelo cor de trigo
e sorriso
iluminado,
a menina
com cuidado
vai pulando
amarelinha,
olhando o chão
rabiscado
para não pisar
na linha.*

ALCOFORADO FILHO, Hardy Guedes. *O bailado:*
primeiros movimentos. São Paulo: Scipione, 1992. p. 6.



Livro 2



PRODUÇÃO DE TEXTO

Lista

Pense e responda

1 Complete, lembrando a canção da casa em que não havia nada.

Na casa engraçada, não havia nada: nem _____,
nem _____, nem _____.

2 Complete, dizendo o que há na sua casa.

Na minha casa, tem _____, _____,
_____ e _____.

Leitura

3 Veja só o que este menino resolveu fazer.

Resolução

Resolvi fugir de casa,
nessa casa não dá mais.
Vou juntar tudo o que eu tenho
e não volto aqui jamais.

Dois piões e uma fieira,
meu álbum de figurinhas,
o meu jogo de botão
e a coleção de tampinhas.
Dez bolinhas e um barbante,
um balão e dois apitos,
mais dois sapos ressecados
e a coleção de palitos.

Nunca mais vou estudar,
digo adeus para a escola.
Já está tudo reunido,
vou encher esta sacola.



Mas agora eu me lembrei,
logo que a mamãe chegar,
vai ter bala de hortelã.
Vou guardar minha sacola,
deixo a fuga pra amanhã!

PEDRO BANDEIRA. *Cavalgando o arco-íris.*
São Paulo: Moderna, 2002.

Glossário Resolução: decisão.



PARA LER MAIS

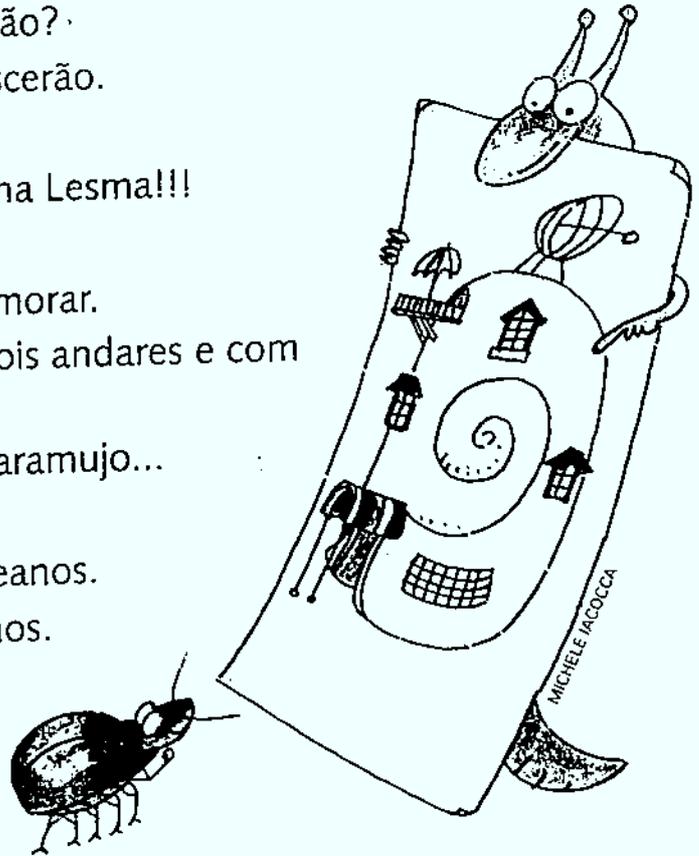
ANTES DE LER



- Você conhece algum bicho que anda com a casa nas costas? Qual?
- Durante a leitura, fique de olho!**
- Você sabe o que é um lesmarujo? Lendo o texto, você vai descobrir!

O Caramujo e o Besouro amigo

- Oi, Caramujo, cadê a sua casa?
- Está reformando.
- Quebrou?
- É pequena demais. Pretendo casar.
- Provavelmente terá casa, o seu par...
- Será? E meus filhotes, então?
- Com casinha também nascerão.
- E a nossa vida familiar?
- É, sem lar... Case com dona Lesma!!!
- Dona Lesma?
- Claro, ela não tem onde morar.
- Oba! Será uma casa de dois andares e com vários quartos para os filhotes!!!
- Filhotes de Lesma com Caramujo...
- Serão lesmarujos!
- Devagar atravessarão oceanos.
- Mas voltarão todos os anos.
- No Natal?
- Ou no Carnaval.
- Para nos contar...
- Histórias de além-mar.



GILLES EDUAR. *Diálogos interessantíssimos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

Glossário

Pretendo: quero, tenho a intenção de.



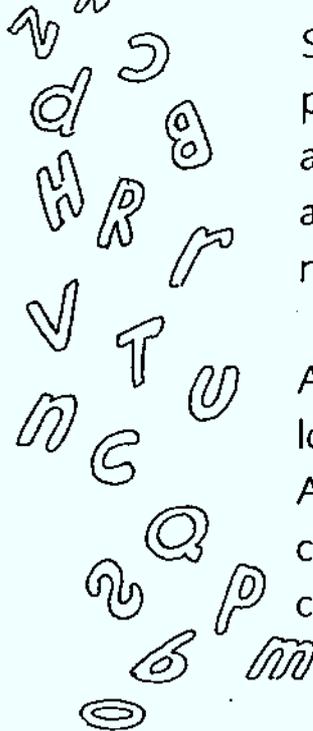
Ana Bela Comilona

Ana Bela Comilona
 come tudo o que vê.
 Basta ligar a TV
 NHAC, NHAC, NHAC.
 Era uma vez
 a bolacha,
 a pipoca,
 ou qualquer outra
 maçaroca.

Ana Bela Comilona
 só não era
 muito sabichona.
 Na mesa,
 entendia de tudo.
 Na escola,
 nada de ABC.

Sua mãe pensou,
 pensou, pensou,
 até que — OPA! —
 a solução estava
 na sopa.

Ana Bela Comilona
 logo aprendeu o
 ABC,
 comendo o prato repleto
 com as letras do alfabeto.



Glossário

Maçaroca: mistura estranha.
Repleto: cheio.

JOSÉ DE NICOLA.
Entre ecos e outros trechos.
 São Paulo: Moderna, 2002.

Reprodução autorizada. Art. 174, do Código Penal e Lei 6.101 de 19.06.1967. Reprodução de texto
 proibida. Reservados todos os direitos. Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização da Editora.



- Você já passou um dia inteirinho dentro de casa? Como você passou o tempo? Do que você costuma brincar em dias de chuva? E quando acaba a luz?

Prepare-se para a leitura

Marcelinho estava na maior expectativa naquela semana: no sábado iria para a praia com seu pai! O grande dia chegou, mas... estava chovendo! Ele ficou muito chateado. Será que teria de passar todo o sábado entediado só se lembrando do passeio que não pôde fazer? É o que você vai saber na leitura a seguir.

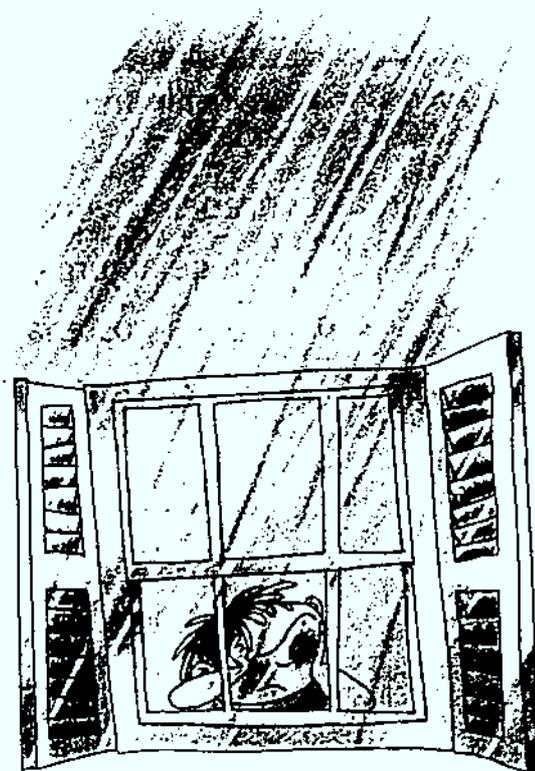
Tempo de brincar

[...] Marcelinho não perdeu a esperança. A chuva iria passar, falaria com seu pai e... finalmente iriam viajar! Esperou, esperou, esperou... Essperouuu... A chuva não passou!...

— AAAHHH! ESSA CHUVA NÃO TEM FIM!

Coitado do Marcelinho! Preso dentro de casa num dia chuvoso. E ainda por cima, o *videogame* estava quebrado. Decidiu então assistir à televisão. Foi para a sala e... Adivinhem! Acabou a luz! Céus, algum raio devia ter atingido um fio da rede elétrica!

Não é possível! Hoje não é o meu dia! Calma, não vou me desesperar... Não tenho superpoderes para controlar o tempo... Peraí! Posso brincar de super-herói!



SERGIO PALMIRO

Marcelinho revirou o armário, achou a sua supercapa e saiu do quarto para suas superaventuras. De repente, o seu superestômago lembrou-se de que estava supervazio...

Após o almoço, resolveu pôr em prática seus dotes de superartista, pois super-herói tem de ser bom em tudo! Enquanto isso, a chuva caía sem parar e Marcelinho nem percebeu que a energia havia retornado. Estava tão entretido em suas superatividades...

Depois de tanto se esbaldar com a brincadeira, o superartista ficou supersujo.

Resolveu tomar um superbanho de banheira.



SERGIO PALMIRO

Logo após o banho, descansou um pouco na cadeira do papai. Ah! Como foi bom! E a mamãe deixou que ele ligasse para a pizzaria e pedisse a sua *pizza* favorita! É, até que esse dia não tinha sido tão mau assim... [...]

Glossário

Esbaldar-se: divertir-se muito.

ANA PAULA E. FREDDI e NOEMI P. LOUREIRO. *Tempo de brincar*. São Paulo: Scipione, 1997. (Fragmento.)



VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão

1 Complete as frases com os motivos que levaram Marcelinho a não fazer estas coisas.

- Ele não foi à praia porque _____.
- Ele não brincou de *videogame* porque _____.
- Ele não assistiu à TV porque _____.



PARA LER MAIS

ANTES DE LER



- Você gosta de jogos? Qual seu jogo favorito? Por que as regras são importantes em um jogo? O que você acha de brincar ou jogar com quem não respeita certas regras?

Festas, brincadeiras e esportes

[...]

Nas brincadeiras e esportes,
Uma regra não se deve esquecer:
"Competir com lealdade
É mais importante que vencer!"

Não queira ser o melhor
Impondo a sua vontade.
Se aprender a ceder,
Conquistará a amizade.

Só porque você perdeu,
Não deve resmungar
Nem fazer cara feia.
O jogo vai continuar!

Desta vez você teve sorte,
Conseguiu ser o vencedor.
Mas não fique tão vaidoso:
Um dia é da caça, outro do caçador.
[...]



ILUSTRAÇÕES: MARIANA NEVLANDS

Não desrespeite as regras,
Trapaça é deslealdade.
Se quiser ter sempre amigos,
Seja honesto e diga a verdade.
[...]

Glossário Trapaça: roubalheira.

ANA SERNA VARA e MARGARITA MENÉNDEZ.
Boas maneiras: 200 regras de cidadania.
Barueri: Girassol, s.d.



- O conto que você vai ler vem da Colômbia, país vizinho ao Brasil. Você vai reparar que uma das personagens usa um **poncho**, que é uma espécie de xale muito usada pelos colombianos.

Durante a leitura, fique de olho!

Observe bem a diferença entre os dois compadres e imagine, antes do final da leitura, qual deles vai ser castigado.

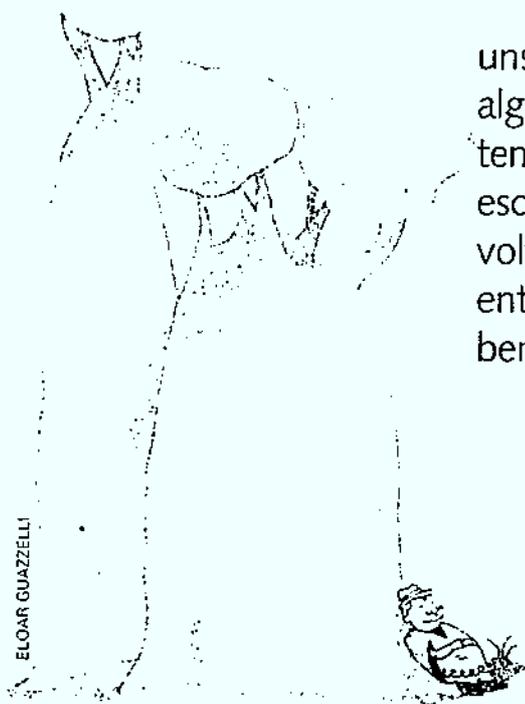


MORTON BEBE/CORBIS - STOCK PHOTOS

Domingo Sete

Era uma vez dois compadres. Um deles era rico: possuía casa, terras, animais e tudo aquilo que as pessoas consideram indispensável à felicidade, mas vivia se lamentando porque tinha papo. Seu nome era Régulo. Agostinho, o outro, era pobre e nada possuía, mas gostava de cantar e era o primeiro a zombar do seu próprio pescoço, também volumoso por causa de um papo.

Um domingo, no mercado, Agostinho viu uns porcos e ficou um tempão imaginando se algum dia poderia comprá-los. Não sentiu o tempo passar e, como já era tarde e estava escuro, achou melhor não pegar o caminho de volta para sua casa, que ficava longe. Resolveu, então, dormir debaixo de uma árvore enorme, bem coberto com o seu poncho.



ELONAR GUZZELLI

Glossário

Compadres: pessoas que foram padrinhos um do filho do outro; vizinhos, amigos.

Lamentando: reclamando, chorando.

Zombar: caçoar, fazer gozação.

Agostinho sonhou a noite inteira com os porcos que não pudera comprar e, quando já começava a clarear, foi despertado por um alvoroço de pássaros. Começou a prestar atenção no que ouvia e escutou os pássaros cantarem:

— *Segunda e terça
e quarta são três.
Segunda e terça
e quarta são três.*

Agostinho, que gostava de cantar, replicou imediatamente:

— *E quinta e sexta
mais sábado seis.
E quinta e sexta
mais sábado seis.*

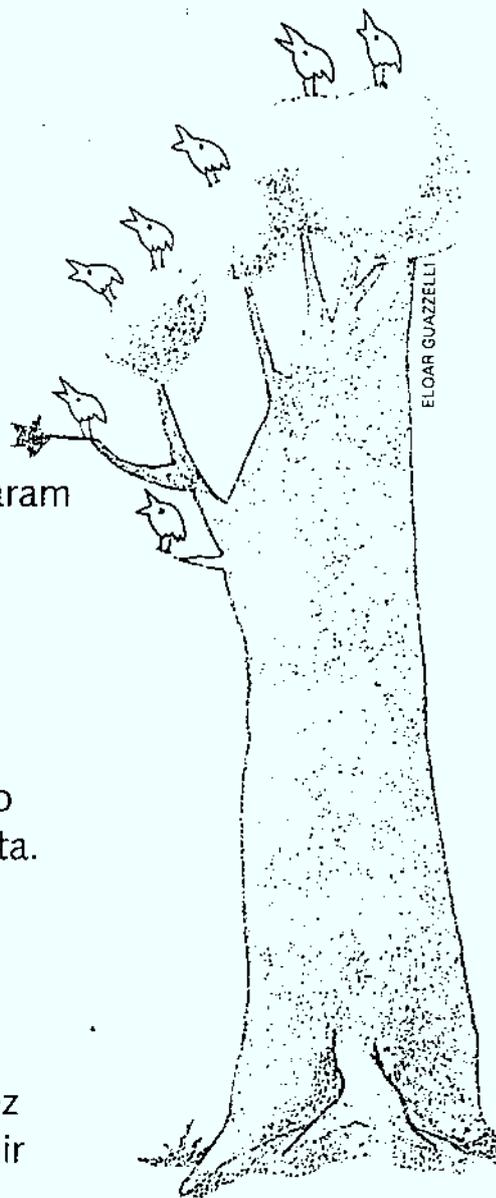
Os pássaros, encantados com os versos feitos por Agostinho dando continuidade à sua canção, desceram imediatamente e esvoaçaram sobre sua cabeça, e, como num conto de fadas, disseram-lhe que podia fazer um pedido.

— Tirem meu papo! — exclamou Agostinho.

Dito e feito. Quando ele tocou o pescoço, notou que o papo havia sumido. Além disso, os pássaros jogaram moedas de ouro no seu bolso e se afastaram felizes, cantando a canção completa.

Quando Régulo viu o compadre sem papo, ficou morrendo de inveja. E sua raiva aumentou quando, no domingo seguinte, viu Agostinho comprar seis belos porcos e duas vacas leiteiras.

— Agostinho — disse ele —, pra mim você fez algum trato com o diabo. Senão como ia conseguir perder o papo e ficar rico da noite pro dia?



Agostinho deu uma gargalhada e contou ao amigo a história dos pássaros. Antes mesmo que Agostinho terminasse de falar, Régulo foi correndo até a árvore e se pôs a sacudir os galhos, até que os pássaros começaram a cantar:

— Segunda e terça
e quarta são três.
Segunda e terça
e quarta são três.
E quinta e sexta
mais sábado seis.
E quinta e sexta
mais sábado seis.

— E domingo sete! — concluiu Régulo, convencido de que agora era a sua vez de ter a grande sorte.

Os pássaros, no entanto, não acharam nem rima nem graça no seu verso. E, em lugar de fazer sumir seu papo — conforme ele esperava —, puseram-lhe o papo do Agostinho, de modo que o seu pescoço ficou parecendo uma graviola. Agora, Régulo vive mais furioso do que nunca, e na vila é conhecido por todos como o "Domingo Sete".

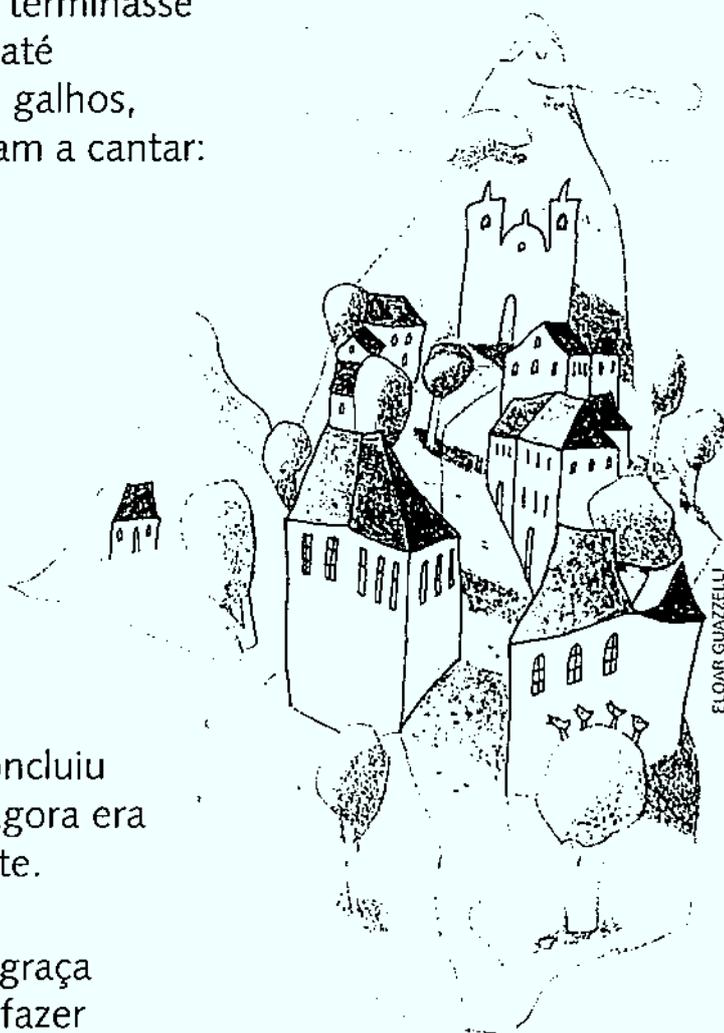
Conto tradicional da Colômbia, extraído de
Contos populares para crianças da América Latina.
São Paulo: Ática, 1984. p. 18-23.

Glossário

Graviola: fruta de casca grossa cheia de pequenos calombos.



OPÇÃO BRASIL IMAGENS



ELOAR GUAZZELLI





- A ilustração trata de uma escola de dragões. Observe-a e depois responda.
- Do que parece ser essa aula?
- Qual a reação dos alunos vendo a “apresentação” do colega?
- E a reação do professor?

Durante a leitura, fique de olho!

Observe em que aspectos a escola deste texto é diferente da sua.

O pequeno dragão

Era um mundo muito feio, feio mesmo, assustador.

Um mundo todo coberto de pântanos, de lama e de pedras.

Nesse mundo, todas as montanhas eram vulcões. E, no alto de cada vulcão, moravam terríveis dragões!

Tinha dragão de todos os tipos, de todas as cores e de todas as feiúras.

Cada um pior que o outro.

Cada um mais feio que o outro.

Cada um mais malvado e assustador que o outro!

Todos os dragões, quando ainda eram pequenos, tinham de ir à Escola de Dragões, para aprender a urrar e a soltar fogo e fumaça pela goela.

Na escola, os dragõezinhos tinham de aprender tudo o que fosse necessário para povoar os sustos e os pesadelos das crianças.

Um dragãozinho só recebia o diploma depois que conseguisse derreter uma pedra — das grandes — só com o bafo!

A professora estava muito feliz com quase todos os seus alunos...



Com quase todos, menos com o Dadá.

Dadá era um dragãozinho diferente. Tinha só uma cabecinha e era o pior aluno da escola.

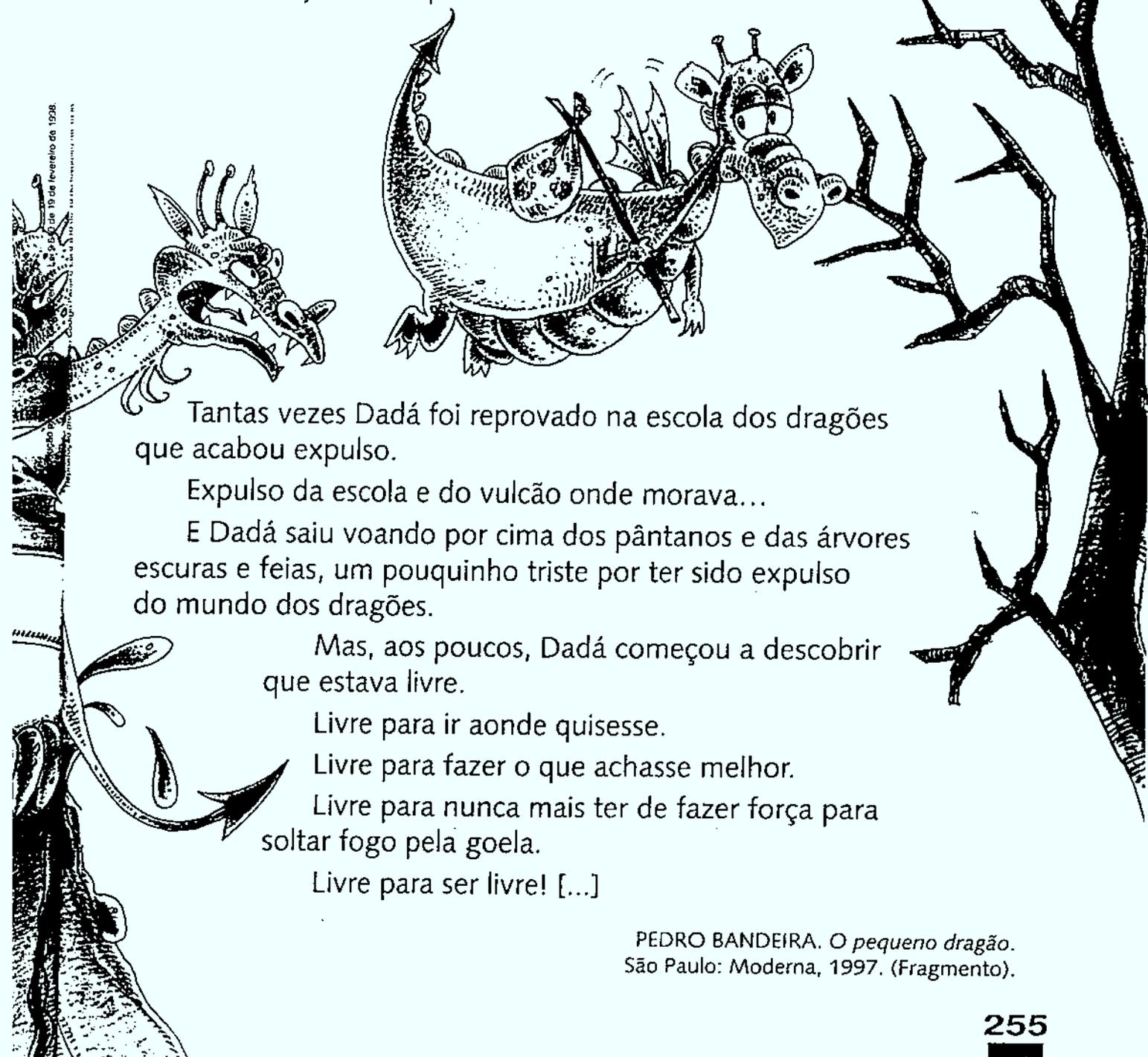
Nos dias de prova, Dadá sempre acabava ficando de castigo, pois, por mais que tentasse, só conseguia soltar uma fumacinha à-toa pela goela.

O pior mesmo aconteceu no dia em que a professora mandou os alunos fazer desenhos. Tinham de ser desenhos assustadores.

Quanto mais medo provocassem, melhor seria a nota. Mas...vejam só o que o Dadá desenhou...

de 19 de fevereiro de 1938. © 1997 by Editora Moderna S.A. Todos os direitos reservados. 111 pp.

RICARDO DANTAS



Tantas vezes Dadá foi reprovado na escola dos dragões que acabou expulso.

Expulso da escola e do vulcão onde morava...

E Dadá saiu voando por cima dos pântanos e das árvores escuras e feias, um pouquinho triste por ter sido expulso do mundo dos dragões.

Mas, aos poucos, Dadá começou a descobrir que estava livre.

Livre para ir aonde quisesse.

Livre para fazer o que achasse melhor.

Livre para nunca mais ter de fazer força para soltar fogo pela goela.

Livre para ser livre! [...]

PEDRO BANDEIRA. *O pequeno dragão*. São Paulo: Moderna, 1997. (Fragmento).



PRODUÇÃO DE TEXTO

Versos rimados

Leitura

A escola

Todo dia,
na escola
a professora,
o professor.
A gente aprende,
e brinca muito,
com desenho
tinta e cola.

Meus amigos
tão queridos
fazem farra,
fazem fila.
O Paulinho,
o Pedrão,
a Patrícia
e a Priscila.

Quando chega
o recreio
tudo vira
brincadeira.
Como bolo,
tomo o suco
que vem dentro
da lancheira.

Quando toca
o sinal,
nossa aula
chega ao fim.
Até amanhã,
amiguinhos,
não se esqueçam, não
de mim...

CLÁUDIO THEBAS. *Amigos do peito.*
Belo Horizonte: Formato, 1996.



RICARDO DANTAS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei, 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei, 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



ANTES DE LER



- Você já imaginou se vivêssemos num mundo ao contrário, isto é, em que todas as coisas estivessem ao contrário do que deveriam? Como seria uma escola nesse mundo?

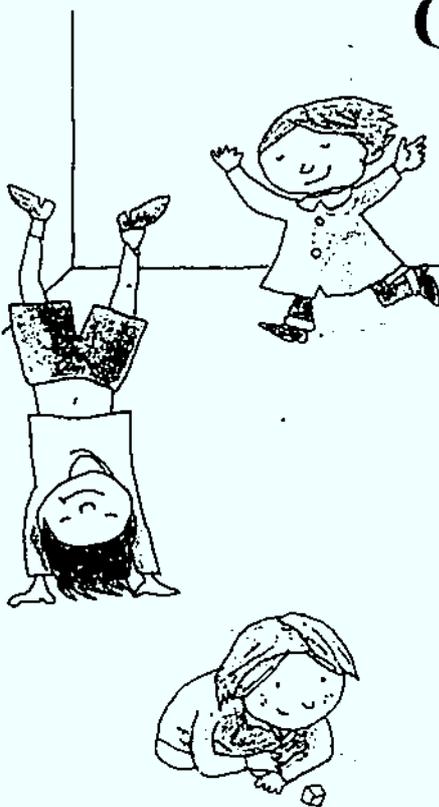
Prepare-se para a leitura

No texto que você vai ler há um menino chamado Manequinho, que vive fazendo o jogo do contrário, isto é, imaginando como seriam as coisas se elas fossem ao contrário do que são. Um dia ele imaginou a "escola do contrário". Veja como ele a imaginou.

Durante a leitura, fique de olho!

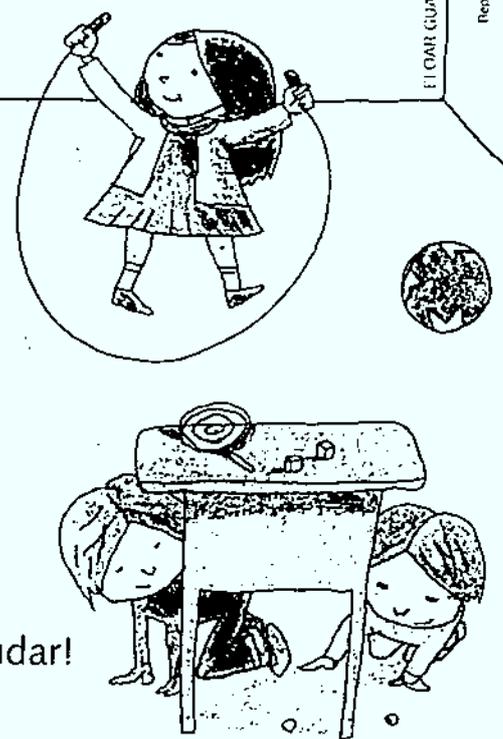
Se você prestar atenção, vai ver que nem tudo nesta escola é ao contrário. Algumas coisas continuam as mesmas; descubra quais.

O jogo do contrário



[...] Na escola do contrário os alunos vão chegando. Já está quase na hora, todos já estão entrando.

O sinal já vai bater, sentados nas carteiras ouvem a professora dizer: — Vamos começar a aula que está na hora de brincar, até a hora do recreio não quero ver ninguém estudar!



ELIOMAR GUARIZELLI

Reprodução proibida Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998

Reprodução proibida Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998





Assim Manequinho acha
que é a escola do contrário:
em vez de estudar
todos têm é que brincar.

Aritmética, Linguagem,
Geografia e Ciências,
só na hora do recreio:
durante o tempo da aula
só brincar de cabra-cega,
de corda e de pega-pega.

Voltando da escola,
Manequinho vai almoçar,
mas a comida atrasa,
e ele começa a fazer
a brincadeira de casa. [...]



JANDIRA MASUR. *O jogo do contrário*.
São Paulo: Ática, 1978. (Fragmento.)



VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão

1 Assinale a maior diferença que a escola do contrário tem das outras.

- Não há aulas de Geografia e Ciências.
- Na hora de estudar, todos têm que brincar.
- Não há professores.



Volta às aulas

Ir de charrete é mais gostoso do que de trator

KATIA CALSAVARA
ENVIADA ESPECIAL A TIETÊ

Como você vai à escola? De ônibus, carro, charrete, trator, canoa, a pé? Confira as histórias de algumas crianças, que contam como é o caminho que fazem até a escola.

Flávia Florentina de Paula, 8, acorda às cinco e meia da manhã e enfrenta uma viagem de 15 quilômetros, que faz metade a pé e a outra metade na charrete ou no trator do pai.

Flávia mora no sítio Sabaúna, na cidade de Tietê, a 159 quilômetros de São Paulo.

Quando o trator está quebrado, ela segue na charrete puxada pela égua Paloma. "Eu prefiro ir de charrete, é mais gostoso", conta Flávia, que quase não falta às aulas, só falta em dias de chuva. [...]

No ônibus escolar, a gritaria é constante, e o coro foi geral quando a

Folhinha perguntou se era melhor ir de ônibus do que ir a pé. "Ôôô... se é melhor!", disseram juntas as crianças. Não há bancos para acomodar todos, mas as crianças acham divertido. "A gente corre para pegar o banco, mas, se não der, beleza, a farra é a mesma", diz Carlos Correia Bon, 10.



ANTONIO JOSÉ DO CARMO/AF

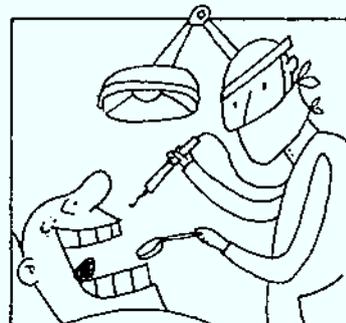
Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 ago.
2001. Folhinha.

Folhinha é o suplemento infantil da *Folha de S. Paulo*, jornal em que o texto foi publicado.

Livro 3

Profissões

Certamente, alguém da sua família já lhe perguntou o que você quer ser quando crescer. É que a profissão é algo muito importante na vida de todos nós. Você já parou para pensar quantas profissões existem no mundo? E todas elas são dignas de respeito e admiração.



MICHELI TACCHICA



QUE CURIOSO!

Profissões que surgem... e somem

O surgimento dos bondes nas cidades, junto com a luz elétrica, determinou também mudanças nas profissões das pessoas. Desapareceu o acendedor de lampiões, surgiu o limpa-trilhos, encarregado de garantir que os trilhos dos bondes não contivessem objetos que pudessem provocar acidentes. Provavelmente, muitos dos antigos acendedores de lampiões a gás foram reempregados na nova atividade.



119 FOTODUÇÃO

CARLOS PIMENTEL MENDES. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/bondep.htm>. Acesso em: 23 mar. 2004. (Texto adaptado.)



- Você já foi ao circo? Que tipo de profissional trabalha no circo?

Durante a leitura, fique de olho!

Observe quantos tipos de profissionais aparecem no texto a seguir.
Você gostaria de ser algum deles?

O quarto que virou circo

[...]

Respeitável público!
Senhoras e senhores...



Quarto de criança cabe de tudo.
Cabe bola, mala, trem de ferro — daqueles de verdade.
Cabe forte apache, parque de diversões, fazenda, bichos...
Cabe o que o dono do quarto quiser.
Até mesmo um circo.
O maior circo do mundo.

O quarto de Tonho era igual ao de todos os meninos.
Quer dizer, nem tanto.
Não tinha armário nem caixa de brinquedos nem bolas.
Mas era um quarto bem alegre porque era um circo.
A mãe de Tonho, Dona Piedade, era lavadeira.
Seu Vicente, o pai, era motorista de ônibus.
Eles ganhavam pouco e ficavam o dia inteiro fora.
Trabalhando.
E Tonho ficava em casa.
Sozinho.



MICHELE JACOCCA

[...]

Seu Vicente e Dona Piedade não sabiam do circo. Tonho se fechava em seu quarto logo depois do almoço e só saía à tardinha, quando o espetáculo terminava e os artistas e animais iam descansar.

Cada um desempenhava a sua função. Todos eram indispensáveis e importantes para o bom andamento do circo. Desde o apresentador, Mr. Gonzalez, até Simão, o responsável pelos animais.

Os palhaços Furreca, Cremoso e Esparadrapo cuidavam da divulgação.

Eles andavam por todas as ruas do bairro e viviam roucos de tanto gritar:

— Vamos lá, garotada!

Chegou o Grande Circo Internacional!

— Leões, focas, elefantes!

Mágicos, trapezistas, domadores!

— E mais. Pipoca e refrigerante de graça para a criançada!

Não deixem de ver!

Os ingressos estão acabando!

As crianças estavam agitadas, comendo pipocas sem parar.

Era a vez de Vanusa, com seu salto mortal sobre a corda bamba.

Mr. Gonzalez pedia a Vanusa que desistisse.

Tonho parecia apreensivo.

Os tambores vibravam, enquanto ela se concentrava.

Atenção...

Agora!

Palmas. Pipocas no ar. Balões estouravam.

Vanusa conseguiu.



ILUSTRAÇÕES: MICHELE IACocca



Tonho sentiu que seu público estava gostando do circo.
Claro que tinha público!
E dos pais que levavam seus filhos ao circo,
Tonho só cobrava meio ingresso.
E com direito a sentarem lá na frente.
Mas isso não era promoção.
Foi uma forma que ele encontrou
para que os adultos tivessem
uma chance de saber o que é um circo
dirigido por uma criança.



Tonho pensou em apresentar mais de uma sessão por dia.
Logo iam surgir focas malabaristas,
tigres de Bengala,
macacos trapezistas,
elefantes da Índia,
o homem dos músculos de aço.
Ele queria que seu pequeno circo
tivesse tudo aquilo que os grandes circos têm.



ILUSTRAÇÕES: MICHELE IACocca

Em coração de criança
cabe muito mais coisa que em coração de adulto.

MAURO MARTINS. *O quarto que virou circo*.
Belo Horizonte: Lê, 1981. p. 6-15. (Fragmento.)



VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão

- 1** Qual o nome dos palhaços do circo de Tonho?
- Você achou esses nomes adequados para palhaços? Por quê?
 - Escreva outros três nomes que você julgue adequados para palhaços.



PRODUÇÃO DE TEXTO

Auto-retrato

Leitura

Zeca



[...] Meu nome é José Carlos, mas todos me chamam de Zeca. Tenho dez anos, nasci e sempre morei em São Paulo. Sou um bicho de cidade grande, criado em apartamento, acostumado com trânsito, barulho e poluição.

Meu pai é gerente de banco e minha mãe, professora. Família de orçamento apertado... Desde pequeno, estudo na escola municipal do nosso bairro. Tenho muitos amigos e, talvez por isso, não tenho muitos medos. Conheço todo mundo que mora nos arredores do nosso prédio. Bicicletando para cima e para baixo, sou uma figurinha conhecida no pedaço. Pronto! Esse aí sou eu. [...]

Glossário

Arredores: vizinhança.

CARLOS QUEIROZ TELLES. *Asas brancas*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002. p. 6-8. (Col. Girassol.)

Compreensão

- 1** Do que Zeca está falando no texto?
- 2** Com o que tem de conviver um “bicho de cidade grande”?
- 3** Copie no caderno a explicação do que é uma “família de orçamento apertado”.
 - Família que mora em apartamento pequeno.
 - Família que ganha apenas o suficiente para seus gastos.



ANTES DE LER



- Você pode imaginar o que faria uma pessoa se a Morte chegasse perto dela e a convidasse para um passeio? E você, o que faria?

Durante a leitura, fique de olho!

Se você não está contente com a beleza de seu rosto, preste atenção, pois agora saberá de quem é a culpa!

O pintor do céu

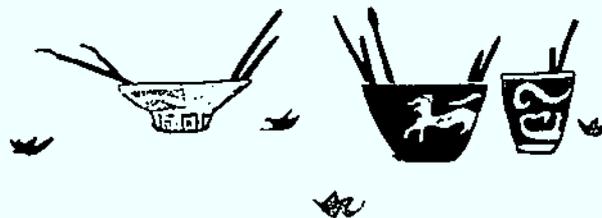
Há muito tempo, vivia no sul da China um velho pintor de muito talento. O que ele mais gostava de retratar eram rostos de crianças. Toda semana pintava sete carinhas diferentes, uma para cada dia.

Certa noite, enquanto o velho pintor trabalhava, caiu uma tempestade horrível. Ele estava tão entretido em fazer o retrato de uma linda menina que nem percebeu que à sua porta surgira uma misteriosa figura. Ela atravessou o cômodo e, quando chegou ao seu lado, disse:

— Eu sou a Morte e preciso levá-lo comigo hoje.

O velho, porém, não ficou assustado. Pelo contrário, continuou a pintar, respondendo apenas:

— Morte, por favor, diga ao Senhor do céu que estou muito ocupado e não posso partir sem terminar meu retrato.



Surpresa com a atitude do pintor, a Morte aproximou-se do quadro. Ficou paralisada. O rosto que ele pintava era tão lindo e vivo que parecia lhe sorrir. Emocionada, a Morte foi-se embora. Quando chegou ao céu, o Senhor do céu lhe perguntou:

— Morte, o que aconteceu? Você voltou sozinha?

— Senhor, me perdoe, mas não consegui interromper o velho mestre. Ele estava pintando um rosto tão lindo...

O Senhor do céu ficou furioso com a Morte:

— O que é isso? Você nunca me desobedeceu! Volte já para a Terra e traga-me o pintor!

Mas, quando a Morte chegou à casa do pintor, ficou novamente paralisada. Os quadros do velhinho eram tão maravilhosos que ela não queria que ele parasse de trabalhar. Porém, dessa vez não poderia falhar, e pediu que o pintor apanhasse seu material e o quadro que estava pintando e a acompanhasse. Quando viu o quadro do velho, o Senhor do céu compreendeu a atitude da Morte e disse:

— Meu velho e sábio mestre, soube que na Terra você era um pintor célebre. Pois bem, vou permitir que continue a trabalhar no céu.

E foi assim que o pintor se instalou no maravilhoso palácio celeste junto com o Espírito da Vida. Cada vez que o Espírito da Vida desejava fazer nascer um bebezinho, chamava o pintor para que ele criasse um lindo rosto. E é por isso que, até os dias de hoje, todas as crianças são belas, trazendo em suas pequenas faces o toque mágico do eterno mestre chinês, o pintor do reino dos céus.

História do folclore tibetano, recontada por Heloisa Prieto.
Lá vem história. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.



A tartaruga insatisfeita

Uma tartaruga muito preguiçosa queixava-se para a mãe de que a casa que carregava nas costas era muito pesada.

— Ai como ela me pesa, choramingava. Por que não posso tirá-la para passear à vontade? Não posso correr e saltar como os outros animais.

— É verdade — respondeu-lhe a mãe — mas você nasceu tartaruga e tartaruga será até o fim da vida. Não posso fazer nada. Além disso, você nunca pensou como ela é útil?

A jovem tartaruga espantou-se:

— Útil?

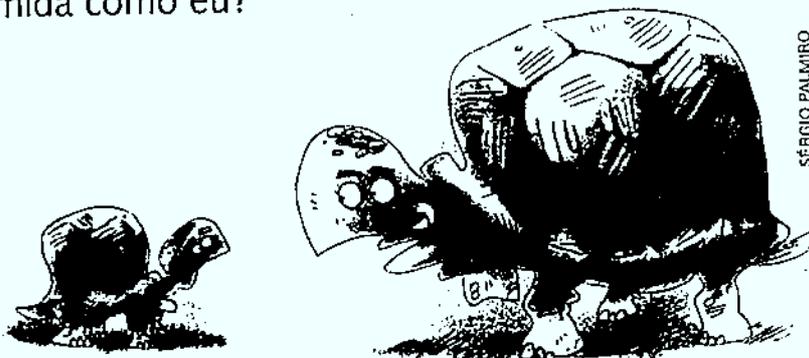
— Claro — disse a mãe. — Em caso de perigo você pode esconder-se dentro dela. A carapaça é nossa casa e poucos animais têm tal sorte.

— Ora, grande sorte! — resmungou a filha.

— O que fazem os outros? Quando estão em perigo escondem-se num buraco, atrás de uma árvore. Pode dizer o que quiser, mas estou cheia desta carapaça!

E, de mau humor, foi para a praia procurar folhinhas novas para mascar. Quando ia atravessando um pequeno caminho viu um grande sapo.

— Bom dia, amiga tartaruga, está procurando comida como eu?



SÉRGIO PALMIRO

— Sim, mas hoje estou sem fome. Estou triste.

O sapo assustou-se:

— O que fez você ficar triste?

— Sabe — disse a tartaruga — é que estou cansada de carregar minha casa nas costas. Se pudesse livrar-me dela podia saltar, pular como você, em lugar de arrastar-me com sacrifício pela grama.

O sapo, da mesma maneira que a tartaruga-mãe, disse que, em caso de perigo, ela não corria nenhum risco.

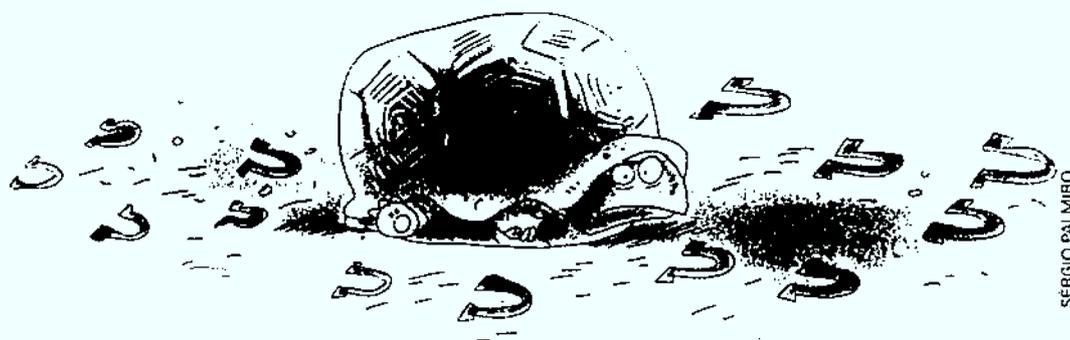
— Mas que perigo posso correr? — impacientou-se a tartaruga-filha.

No mesmo instante ouviu-se o galope de um cavalo que se aproximava.

O sapo deu um pulo de lado e escondeu-se numa vala. Mas a tartaruga, lerda por natureza, ficou plantada no lugar. Apenas enfiou as patas e a cabeça dentro da carapaça. E foi bom ter feito isso, pois o cavalo, chegando de repente, pisou em cima dela.

O cavalo foi embora, a poeira assentou. O sapo saiu de seu esconderijo e disse à tartaruga, todo tonto:

— Se eu estivesse em seu lugar estava morto! Você foi protegida pela casa. Daqui para frente ainda vai se queixar dela?



Glossário Vala: buraco.

O gato e o fazendeiro e outras fábulas.
Tradução de Zilda Abujamra Daeir. São Paulo:
Melhoramentos, 1986. p. 8-9.

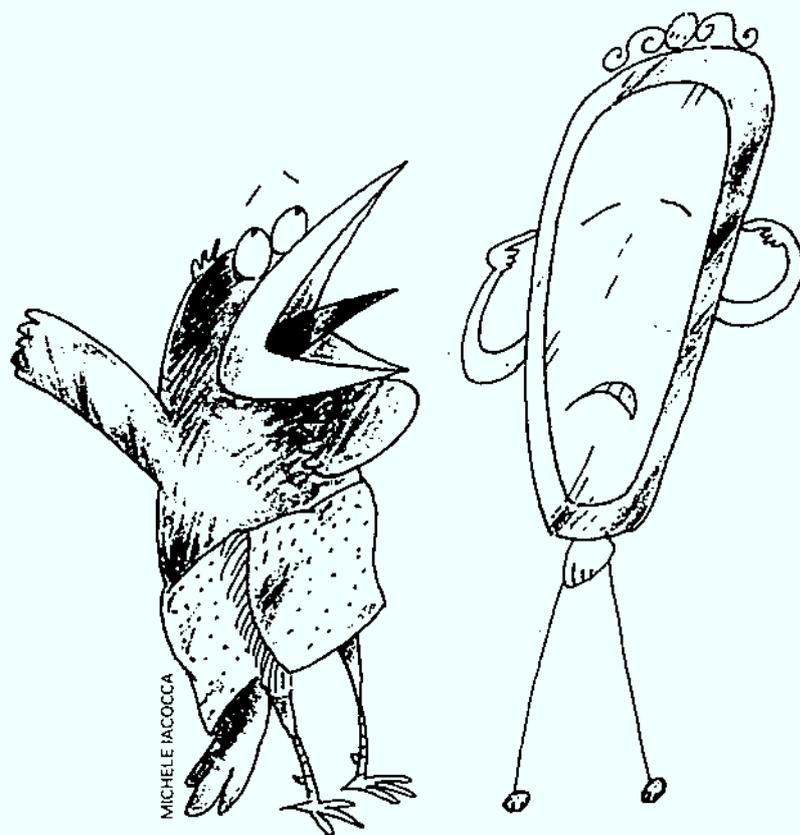
O cuco e o rouxinol

Há muito tempo, havia na floresta um pássaro-cuco que queria ser tão importante quanto os pássaros que possuíam os mais belos trinos. Para isso, ensaiava todos os dias, durante muitas horas. Ele cantava na cama, tomando banho, diante do espelho e até mesmo quando estava comendo, o que sempre acabava na maior lambança. Esforçava-se assim para impressionar a rainha águia e tentar, com isso, conseguir ser promovido a rouxinol.

Sempre ao entardecer, pedia uma audiência com a rainha para lhe mostrar o quanto havia aprendido e como vinha-se dedicando para merecer a promoção.

A rainha era benevolente com seus súditos, por isso acabava por dar uma nova chance ao cuco, mas arrependia-se tão logo ele começava seu canto desafinado.

O tempo passava e o cuco continuava insistindo, até que um dia a rainha resolveu acabar com o seu martírio e promoveu-o a rouxinol. O cuco ficou tão alegre que saiu voando pela floresta, dando piruetas pelo ar.



"Agora que sou um rouxinol", pensou ele, "tenho de cumprir o meu papel direitinho e encantar a todos com os meus maravilhosos trinados. Promoverei um encontro com outros rouxinóis e, juntos, faremos um grande espetáculo."

No dia da festa, todos os pássaros estavam presentes e o cuco, todo elegante em seu fraque preto. Assim que anunciaram a sua participação, entrou no palco. Primeiro arrumou o microfone, depois olhou para a platéia e, em seguida, soltou as primeiras notas da música que havia escolhido para aquela noite tão especial.

Os pássaros, quando ouviram aquilo, ficaram espantados com tamanha desafinação e, achando que se tratava de uma brincadeira, caíram na gargalhada. O cuco não se intimidou e continuou com sua música, fazendo de conta que o que estava acontecendo não era com ele.

De repente, alguém da platéia gritou:

— Cuco! Pare com isso! Assim você mata a gente de tanto rir. Se quiser cantar, primeiro aprenda.



Glossário

Lambança: sujeira.

Súditos: pessoas governadas por um rei ou por uma rainha.

Martírio: sofrimento.

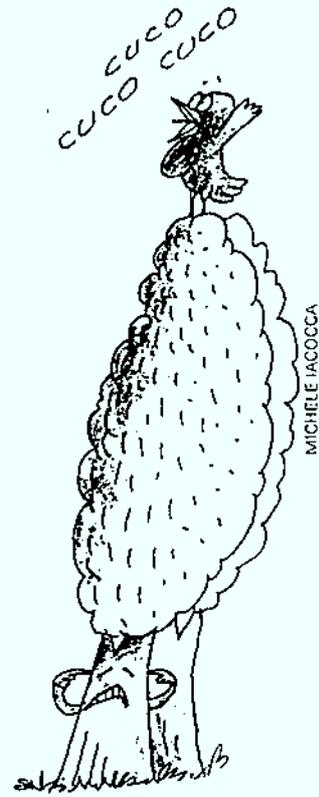
Fraque: tipo de paletó fino e elegante, de festa.

E mais risadas vieram. Não havia mais dúvida: era dele mesmo que todos estavam rindo. Totalmente desconsolado, saiu voando em direção à rainha águia, que também havia sido convidada, e disse-lhe:

— Minha rainha, faça alguma coisa: diga-lhes que agora sou um rouxinol promovido por Vossa Excelência e que mereço tal respeito.

— Meu rapaz — disse a águia —, sou rainha dos bosques, mas não sou Deus. Posso trocar o nome de um cuco para rouxinol, mas não posso transformá-lo.

Desde então, o cuco voa pela floresta repetindo o seu nome para que nunca mais se esqueça de quem ele realmente é.



IVAN KRILOV. Em: RENATO BELO (org.) *Volta ao mundo em 15 fábulas*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2003. p. 89-94.

Vamos explorar o texto

Compreensão

- 1** Que pássaros eram considerados importantes na comunidade em que o cuco vivia?
- 2** Responda.
 - Qual era o desejo do cuco?
 - O que ele fazia para conseguir realizar seu desejo?
 - O que podemos dizer sobre o cuco ao observar a maneira como se esforçava para realizar seu desejo?
 - O que nos mostra que o cuco não era disciplinado?
- 3** Como você imagina que uma rainha benevolente age com seus súditos?
- 4** Você acha que a rainha foi benevolente ao promover o cuco? Por quê?



- O que você prefere: morar numa cidade grande, com todo o conforto da civilização moderna (cinemas, grandes supermercados, etc.), ou morar perto da natureza, numa cidadezinha tranqüila ou num sítio? Reflita sobre as vantagens de cada lugar antes de ler o texto a seguir.
- Você vai ler uma **fábula**. **Fábula** é uma narrativa curta sobre acontecimentos fabulosos, imaginários, muitas vezes vividos por fadas, bruxas ou animais falantes. Hoje, usa-se essa palavra para indicar pequenas histórias, geralmente com personagens não-humanas, que querem ensinar alguma coisa, dar uma lição de vida. Você já leu alguma fábula?
- O mais famoso contador de fábulas do mundo foi Esopo, um escravo que viveu na Grécia, há mais de 2.500 anos. Graças a seus dotes de contador de histórias, ele ganhou a liberdade e até uma estátua em sua homenagem.

Durante a leitura, fique de olho!

A história a seguir fala sobre a vida de dois ratos. Imagine o que um dos ratos usava como prato e como copo.

Durante a leitura, confira se acertou.

O rato da cidade e o rato do campo

(Esopo, Grécia)



ELOAR GUAZZELLI

Era uma vez dois ratos, primos; mas, apesar do parentesco, dificilmente se viam, pois um morava na cidade e o outro no campo. Um dia, o rato da cidade resolveu visitar o primo do campo e ver como ele vivia.

Chegando lá, foi muito bem recebido. Depois de uma longa conversa, resolveram comer algo.

— Bom, meu primo, vou-lhe oferecer um jantar especial que nós, ratos do campo, comemos em raras ocasiões.

Em seguida, levantou-se, foi até a cozinha e voltou trazendo uma tampinha de garrafa que ele usava como prato, cheia de grãos de milho e ervilha. Retornou à cozinha e voltou com um dedal cheio da mais pura água de rio.



— Primo! — disse o rato da cidade —, é isso que você come em situações especiais? Fico imaginando como deve ser sua comida no dia-a-dia.

— A gente acaba se acostumando. É muito bom, experimente — disse o rato do campo.

— Na verdade estou com pouca fome hoje. Gostaria de descansar um pouco. Você poderia me mostrar onde dormirei?

Prontamente, o rato do campo levantou-se, guiou seu convidado em direção a um buraco na parede e disse:

— Hoje poderá dormir em meu quarto. Estará mais confortável nele do que na sala.

O rato da cidade entrou e achou o lugar muito escuro; só era possível enxergar um bocado de palha no chão. O primo disse-lhe que era ali que ele dormia.

Sem querer entristecer o primo com suas opiniões sobre a vida no campo, o rato da cidade aceitou de bom grado o préstimo, mas fez questão de pedir que ele o acompanhasse no outro dia na viagem de volta, pois tinha certeza de que teria uma vida melhor morando na cidade.

No dia seguinte, os dois saíram bem cedinho pela estrada, em direção à cidade, e, no meio do caminho, o rato da cidade ia contando ao primo todas as coisas boas que iria encontrar. Já era tarde quando chegaram, e ambos estavam com fome e cansados.

— Bem, primo, aqui estamos. Lar, doce lar — disse o anfitrião.

— Poxa, primo, como sua casinha é bonita!

— Obrigado. Mas agora vamos comer alguma coisa para acabar com esta fome.

— Vamos, sim — respondeu alegremente o rato do campo.

Os dois saíram da toca e caminharam por um imenso corredor até chegar à cozinha. Depois correram para trás da geladeira e acharam, entre alguns farelos, alguns pedaços de queijo.

ELDAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

— Mas que banquete, primo! — disse o rato do campo quando acabaram de comer.

— Pois é, não lhe falei? Aqui você vai comer sempre desse jeito. Mas agora vamos descansar para aproveitar o dia de amanhã.

Quando estavam perto da toca, ouviram um barulho.

De repente, apareceu um homem enorme, que, quando os viu parados no meio da cozinha, tentou acertá-los com um rolo de macarrão. Os ratos fugiram desesperados. Por um triz não foram esmagados.

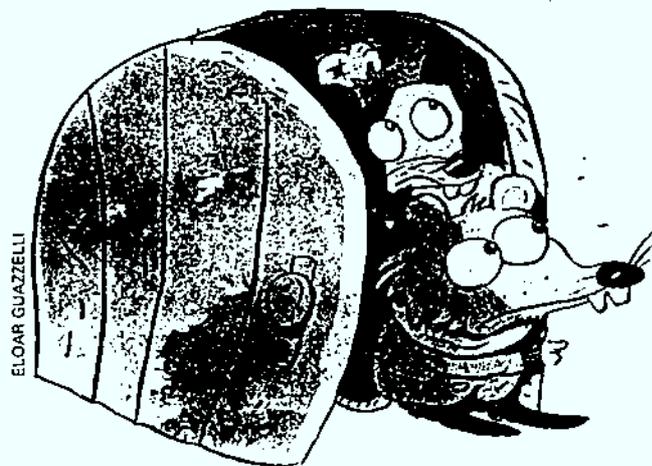
— Que foi isso, primo? — perguntou o rato do campo, sem ainda ter recuperado a respiração. — Por que ele queria pegar a gente?

— Não se incomode com isso, primo. Com o tempo você se acostuma. Vem, vamos deitar numa cama macia e confortável.

O rato da cidade levou o primo e acomodou-o numa linda e acolchoada caixinha de música. Quando estavam quase adormecendo, ouviram outro barulho. O rato do campo deu um pulo da caixinha e viu um enorme cabo de vassoura batendo por todos os lados.

— O que está acontecendo, primo?

— Nada, fique calmo que eles desistem logo, logo — respondeu o rato da cidade. — Esse é o único lado ruim de morar na cidade, mas você acaba se acostumando.



— Calma? Acostumar-me com isso? Não, primo, eu não vou ficar calmo e jamais me acostumarei com esta vida. Lá no campo eu não tenho refeições tão fartas e saborosas; também não possuo camas tão confortáveis e quentinhas, mas jamais trocaria o sossego e a tranquilidade que tenho por lá por qualquer um desses caprichos que você tem aqui.

E saiu correndo em direção à sua casa, feliz da vida por viver de forma tão simples.



ILUSTRAÇÕES: ELOAR GUAZZELLI

Glossário

Préstimo: favor, colaboração.

Por um triz: por muito pouco.

Acolchoada: forrada, estofada.

RENATO BELO (seleção e adaptação).

Volta ao mundo em 15 fábulas.

Belo Horizonte: Editora Leitura, 2003. p. 57-62.

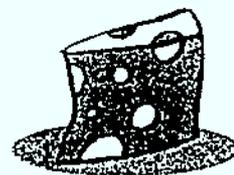


VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão

1 Identifique a qual dos dois ratos as frases se referem.

- Dormia num bocado de palha no chão.
- Comia queijos.
- Dormia numa cama confortável.
- Tomava água pura do rio.



2 O rato da cidade não queria “entristecer o primo com suas opiniões sobre a vida no campo”.

- Que opiniões seriam essas?

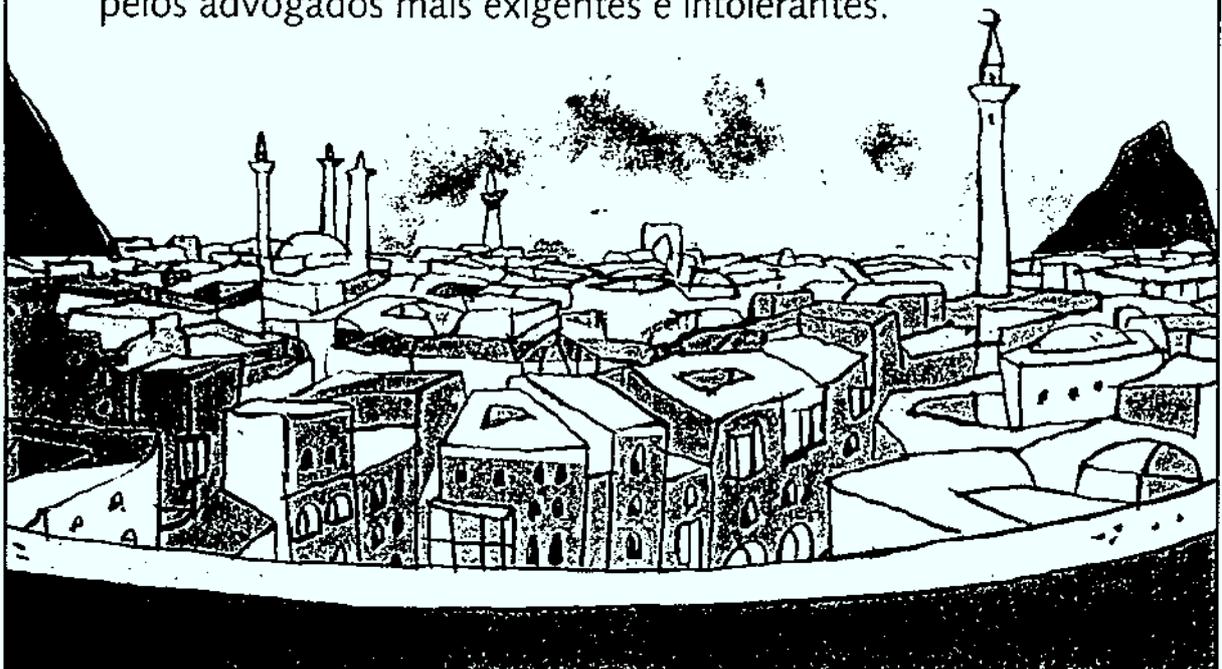
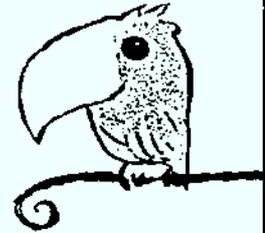


O juiz e o papagaio

A opulenta cidade de Cabul vivia, nesse tempo, agitada por estranho boato. Diziam alguns, afirmavam muitos, que o íntegro e prestigioso juiz Fauzi Trevic, antes de sair para o exercício de suas altas funções do tribunal, ouvia os conselhos de um papagaio.

Havia até quem soubesse particularidades sobre o caso. O papagaio fora trazido das montanhas por um feiticeiro famoso e vivia encerrado em rico aposento, longe das vistas e dos ouvidos curiosos.

Os mais ousados garantiam que se tratava de uma ave encantada, que trazia no corpo o espírito de um gênio — um *djim*, talvez. O maravilhoso papagaio conhecia jurisprudência e ditava leis com a eloquência e a sabedoria dos grandes ulemás. Não havia, aliás, outra explicação para aquele mistério, pois o juiz Trevic proferia sentenças notáveis, fundamentadas sempre com grande elevação, e elogiadas pelos advogados mais exigentes e intolerantes.



reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O caso chegou, afinal, ao conhecimento do rei Nassin ben-Nassin.

— *Mac Allah!* — estranhou o soberano persa.
— É assombroso! Quem poderia acreditar que houvesse, no Islã, um papagaio capaz de orientar as longas sentenças de um sábio juiz?

Resolvido a esclarecer, de qualquer modo, o enigma, o poderoso rei mandou vir à sua presença o doutíssimo Fauzi Trevic e interrogou-o.

Seria verdadeira aquela voz que corria pela cidade, abalando os incrédulos e enchendo de infinito assombro os simples e os ingênuos?

— Sim, ó rei magnânimo!, é verdadeira a voz — confirmou o ilustre cádi. — Não devo ocultar a verdade. Todos os dias, antes de seguir para o tribunal, ouço os conselhos de um modesto papagaio verde de bico amarelo! Juro, pelas barbas de Maomé, que é essa a expressão da verdade!



— Exaltado seja Alá!, o Único! — exclamou o monarca. — Não creio que possa existir, sob o céu ou sobre a terra, maravilha maior do que essa que acabais de revelar!

— Vejo-me forçado a dizer-vos, ó rei do tempo! —
prosseguiu o juiz — que o papagaio, meu amigo
e conselheiro, só sabe pronunciar duas palavras.
Com esse limitadíssimo vocabulário, consegue ele orientar,
com segurança e clareza, todas as minhas sentenças.

— Com duas palavras! Que palavras mágicas serão
essas, que servem, como dois faróis, no meio do
oceano das leis?

Respondeu o digno magistrado: — Bondade e justiça!
Justiça e bondade! Eis as palavras que ouço todos os dias
do meu fiel papagaio! Procuo tê-las sempre, bem vivas,
no fundo do coração! Quando estudo as causas, sobre as
quais sou obrigado a votar e decidir, esforço-me por ser
bom e procuro ser *justo*. A justiça que corrige ou castiga
deve ser inspirada pela bondade que nobilita e eleva. E
ainda: a bondade, que exalta o fraco, não pode prescindir
da justiça que reabilita o forte. Confesso, pois, que todas
as minhas sentenças são norteadas pelo admirável
conselho do papagaio. Bondade e justiça! [...]

MALBA TAHAN. Em: *Céu de Alá*.
Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 86-88.

Glossário

- Opulenta: luxuosa, rica.
Cabul: capital do atual Afeganistão.
Íntegro: correto, que não se corrompe.
Prestigioso: conhecido, respeitado.
Ulemás: sábios que conhecem as leis.
Doutíssimo: muito sábio.
Cádi: aquele que orienta pessoas.
Norteadas: orientadas.

Livro 4



- Você já sonhou ter encontrado um tesouro? Isso é o que acontece com Ismar, um pobre homem que vive na cidade de Damasco, na Síria, que sonha que encontra um tesouro escondido! Resolve, então, ir atrás do tesouro, mas será que ele existe realmente?

Durante a leitura, fique de olho!

Anote, no caderno, as palavras que você acha que se referem ao mundo árabe.

O sonho de Ismar

Há muitos e muitos anos, vivia na cidade de Damasco, na Síria, um pobre homem chamado Ismar.

Ismar sempre lutara para ganhar a vida dignamente [...]: limpava jardins, carregava pedras, buscava água, sempre com boa vontade, trabalhando sem se queixar.



ELOAR GUZZELLI

Com o passar dos anos, porém, Ismar começou a sentir-se cansado e preocupado. Durante a vida toda só trabalhara e nunca conseguira juntar qualquer dinheiro, nenhuma economia que pudesse socorrê-lo em caso de necessidade. A única coisa que tinha de seu era uma casa, herança de família.

Essa casa ficava num bairro pobre de Damasco, no fim de uma rua esburacada. Era feita de pedras e protegida por um portãozinho de madeira. Atrás da casa, corria um riacho; à beira do riacho crescia uma velha figueira, e era à sombra dessa árvore que Ismar costumava descansar depois de trabalhar a manhã toda. Ali ele refletia sobre sua vida e se perguntava o que seria dele quando a velhice não lhe permitisse o esforço físico. [...]

Sempre assim cismando, um dia Ismar dormiu, recostado à figueira, e teve um sonho; sonhou que estava na cidade do Cairo, no Egito.

Ele nunca havia estado de fato no Egito, mas no sonho passeava com desembaraço pela avenida central da cidade e distinguia perfeitamente os mercadores de tapetes, os minaretes das mesquitas. Atravessando uma praça, ele dobrava à direita, descia uma rua estreita, chegava a um rio. Sobre o rio, havia uma ponte e, embaixo da ponte, ó maravilha!, um cofre repleto de moedas e jóias reluzentes!

Quando acordou, Ismar teve certeza de que aquele era o tesouro que Alá lhe reservara. O sonho tinha sido tão nítido, tão preciso nos detalhes, não havia engano!

Sem pensar em mais nada, ele arrumou sua trouxinha e pôs-se a caminho do Cairo. Era uma longa e penosa distância, principalmente para ele, que ia a pé e sem dinheiro. No entanto, movido pela firme convicção de encontrar sua fortuna, Ismar atravessou desertos e vales, rios e florestas até chegar, finalmente, exausto e maltrapilho, à cidade que lhe aparecera em sonhos.

Sua fé, então, redobrou de vigor, pois o Cairo era exatamente como ele havia sonhado!

Ele reconheceu a avenida principal, os mercadores de tapetes, os minaretes das mesquitas; chegou à praça, virou à direita, desceu a rua, avistou o rio, aproximou-se da ponte, mas...

Mas... no exato lugar em que deveria estar o tesouro, não havia cofre algum; havia, isso sim, um mendigo mais pobre e maltrapilho do que ele. Chocado, Ismar deu-se conta da sua loucura! [...]

Que tolo fora! E agora, com que forças enfrentaria a viagem de volta? [...] "Não", pensou ele. "Melhor será acabar meus dias aqui mesmo. Nenhuma esperança me resta." E, decidido a se afogar, subiu à ponte. Já estava quase se atirando quando sentiu que alguém o segurava, agarrando sua perna por debaixo da ponte. Era o mendigo, que gritava:

— Ei, amigo! Cuidado, você pode morrer! Esse rio é perigoso!

— Ainda bem — respondeu Ismar. — É isso mesmo que desejo: matar-me.



— Não faça isso — ponderou o mendigo. — Você não me parece tão velho, ainda tem muito o que viver. Escute, desça até aqui e conte-me sua história. Faça sua última boa ação, entretendo um miserável como eu. Depois, se quiser, pode se matar!

Ismar hesitou, mas resolveu afinal repartir suas dores com aquele desconhecido. Contou-lhe o sonho, concluindo:

— Então, no mesmo lugar em que deveria estar o cofre, estava você... Agora, diga-me, não tenho razão em querer acabar com minha vida?

— Olhe — exclamou o mendigo. — [...] Você foi mesmo muito irresponsável, um louco! Acreditar num sonho? E que você sonhou uma vez só? Veja se tem cabimento! Pois fique sabendo que eu, há cinco anos, tenho o mesmo sonho, que se repete quase todas as noites. [...]

— E o que você sonha? — perguntou, curioso, Ismar.

— Escute só: eu sonho que estou na Síria, na cidade de Damasco, o que já é uma asneira, pois nunca estive na Síria. Estou num bairro pobre, seguindo por uma rua esburacada. No fim da rua, há uma casa de pedra, protegida por um portãozinho de madeira. Atrás da casa, corre um riacho; à beira do riacho cresce uma figueira e, dentro dessa figueira, que é oca, há um tesouro. Não é uma bobagem? Eu é que não sou louco de acreditar em sonhos, não acha?

Ismar não respondeu. Estava pasmo, pois reconhecera, pela descrição do mendigo, a sua rua, a sua casa, a sua amada figueira!

Compreendendo os laços do destino, abraçou o mendigo, tomou o caminho de volta e, chegando à sua casa, foi direto à velha árvore, onde o tão sonhado tesouro o aguardava.

Bendito aquele que sonha!

Que Alá seja louvado!

Glossário

Dignamente: honestamente.

Mesquitas: igrejas muçulmanas.

Nítido: claro.

Convicção: certeza.

Ponderou: pensou, raciocinou.

Entretendo: distraindo.

RÓSANE PAMPLONA. *Novas histórias antigas*. São Paulo: Brinque-Book, 1998.

A cabaça e a bolota

Um camponês estava descansando e tomando a fresca, deitado embaixo de um grande carvalho. Em tão cômoda posição, entretinha-se olhando os galhos da árvore, estendidos sobre ele, lá em cima, como uma grande cobertura. Olhava, também, uma modesta e baixa árvore, um cabaceiro, cuitezeira, que produz cabaças. A pequena árvore estava quase oculta em meio à vegetação de em redor.

Estava pensando assim:

— O mundo está muito errado! Queria eu saber por que motivo uma árvore tão alta como o carvalho dá frutos tão pequenos como bolotas, enquanto o cabaceiro, planta muito menor, dá frutos tão grandes como a cabaça!

Se eu tivesse feito o mundo, as coisas seriam o contrário. A formosa cabaça estaria pendente de uma grande e alta árvore, e a bolota cresceria nessa árvore pequena, que é o cabaceiro, humilde, em meio à vegetação.

Assim pensando o camponês estava alegre, julgando ter feito uma grande descoberta. Sem embargo, naquele instante, exatamente, caiu do alto da árvore uma bolota e veio bem em cima do nariz do homem!... O improvisado filósofo sentiu uma forte dor e ficou a pôr sangue pelo nariz!

Ele não era, porém, tão tolo, que não compreendesse imediatamente o erro de suas opiniões. Deu graças a Deus, então, por ter a bolota, e não a cabaça, nascido no alto do carvalho. Se uma pequena bolota tanto lhe judiou com o nariz, imaginem se fosse uma grande e pesada cabaça! Teria ficado morto ali mesmo, com certeza!

Ainda aborrecido com as dores e as gotas de sangue, deu-se entretanto por muito feliz. E pensou:

— Sem a menor dúvida, é bem melhor que não tenha sido eu o autor das coisas do mundo!...

Glossário

Fresca: brisa agradável.

CHRISTOPH VON SCHMID.

O caminho de ouro: um mundo maravilhoso para a infância. Rio de Janeiro: Alfa, s.d. v. 3. p. 95-97.



- O título do próximo texto é "O vizinho". Que história pode ser contada a respeito de um vizinho? Você conhece histórias a respeito de vizinhos?
- Quais são as vantagens e as desvantagens de ter vizinhos?
- Se você mora em casa ou sobrado, pergunte a um colega que more em apartamento como é ter vizinhos em um prédio de apartamentos. Se mora em apartamento, pergunte a um colega que more em casa ou sobrado como é ter vizinhos em uma casa.

Durante a leitura, fique de olho!

No texto, é empregada uma gíria que significa "ser sincero", "falar a verdade". Identifique e copie no caderno essa expressão.

O vizinho

Filho único.
Oito anos de idade.
Morava com os pais em um apartamento.
Um dos 120 apartamentos do prédio.
Estatisticamente, deviam morar mais de 400 pessoas ali. Só que na prática a teoria é outra: a impressão que ele tinha às vezes é que, tirando o pai, mãe e ele, havia no prédio apenas o zelador e o porteiro.

Porque zelador e porteiro ele via sempre.
Os outros moradores, muito de vez em quando.
O vizinho, por exemplo, nem sabia quem era.
— Quem é o vizinho, pai?
— Engraçado, agora que você perguntou é que me lembrei: nunca vi a cara dele. Também deve ser alguém muito silencioso. Lembra quando demos aquela festa de ano-novo aqui? Ele não apareceu nem pra cumprimentar, nem pra reclamar do barulho. Melhor assim: ele lá, nós cá. Um vizinho que não seja barulhento é muito bom pra gente dormir à noite.

No outro dia, hora do almoço:

— Mãe, quem é o vizinho?

— Sei lá. Nunca vi mais gordo, e também não faço questão. Já chega a vizinha de cima, que é tão fofoqueira que vem pegar o elevador aqui embaixo só para espiar a gente.

Nesse dia, ele demorou pra dormir.

Ficou rolando na cama de um lado para outro, pensando em quem seria o vizinho. Rolava de um lado, imaginava um velhinho sozinho assistindo televisão. Rolava de outro, imaginava um grande aventureiro, desses com muitas histórias do mundo, dos mares, expedições e cavernas desconhecidas.

Mas, como era um menino tímido demais para tocar a campainha do vizinho e ver quem era, ficava assim como os meninos sozinhos aprendem a ficar desde cedo: brincando de imaginar.

Uma semana de imaginação, porém, é demais para a cabeça de um garoto de oito anos. E depois desse tempo ele abriu o jogo:

— Pai, me leva pra ver o vizinho?

Pai não topou. Não era homem de ficar incomodando os outros.

Mãe também não. Não era mulher de ficar espionando os outros.

Uma semana de insistência, porém, é demais pra cabeça de pai e mãe.

Resolveram levar o menino para conhecer o vizinho.

Apertaram a campainha uma vez. Duas vezes, três vezes.

— Vai ver que saiu — comentou o pai.

— Vamos tentar mais tarde — prometeu a mãe.

E tentaram que tentaram. Mas ninguém atendia a porta.

Desceram pra perguntar ao porteiro.

— O vizinho de vocês? Mas aquele apartamento está vago há um mês, vocês não sabiam? Eles resolveram mudar daqui por causa do filho. Disseram que iam para um lugar onde fosse mais fácil fazer amizade. O garoto era do tamanho do de vocês, parece que filho único, meio tímido...



Glossário

Estatisticamente: segundo a Estatística, ciência que analisa e interpreta os fatos com base em dados numéricos.

ULISSES TAVARES. *Histórias quentes de bichos e gentes*.
São Paulo: Geração Editorial, 2003.



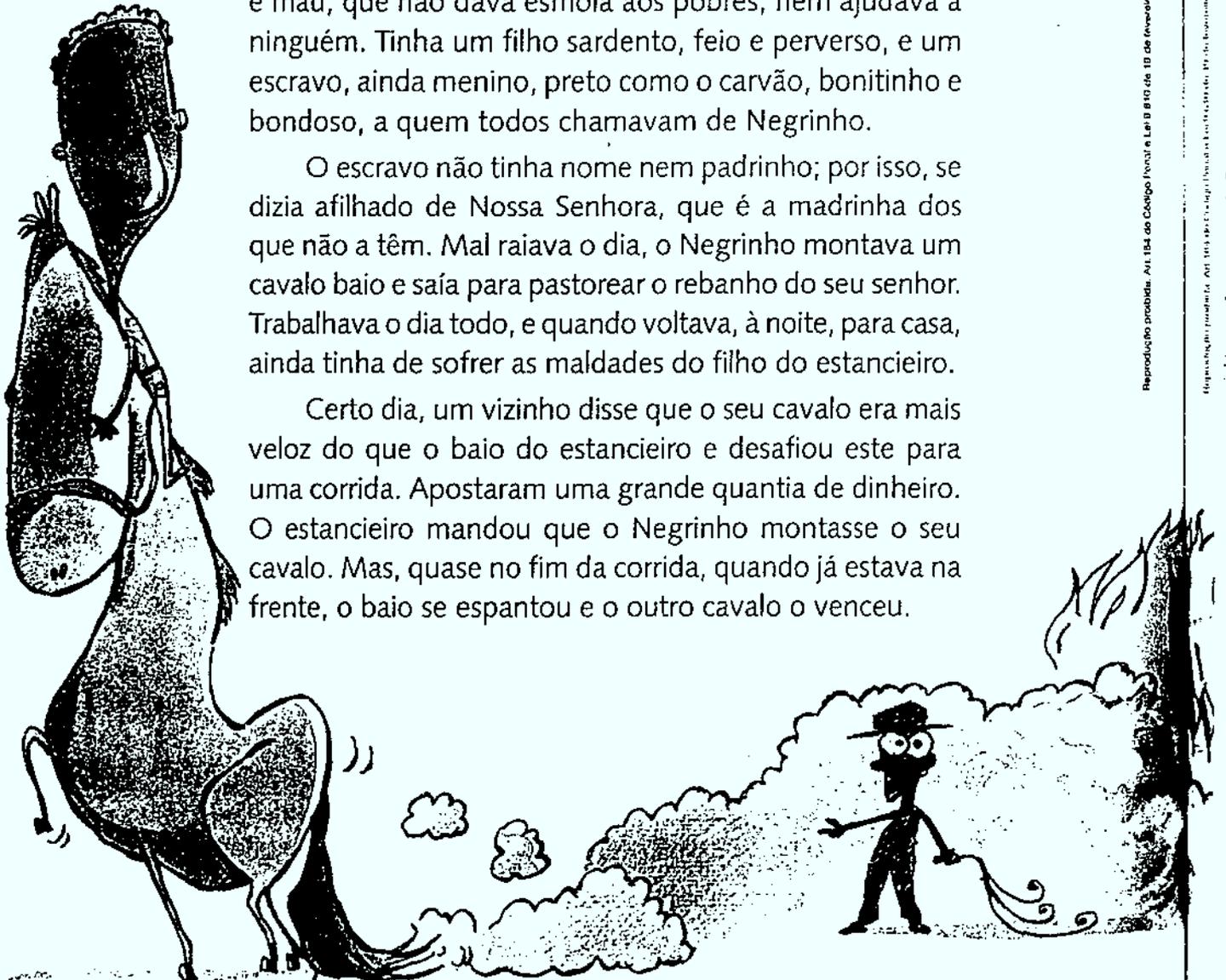
- Você já ouviu falar do Negrinho do Pastoreio? O que sabe sobre ele?
Uma das mais conhecidas lendas do folclore brasileiro, principalmente no sul do Brasil, é a do Negrinho do Pastoreio.
- Existem muitas versões para ela, inclusive cantigas. É uma história antiga, que mostra os sofrimentos dos escravos. Até hoje, para algumas pessoas, acender uma vela para o Negrinho ajuda a encontrar o que se perdeu.
- Você conhece alguma outra lenda do folclore brasileiro? Qual? Conte-a aos seus colegas.

O Negrinho do Pastoreio

Era uma vez um estancieiro muito rico, mas egoísta e mau, que não dava esmola aos pobres, nem ajudava a ninguém. Tinha um filho sardento, feio e perverso, e um escravo, ainda menino, preto como o carvão, bonitinho e bondoso, a quem todos chamavam de Negrinho.

O escravo não tinha nome nem padrinho; por isso, se dizia afilhado de Nossa Senhora, que é a madrinha dos que não a têm. Mal raiava o dia, o Negrinho montava um cavalo baio e saía para pastorear o rebanho do seu senhor. Trabalhava o dia todo, e quando voltava, à noite, para casa, ainda tinha de sofrer as maldades do filho do estancieiro.

Certo dia, um vizinho disse que o seu cavalo era mais veloz do que o baio do estancieiro e desafiou este para uma corrida. Apostaram uma grande quantia de dinheiro. O estancieiro mandou que o Negrinho montasse o seu cavalo. Mas, quase no fim da corrida, quando já estava na frente, o baio se espantou e o outro cavalo o venceu.



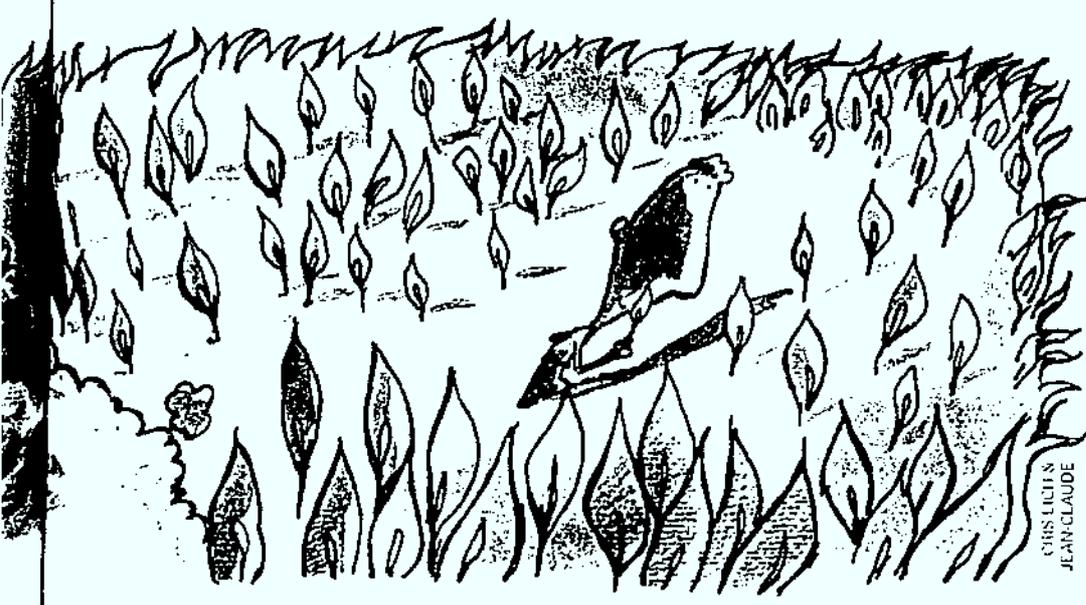
O estancieiro ficou indignado por ter perdido a aposta e pôs toda a culpa no Negrinho. Chegando em casa, deu no escravo uma surra de chicote até ver o sangue escorrer. E no dia seguinte, pela madrugada, ordenou que ele fosse pastorear trinta cavalos, durante trinta dias, num lugar muito distante e deserto. Lá chegando, cheio de dores pelo corpo, o escravo começou a chorar, enquanto os cavalos pastavam. Veio a noite escura, apareceram as corujas, e o Negrinho ficou tremendo de pavor. Mas, de repente, pensou na sua madrinha, Nossa Senhora, e então sossegou e dormiu.

Durante a noite, os cavalos se assustaram e fugiram, espalhando-se pelo campo. O Negrinho acordou com o barulho, mas nada pôde fazer, porque a cerração era muito forte. Apareceu, nessa ocasião, o filho do estancieiro, que, maldosamente, foi contar ao pai que o Negrinho tinha deixado, de propósito, os cavalos fugirem.

O estancieiro mandou surrar, novamente, o escravo. E, quando já era noite fechada, ordenou-lhe que fosse procurar os cavalos perdidos. Gemendo e chorando, o Negrinho pensou na sua madrinha, Nossa Senhora, e foi ao oratório da casa, apanhou um coto de vela, que estava aceso diante da imagem, e saiu pelo campo.

Por onde o Negrinho passava a vela ia pingando cera no chão e, de cada pingo, nascia uma nova luz. Em breve, havia tantas luzes que o campo ficou claro como o dia. Os galos começaram a cantar e, então, os cavalos foram aparecendo, um por um... O Negrinho montou no baio e tocou os cavalos até o lugar que o senhor lhe marcara.

Gemendo de dores, o Negrinho deitou-se. Neste momento, todas as luzes se apagaram. Morto de cansaço, ele dormiu e sonhou com a Virgem, sua madrinha. Mas, pela madrugada, o filho perverso do estancieiro apareceu, enxotou os cavalos e foi dizer ao pai que o Negrinho tinha feito isso para se vingar.



CHRIS LUCIF N
JEAN-CLAUDE

O estancieiro ficou furioso e mandou surrar o Negrinho [...]. A ordem foi cumprida e o pequeno escravo, não podendo suportar tanta crueldade, chamou por Nossa Senhora, soltou um suspiro e pareceu morrer.

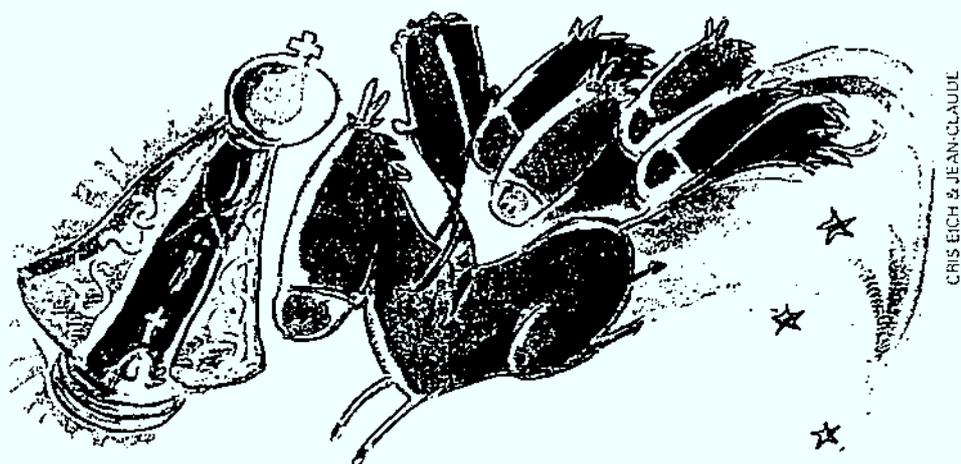
Como já era noite, para não gastar enxada fazendo cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, para que as formigas lhe devorassem a carne e os ossos. [...]

No dia seguinte, o senhor voltou ao formigueiro para ver o que restava do corpo de sua vítima. Qual não foi o seu espanto quando viu, de pé, sobre o formigueiro, vivo e risonho, o Negrinho, tendo ao lado, cheia de luz, Nossa Senhora, sua madrinha! Perto, estava o cavalo baio e o rebanho de trinta animais. O Negrinho pulou, então, sobre o baio, beijou a mão de Nossa Senhora, e tocou o rebanho, a galope.

Correu pela vizinhança a triste notícia da morte horrível do escravo, devorado na panela de um formigueiro. Mas, pouco depois, todo o mundo começou a comentar um novo milagre. Muita gente vira à noite, pela estrada, um rebanho tocado por um negrinho montado num cavalo baio.

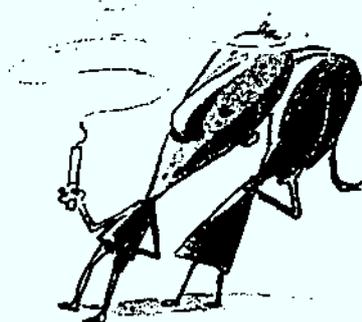
E, daí por diante, quando qualquer cristão perdia alguma coisa e rezava, o Negrinho saía à sua procura. Mas só entregava o objeto a quem acendesse uma vela, cuja luz ele levava ao altar de sua madrinha, a Virgem Nossa Senhora.

THEOBALDO MIRANDA SANTOS.
Lendas e mitos do Brasil. 11. ed. São Paulo: Nacional, 1991.



Glossário

Estancieiro: dono da estância, da fazenda.
Pastorear: ato de conduzir, vigiar o gado no pasto.
Cerração: nevoeiro espesso.
Coto: resto da vela.
Panela (de um formigueiro): local onde a formiga rainha põe os ovos.
A galope: o modo de andar mais rápido do animal.



O Bicho-Papão

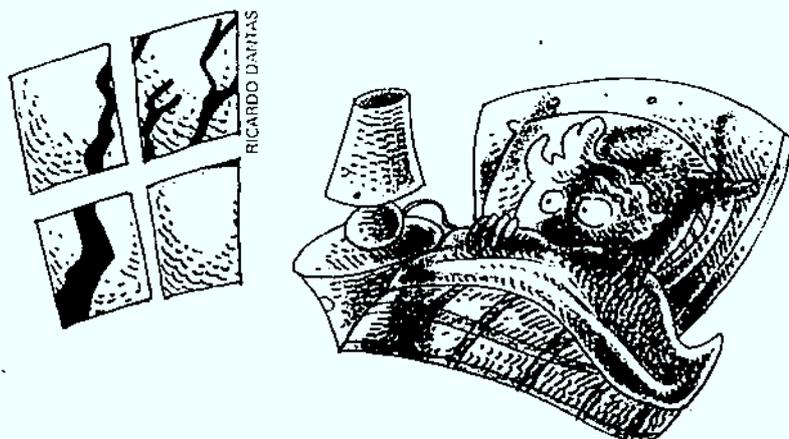
[...]

Uma coisa é certa: o medo do escuro existe faz tempo.

Todos os povos sempre temeram e respeitaram as trevas. Em algumas culturas antigas, as pessoas achavam que o Sol nascia e morria, de verdade, todos os dias. Quando a noite chegava era aquela tristeza. O céu ficava vermelho e todo mundo chorava pensando que o coitado do Sol havia sido assassinado e agora estava sangrando. Mas aquelas pessoas também acreditavam que todos os dias, um herói, um deus, pegava seu barco e sua espada, partia valente, ia até o céu, enfrentava mil desafios e conseguia trazer o Sol de volta. Graças a esse grande herói, as plantas podiam brotar, as plantações prosperavam, as frutas amadureciam, os bichos cresciam e a vida podia seguir seu percurso glorioso.

Por tudo isso, muita gente pensa que a noite e a escuridão são companheiras da morte, do esquecimento, da incerteza e do descontrole.

Os Bichos-Papões nascem justamente daí: da noite que esconde e desorganiza tudo, do pesadelo, da sensação de perder o controle sobre as coisas e, claro, principalmente, do medo.



A gente é criança. Está na hora de dormir. Mamãe vem, ajeita a gente na cama, fala um segredinho, dá um beijinho, apaga a luz, encosta a porta do quarto e vai embora assistir à novela das oito.

A gente fica deitado na cama só escutando, olhando, pensando. A gente é pequeno. A gente é inexperiente. Não conhece quase nada. Abre bem o olho tentando enxergar alguma coisa na escuridão do quarto. Só vê sombras, silhuetas e manchas. É quando a gente começa a imaginar mil coisas.

E se um dragão imenso, verde, podre, nojento, cabeludo, soltando fumaça pelo rabo e pelos olhos, estiver escondido bem ali atrás da penteadeira?

E se uma velha nariguda, magra, esclerosada, corcunda, furibunda e vagabunda sair de dentro do armário fumando charuto com uma faca na mão?

[...]

A gente sua frio. A gente estremece. A gente berra.

Mamãe vem correndo, senta carinhosa ao lado da cama e canta assim:

Tutu-Marambá

Não venhas mais cá

Que o pai da criança

Te manda matar!

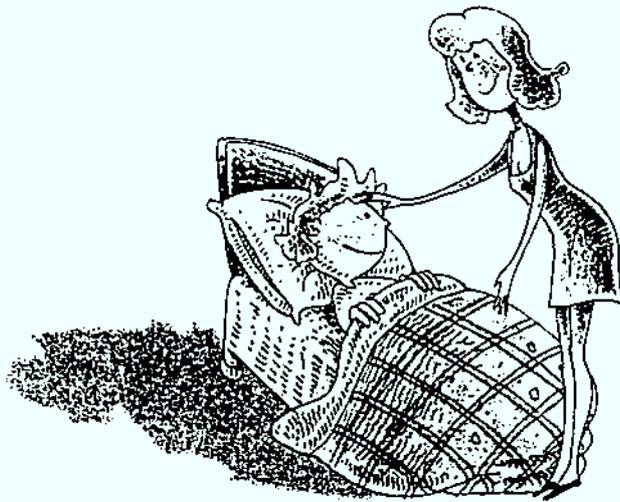
Ou:

Boi, boi, boi

Boi da cara preta

Pega este menino

Que tem medo de careta!



Voz de mãe quando surge na escuridão é uma das coisas mais lindas que já inventaram até hoje.

A gente escuta aquela voz de veludo, aquele som quentinho, vai dando um conforto gostoso, vem uma preguiça, a gente amolece, fecha os olhos e de repente desaparece tudo: medo, aflição, angústia, susto e escuridão.

Quando acorda, já é o dia seguinte e começou tudo de novo: a cachorrada está latindo, os carros passando, os passarinhos cantando, o telefone tocando e o Sol, lá no alto, brilhando feito uma lâmpada de um trilhão de volts.

Existem muitos e muitos tipos de Bicho-Papão, assustadores de crianças.

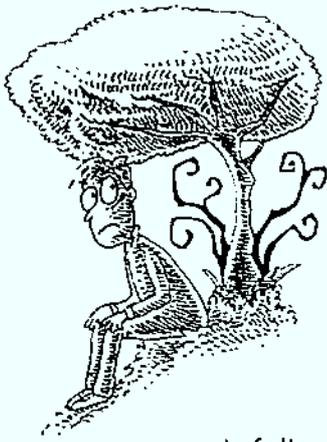
O Tutu-Marambá, por exemplo, também conhecido como Tutu-Zambê, Tutu-do-Mato, Tutu-Garanga ou Bicho-do-Mato, ninguém viu até hoje mas aparece, deixa rastros e é medonho feito o pior pesadelo.

A Cuca é um ser encantado, velho e feio, que costuma meter num saco e levar embora crianças que não querem dormir cedo, as muito bagunceiras e as que têm mania de dizer palavrão.

[...]

ILUSTRAÇÕES: RICARDO DANTAS





O Papa-Figo é um monstrengo asqueroso com cheiro de carne podre que aparece, põe as criancinhas inocentes num saco e leva para comer em casa.

O Mão-de-Cabelo é um monstro de mãos peludas que anda sempre enrolado num lençol branco. Dizem que prefere pegar as crianças que fazem xixi na cama.

No fundo, no fundo, todos esses Bichos-Papões são filhos da imaginação, da noite impenetrável, das sombras que não conseguimos decifrar.

Infelizmente, hoje em dia ainda existe gente que acha que o Bicho-Papão só assusta as criancinhas, mas isso não é verdade.

Gente grande também tem medo de Bicho-Papão.

Gente grande também treme quando não consegue mais enxergar o caminho.

Gente grande também imagina coisas quando entra na floresta escura.

Todo ser humano, aliás, tenha a idade que tiver, costuma ficar apavorado diante dos mistérios que a escuridão profunda pode revelar.

TREVAS

Trevas: escuridão total.

RICARDO AZEVEDO. *Armazém do folclore*. São Paulo: Ática, 2001. p. 91-93.



VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão



1 Explique, de acordo com o texto.

- Por que as pessoas têm medo do escuro?
- De onde nasce o Bicho-Papão?
- Por que a voz da mãe faz desaparecer o medo?

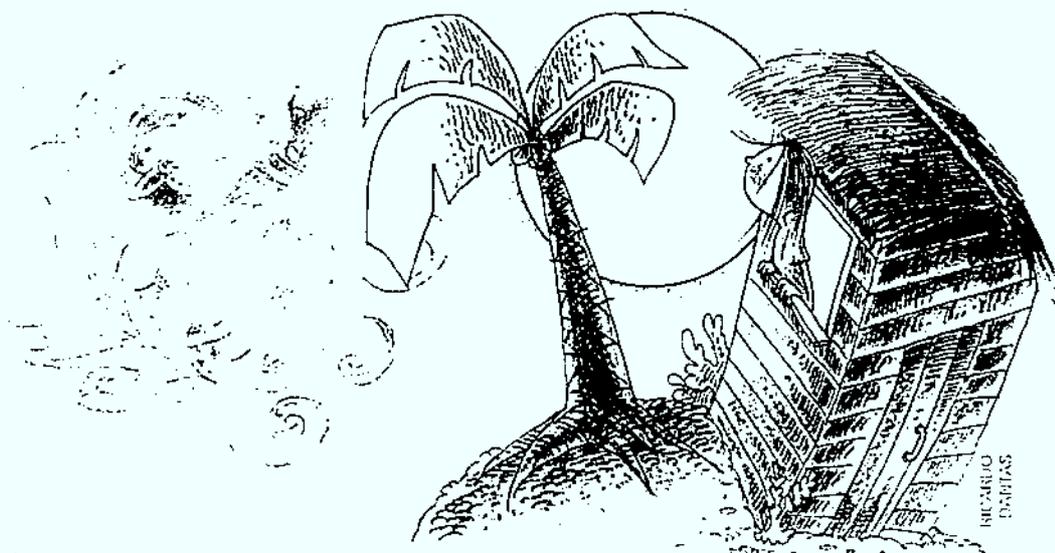
2 Escreva em seu caderno os nomes dos Bichos-Papões, conforme as descrições.

- Anda sempre enrolado num lençol branco e pega as crianças que fazem xixi na cama.
- Deixa rastros e é medonho feito o pior pesadelo.
- Tem cheiro de carne podre, põe as criancinhas num saco e leva para comer em casa.
- Leva embora crianças que não querem dormir cedo.



Papai Noel não é peixe

MARILENE FELINTO
especial para a Folhinha



O que eu mais gosto na minha boneca é o cheiro dela: meio de plástico, meio de gente. Ela me faz companhia. O nome da minha boneca é Margarete. E o meu é Catarina.

Todo dia de Natal, a gente se senta bem perto da janela, fica olhando a rua e cantando "se essa rua fosse minha...".

Na janela, a gente pode saber se Papai Noel existe e se ele vem este ano. Lembrei de um segredo horrível: é que, no ano passado, Papai Noel veio somente na casa de Anita, uma menina rica, que mora na casa da frente.

Margarete e eu vimos da janela quando tudo aconteceu. Chega-

ram três cavalheiros na casa de Anita: o primeiro foi seu pai, o segundo seu irmão, o terceiro foi Papai Noel, que deu a Anita um presente, desses de caixa bem grande, com laço de fita.

Margarete e eu ficamos arrasadas. Não contamos para ninguém que vimos Papai Noel chegar. Agora é Natal de novo. Se essa rua fosse minha, Papai Noel vinha primeiro na minha casa desta vez.

Eu ia pedir um presente grande, um *videogame*. Mas sei que não vou ganhar. Então, pedi de novo uma boneca com cabelos. É a terceira vez que peço uma boneca com cabelo.



RICARDO DANTAS

A Margarete vai ficar chateada ouvindo isso. Como ela é toda de plástico, dessas bonecas compradas na feira, o cabelo dela também é de plástico. Ela não tem cabelo de verdade.

Meu sonho é ter uma boneca que tem cabelos de verdade, como de gente. Eu tenho 7 anos e até agora só tive a Margarete de boneca.

Perguntei para minha avó:

— Você acha que Papai Noel vem aqui neste Natal?

E minha vó respondeu:

— Papai Noel? Tá pensando que Papai Noel é peixe?

Eu não gostei da resposta. Meu pai é pescador, a gente mora na praia. Da minha janela eu vejo o mar. Então, por isso, como aqui tem muito peixe e caranguejo, eles compararam tudo com peixe e caranguejo.

Quando uma coisa é muito difícil de conseguir, eles dizem: "Tá pensando que caranguejo é peixe? Caranguejo só é peixe na enchente da maré". Foi minha avó que me explicou isso. É assim: o caranguejo

vive escondido em buracos que ele cava na areia da praia. Não é fácil achar um caranguejo andando por aí.

Mas, quando o mar fica cheio, a água das ondas se espalha até a areia. A água invade os buracos onde os caranguejos moram, e eles são obrigados a sair. Eles ficam nadando, como peixe.

Desde esse dia que minha avó me explicou isso, eu fiquei achando que Papai Noel mora num buraco difícil de achar.

E eu quero saber por que ele só vem visitar a casa dessa menina rica, a Anita. Desta vez eu vou ter coragem e vou gritar:

— Papai Noel! Eu também moro aqui! Eu estou aqui!

Droga. Tomara que desta vez ele venha visitar minha casa também. Senão, eu não vou agüentar, vou descontar tudo na coitada da Margarete.

No ano passado, foi a mesma coisa. Descontei nela, do mesmo jeito que o cravo brigou com a rosa, bem na frente da minha casa. Margarete saiu ferida, e eu, despedaçada.

O anel que me deram no Natal passado era de vidro e se quebrou. Também no Natal passado, uma canoa de pescador virou no mar. Eu acho que foi por causa do Papai Noel, que não soube remar.

Por último, no Natal passado, Margarete e eu cansamos de esperar. De noite, eu chorei na cama porque não ganhei a boneca com cabelos.

Margarete, para me consolar, coitada, cantou para mim justo aquela música do "eu sou pobre, pobre, pobre, de marré, marré, marré; eu sou pobre, pobre, pobre de marré descer".

Pode ser que Papai Noel esteja brincando comigo, como na brincadeira do coelho, que diz: "Coelho sai, não sai da toca!"

Eu vou esperar.



RICARDO DANTAS

Folha de S. Paulo, São Paulo, 23 dez. 2000. Folhinha.



- Você já viu alguém enganando ou tentando enganar outra pessoa para tirar vantagem da situação? Conte como foi.
- Imagine uma situação em que todo o mundo saiba que alguém está mentindo, mas ninguém tenha coragem de desmentir. Você já viu isso acontecer?

Durante a leitura, fique de olho!

Muita gente mente nesta história. Preste atenção aos motivos de cada um.

A roupa nova do rei

Esta história aconteceu há muitos anos, em um reino distante. Como em todo reino, neste também havia um rei. Mas ele não tinha tempo para os súditos, não se preocupava com os impostos e muito menos com o castelo.

Ele era tão vaidoso que gastava horas em frente ao espelho e passava um tempão experimentando roupas e mais roupas.

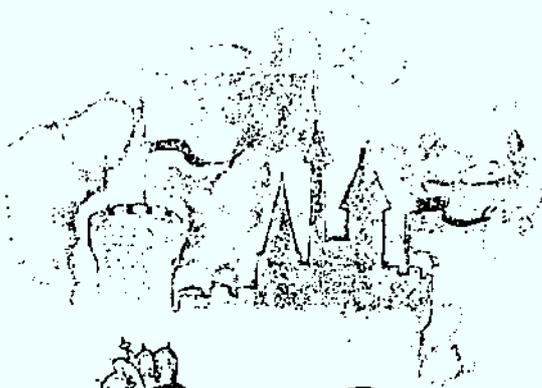
Um dia, apareceram por aquelas redondezas dois homens que tinham uma mania horrorosa: enganar as pessoas. Eles afirmavam que eram os melhores costureiros do mundo e que faziam roupas mágicas. Diziam que só quem fosse inteligente poderia vê-las.

Imagine a alegria do rei com a novidade! Ele ficou louco para ter um daqueles trajes especiais. Então, ordenou que os costureiros fossem levados até o palácio e disse:

— Quero uma roupa maravilhosa para fazer um desfile pela cidade.

Os dois avisaram que o serviço custaria muito caro, porque usariam a mais pura seda e fios de ouro. Como a vaidade do rei não tinha limites, ele respondeu que dinheiro não era problema. Assim os costureiros montaram seu tear e começaram a fingir que teciam com fios invisíveis.

O tempo foi passando e sua majestade só pensava em sua roupa nova. De que cor seria o tecido? E que estampa teria?

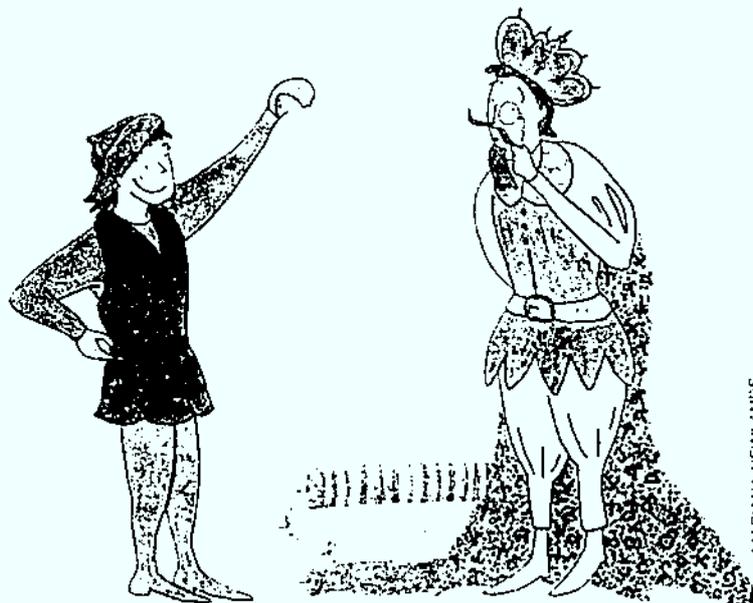


MARIANA NEWLANDS



Um dia, o rei não agüentou a curiosidade e foi ver de perto aquela valiosa peça. Ele entrou no salão onde os costureiros fingiam trabalhar e quase desmaiou quando não conseguiu ver nenhum fio, nem estampa, nem nada. Cheio de pavor, preferiu fingir que enxergava a roupa do que passar por tolo:

— Que cores incríveis! Está ficando linda.



No dia do desfile, os dois malandros foram entregar a encomenda. Confusos, os empregados do palácio também acharam melhor fazer de conta que viam a roupa. Afinal, ninguém queria parecer bobo.

A notícia de que apenas as pessoas inteligentes perceberiam a roupa do rei tinha se espalhado e o reino inteiro aguardava o desfile. No grande dia, quando a comitiva surgiu, todos começaram a elogiar o novo modelo do monarca, porque ninguém queria ser chamado de burro.

No meio dessa agitação, uma garotinha subiu em uma árvore para ver o que estava acontecendo. Quando ela olhou para o rei, deu um grito:

— O rei está sem roupa!

Houve um grande silêncio e, de repente, todo mundo caiu na risada. Não dava mais para disfarçar que não havia roupa coisa nenhuma. O rei também percebeu que tinha sido enganado, mas não perdeu a pose e continuou andando.

De volta ao castelo, ele prometeu para si mesmo que seria menos vaidoso, daria mais atenção ao seu reino e nunca mais se deixaria enganar por aqueles tecelões, quer dizer, charlatões. Ele até tentou pedir seu dinheiro de volta, mas os dois já estavam bem longe.

HANS CHRISTIAN ANDERSEN (adaptação).
Recreio, ano 1, n. 3, p. 26-27, 30 mar. 2000.



PRODUÇÃO DE TEXTO

Carta

Leitura

Um convite

Mário, querido,

Sempre quando começo uma carta para você, eu penso: desta vez ele vai ler. Sei que deve estar ainda muito magoado comigo por eu ter voltado para a Alemanha, mas eu realmente precisava voltar para o meu trabalho aqui em Munique, para a minha terra. Na época, eu e sua mãe achamos que você devia ficar com ela. Mas agora sinto tanta falta de você, Mário. Queria que passasse uma temporada comigo, com seus irmãos, que você nem conhece. Eles têm muita vontade de conhecer o irmão brasileiro.

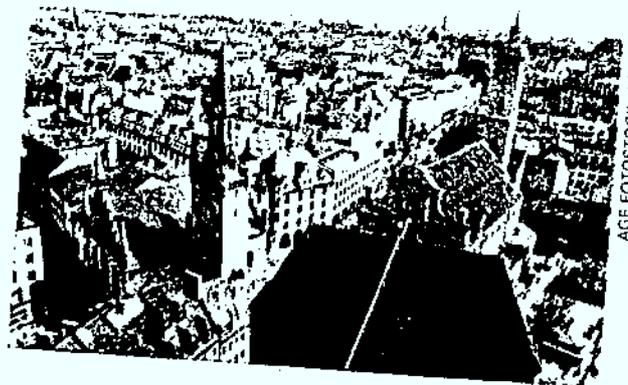
Sei que você adora a sua vida no Brasil, com sua mãe, mas quem sabe você não vem só passar uns quinze dias, ou um mês, aqui? Nós podíamos passear... Tem tanto lugar bonito para você conhecer. E a gente também precisa se conhecer, não é, filho? Eu sei que é estranho para você ter um pai morando num país tão diferente, tão distante, mas quem sabe a gente não encontra um jeito melhor de lidar com isso conhecendo a história de cada um, o país de cada um?

[...]

Mário, estou esperando você.

Um beijo do seu pai, que te ama muito.

Klaus.



AGE FOTOSTOCK - KEYSTONE

LUCIANA SANDRONI. *O Mário que não é de Andrade*: o menino da cidade lambida pelo igarapé Tietê. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001. (Fragmento.)

- 4** Escreva os versos correspondentes às cidades e às cargas que você escreveu nos dois exercícios anteriores.

Por exemplo: *Arre burrinho que vai pra Jundiá / carregadinho de caqui.*

- Escreva a letra da sua cantiga do burrinho brasileiro numa folha de desenho e ilustre-a.
- Afixe-a no mural da classe.
- Leia os textos de seus colegas e, com a ajuda do professor, escolha: que rimas lhe pareceram mais originais? Que desenhos você achou mais bonitos?



PARA LER MAIS



ANTES DE LER

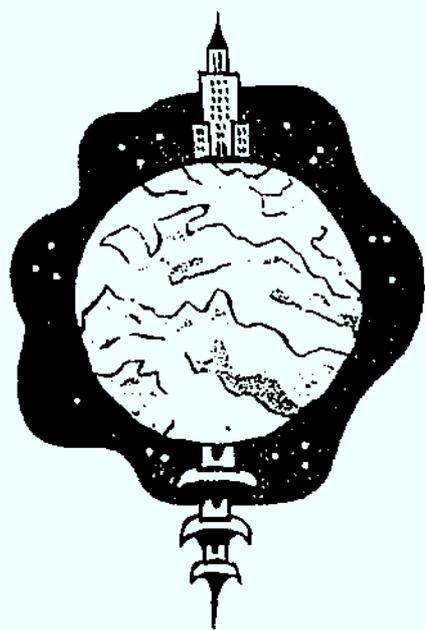
- O texto que você vai ler é chamado de **crônica**. A crônica é um texto desenvolvido a partir de fatos do dia-a-dia. Em "Com o mundo nas mãos", um pai compra um globo terrestre para o filho, mas o resultado não é bem o que ele esperava.

Durante a leitura, fique de olho!

Você sabe onde fica Andorra?

Com o mundo nas mãos

ELOAR GUZZELLI



Bernardo tem cinco anos mas já sabe da existência do Japão. E aponta para o céu com o dedo:

— É atrás daquele teto azul que fica o Japão?

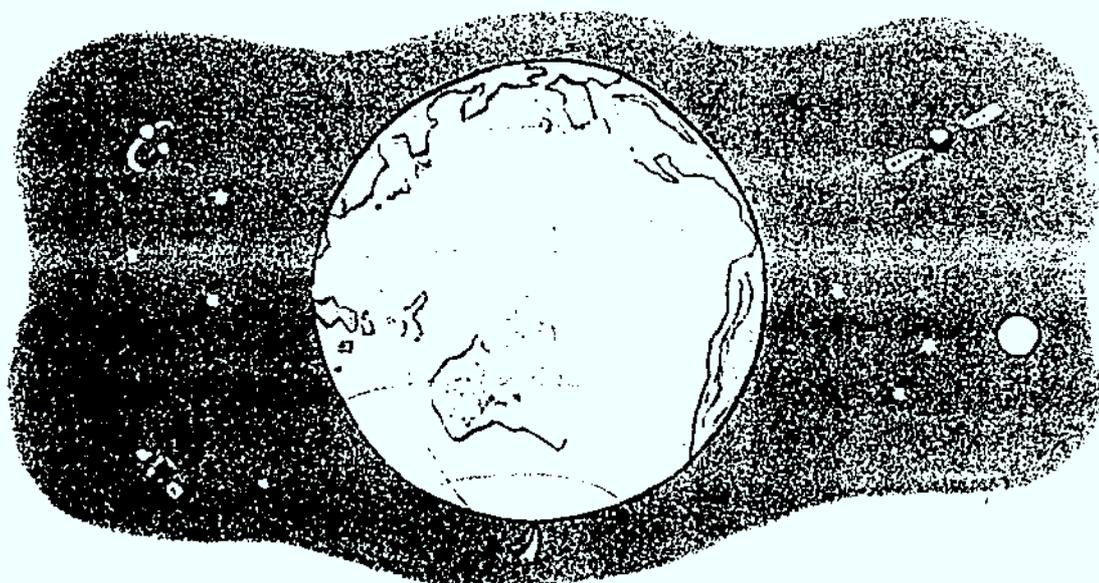
Tenho de explicar-lhe que aquilo é o céu, não é teto nenhum.

— Mas então o céu não é o teto do mundo?

— Não: o céu é o céu. O mundo não tem teto. O azul do céu é o próprio ar. O Japão fica lá embaixo — e aponte para o chão —: O mundo é redondo feito uma bola. Lá para cima não tem país mais nenhum não, só o céu mesmo, mais nada.

[...]

Na primeira oportunidade compro e trago para casa um mapa-múndi: um desses globos terrestres modernos, aliás de fabricação japonesa, feitos de matéria plástica e que se enchem de ar, como os balões. O menino não lhe deu muita importância, quando apontei nele o Japão e a Inglaterra, o Brasil, os países todos. Limitou-se a fazê-lo girar doidamente, aos tapas, até que se desprendesse do suporte de metal. Logo se dispôs a sair jogando futebol com ele, não deixei. Consegui convencê-lo a ir destruir outro brinquedo, o secador de cabelo da mãe, por exemplo, que faz um ventinho engraçado — e assim que me vi só, tranquei-me no escritório para apreciar devidamente a minha nova aquisição.



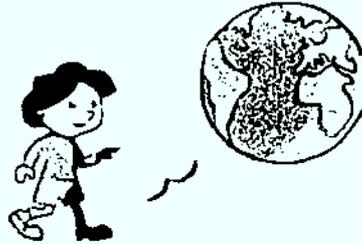
Com o mundo nas mãos, descobri coisas de espantar. Descobri que a Coréia é muito mais lá para cima do que eu imaginava — uma espécie de penduricalho da China, ali mesmo no costado do Japão. [...] A Tasmânia não tem. Pelo menos não encontrei. [...]

Duvido que alguém me diga onde fica Andorra. [...] Pois fica é logo aqui, encravada entre a França e a Espanha, um paisinho de nada, vê quem pode. Em compensação a Antártida é muito maior do que eu pensava, ocupa quase todo o Pólo Sul. E é bem no centro dela que eu tenho de soprar para encher o mundo.





De repente me vem uma idéia meio paranóide. De tanto apalpar o globo de plástico, ele acabou meio murcho, acho que o ar está se escapando. E quando me disponho a enchê-lo de novo, imagino que eu seja um ser imenso solto no espaço, botando a boca no mundo para enchê-lo com meu sopro. O nosso planeta é mesmo uma bolinha perdida no cosmo, e do tamanho desta que tenho nas mãos é que os astronautas devem tê-lo visto da Lua: uma linda esfera de manchas coloridas, com seus oceanos cheios de peixes e singrados por navios, as cidades agarradas aos continentes, ruas cheias de automóveis, casas cheias de gente, o ar riscado de aviões, de gaivotas e de urubus... Tudo isso pequenino, insignificante, microscópico, os homens se explorando mutuamente, se maltratando, se assassinando para colher um segundo de satisfação ao longo de séculos de História, não mais que alguns minutos em face da eternidade. Que aventura mais temerária, a de Deus, escolhendo caprichosamente este lindo e insignificante planetinha para a ele enviar através dos espaços o seu Filho feito homem, com a missão de redimir a nossa pobre humanidade.



Faço votos que tenha valido a pena e que um dia ela se veja redimida. Até lá, este mundo não passará mesmo de uma bola, como esta que meu filho Bernardo, irrompendo alegremente no escritório, me arrebatou das mãos e saiu chutando pela casa.

Glossário

Paranóide: maluco.
Temerária: ousada, audaciosa.
Redimir: salvar.
Arrebata: arranca.

FERNANDO SABINO.
Deixa o Alfredo falar.
 Rio de Janeiro: Aguilar, 1996.
 (Obra reunida, v. 2.)

Livro 5

2 Encontre no texto e copie no caderno um exemplo para cada uma das regras de acentuação apresentadas a seguir.

- São acentuadas todas as proparoxítonas.
- São acentuadas todas as oxítonas terminadas em A, E, O (seguidas ou não de S) e EM.
- São acentuadas todas as paroxítonas terminadas em I e U (seguidas ou não de S).
- São acentuadas todas as paroxítonas terminadas em ditongos.

3 Nem sempre os nomes de pessoas são escritos de acordo com as regras ortográficas da Língua Portuguesa, principalmente se forem nomes estrangeiros, ou registrados por famílias estrangeiras. É o caso de Candido Portinari, cujo nome não seguiu as regras de acentuação.

- Que regras não foram seguidas ao se registrar o seu nome?
- Como seria escrito seu nome se as regras fossem seguidas?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998



PRODUÇÃO DE TEXTO

Autobiografia

Leitura

Confesso, com um pouco de vergonha, que houve uma época na minha vida em que tinha muita vergonha de sentir que era um poeta.

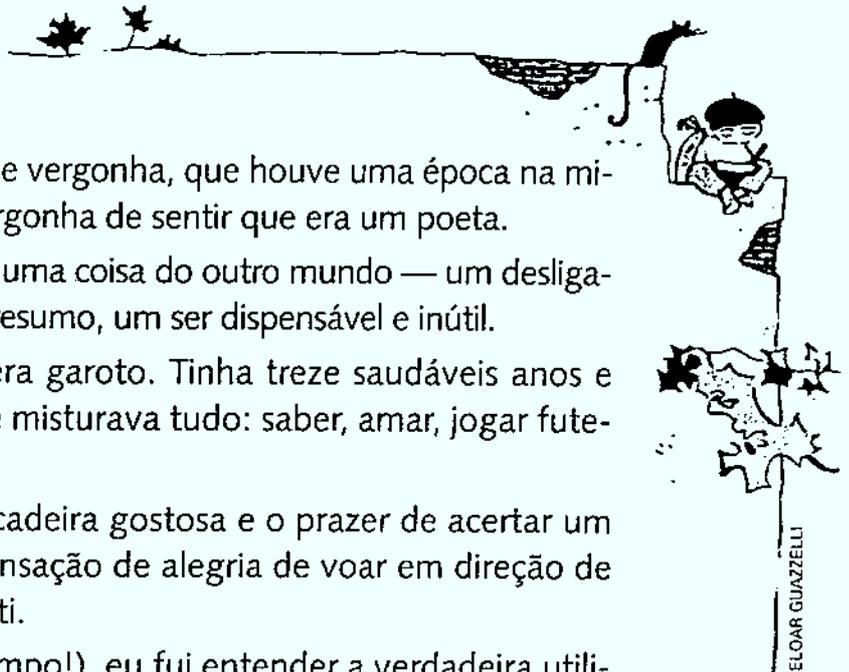
Ser um poeta parecia então uma coisa do outro mundo — um desligado, maluco, irresponsável... em resumo, um ser dispensável e inútil.

Naquela época eu ainda era garoto. Tinha treze saudáveis anos e uma fome de vida que incluía e misturava tudo: saber, amar, jogar futebol... e criar versos.

Fazer poesia era uma brincadeira gostosa e o prazer de acertar um verso bonito trazia a mesma sensação de alegria de voar em direção de uma bola e defender um pênalti.

Só com o tempo (muito tempo!), eu fui entender a verdadeira utilidade da poesia e a função do trabalho de um escritor de versos.

Hoje, com muita simplicidade, eu aprendi a dizer: Quem diria! Então, no final das contas, o menino Queiroz era mesmo um poeta! [...]



ELOAR GUAZZELLI

CARLOS QUEIROZ TELLES. *Sementes de sol*.
São Paulo: Moderna, 1992.



Ciranda da bailarina

Procurando bem
Todo mundo tem pereba
Marca de bexiga ou vacina
E tem piriri, tem lombriga, tem ameba
Só a bailarina que não tem
E não tem coceira
Berruga nem frieira
Nem falta de maneira
Ela não tem

Futucando bem
Todo mundo tem piolho
Ou tem cheiro de creolina
Todo mundo tem um irmão meio zanolho
Só a bailarina que não tem
Nem unha encardida
Nem dente com comida
Nem casca de ferida
Ela não tem

Não livra ninguém
Todo mundo tem remela
Quando acorda às seis da matina
Teve escarlatina



CRIS EICH & JEAN-CLAUDE

Ou tem febre amarela
Só a bailarina que não tem
Medo de subir, gente
Medo de cair, gente
Medo de vertigem
Quem não tem

Confessando bem
Todo mundo faz pecado
Logo assim que a missa termina
Todo mundo tem um primeiro namorado
Só a bailarina que não tem
Sujo atrás da orelha
Bigode de groselha
Calcinha um pouco velha
Ela não tem

O padre também
Pode até ficar vermelho
Se o vento levanta a batina
Reparando bem, todo mundo tem pentelho
Só a bailarina que não tem
Sala sem mobília
Goteira na vasilha
Problema na família
Quem não tem

Procurando bem
Todo mundo tem...



CRIS EICH & JFAN-CLAUDE

Glossário

Pereba: qualquer ferida ou erupção na pele.
Bexiga: varíola, doença que pode deixar marcas na pele.
Piriri: disenteria.
Ameba: ser microscópico que causa doenças.
Escarlatina: doença infecciosa caracterizada por febre alta e pequenas manchas vermelhas na pele.

Edu Lobo e Chico Buarque (1982). CHICO BUARQUE DE HOLLANDA.
Letra e música. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 202-203.



- Você já sentiu pena de rato e de barata? Já ouviu falar em bichos naturais e em bichos convidados? No texto a seguir, você descobrirá a diferença entre eles e verá também que é possível sentir pena de rato e de barata.

Durante a leitura, fique de olho!

Repare como o narrador do texto escreve como se estivesse conversando com você.

Os bichos da minha casa

Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês e o meu coração vai ouvir.

Peço que leiam esta história até o fim. Vou contar umas coisas: minha casa tem bichos naturais. Bichos naturais são aqueles que a gente não convidou nem comprou. Por exemplo, nunca convidei uma barata para lanchar comigo.

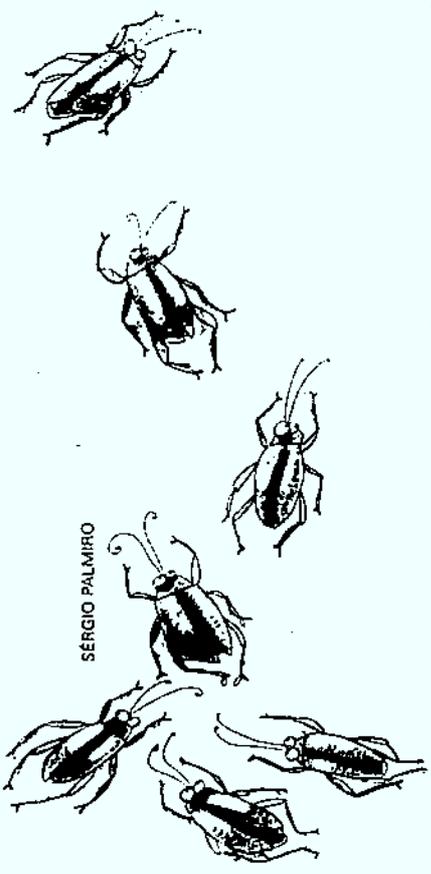
Minha casa tem muitos bichos naturais, menos rato, graças a Deus, porque tenho medo e nojo deles. Quase todas as mães têm medo de rato. Os pais não: até gostam porque se divertem caçando e matando esse bicho que detesto. Vocês têm pena de rato? Eu tenho porque não é um bicho bom para a gente amar e fazer carinho. Vocês fariam carinho num rato? Vai ver vocês nem têm medo e em muitas coisas são mais corajosos do que eu.

Tenho um amigo que, quando era menino, criou um rato branco. Fiquei com tanto nojo que só quero apertar a mão de meu amigo quando passar o susto. Seu rato era, na verdade, uma rata e se chamava Maria de Fátima.

Maria de Fátima morreu de um modo horrívelzinho (eu digo horrívelzinho porque no fundo estou bem contente): um gato comeu ela com a rapidez com que comemos um sanduíche.

Como eu ia dizendo, os bichos naturais da minha casa não foram convidados. Apareceram assim, sem mais nem menos.

Por exemplo: tenho baratas. E são baratas muito feias e muito velhas que não fazem bem a ninguém. Pelo contrário, elas até roem a minha roupa que está no armário. [...]



SÉRGIO PALMIRO

Reprodução proibida - Art 184 - no Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998

Barata é outro bicho que me causa pena. Ninguém gosta dela, e todos querem matá-la. Às vezes o pai da criança corre pela casa toda com um chinelo na mão, até pegar uma e bate com o chinelo em cima até ela morrer. Tenho pena das baratas porque ninguém tem vontade de ser bom com elas. Elas só são amadas por outras baratas. Não tenho culpa: quem mandou elas virem? Vieram sem serem convidadas. Eu só convido os bichos que eu gosto. E, é claro, convido gente grande e gente pequena.

Sabem de uma coisa? Resolvi agora mesmo convidar meninos e meninas para me visitarem em casa. Vou ficar tão feliz que darei a cada criança uma fatia de bolo, uma bebida bem gostosa, e um beijo na testa.

Outro bicho natural de minha casa é... adivinhem! Adivinharam? Se não adivinharam não faz mal, eu digo a vocês. O outro bicho natural de minha casa é a lagartixa pequena. São engraçadas e não fazem mal nenhum. Pelo contrário: elas adoram comer moscas e mosquitos, e assim limpam minha casa toda. [...]

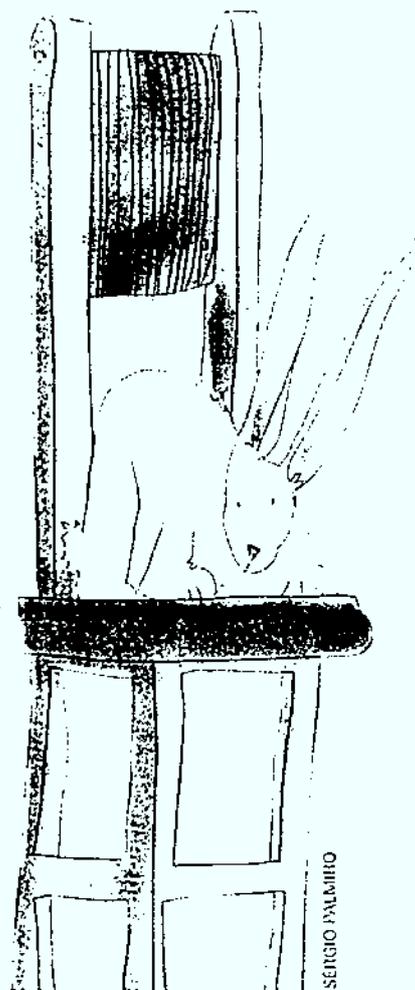
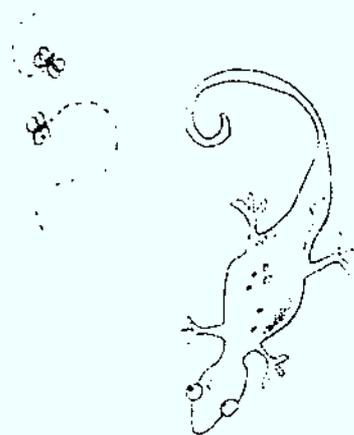
O que eu não entendo [...] é o paladar horrível que a lagartixa tem por moscas e mosquitos. Mas é claro: como não sou lagartixa, não gosto de coisas que ela gosta, nem ela gosta do que eu gosto. [...]

Agora vou falar sobre bichos convidados, igual ao meu convite para vocês. Às vezes não basta convidar: tem-se que comprar.

Por exemplo, convidei dois coelhos para morar com a gente e paguei um dinheiro ao dono deles. Coelho tem uma história muito secreta, quero dizer, com muitos segredos.

Eu até já contei a história de um coelho num livro para gente pequena e para gente grande. Meu livro sobre coelhos se chama assim: *O mistério do coelho pensante*. Gosto muito de escrever histórias para crianças e gente grande. Fico muito contente quando os grandes e os pequenos gostam do que escrevi.

Se vocês gostam de escrever ou desenhar ou dançar ou cantar, façam porque é ótimo: enquanto a gente brinca assim, não se sente mais sozinha, e fica de coração quente.



SERGIO PALMIRO

CLARICE LISPECTOR. *A mulher que matou os peixes*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. (Fragmento.)



- Este é um conto originário da África, narrado pelo povo iorubá, para quem a função de contar histórias é muito importante.

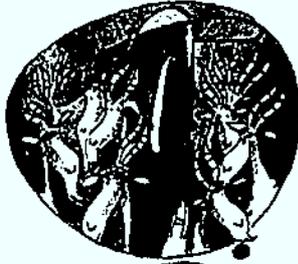
Durante a leitura, fique de olho!

Para o povo iorubá, as histórias de sua tradição sempre encerram lições de vida muito valiosas. Leia o texto com atenção para descobrir qual é a lição encerrada nesta aqui.

O escravo que guardou os ossos do príncipe

Havia um escravo chamado Odedirã, que vivia perseguido pelo seu senhor. Odedirã um dia ganhou um pintinho de um vizinho. Ele o criou até que se tornasse uma galinha. A galinha pôs ovos e chocou. Nasceram muitos pintinhos que Odedirã criou. A criação de galinhas foi crescendo. Um dia, voltando da roça, ele encontrou todas as suas galinhas e todos os seus galos mortos. O seu senhor disse: "Tu és escravo ou dono de uma granja?". Odedirã ficou tristíssimo, mas não disse nada. Limpou os frangos mortos, salgou e defumou a carne e a guardou. Um dia ele ganhou uma cabritinha. A cabritinha cresceu e se tornou uma bela cabra, que deu muitos filhotes.





A criação de cabras foi crescendo.

Um dia, voltando da roça, encontrou todas as suas cabras e todos os seus cabritos mortos.

O seu senhor disse:

“Tu és escravo ou fazendeiro?”.

Odedirã ficou tristíssimo, mas não disse nada.

Limpou os animais mortos,

salgou e defumou a carne e a guardou.

Quando veio a seca e faltou comida no seu país,

Odedirã vendeu as carnes defumadas e guardou o dinheiro.

Um dia, voltando da roça,

encontrou o seu senhor muito bem vestido.

Ele comprara ricas roupas, sapatos finos e belas jóias.

O escravo percebeu com que dinheiro tudo havia sido comprado, quando o seu senhor lhe disse:

“Tu és escravo ou banqueiro?”.

Vendo a tristeza do escravo, o senhor disse:

“Comprei para ti este monte de ossos.

Quem sabe tu não comesas uma fábrica de botões e te transformas num industrial?

Pois parece que escravo tu não queres ser”.

Odedirã nada respondeu e guardou os ossos.

Logo, logo passaram por ali emissários do rei.

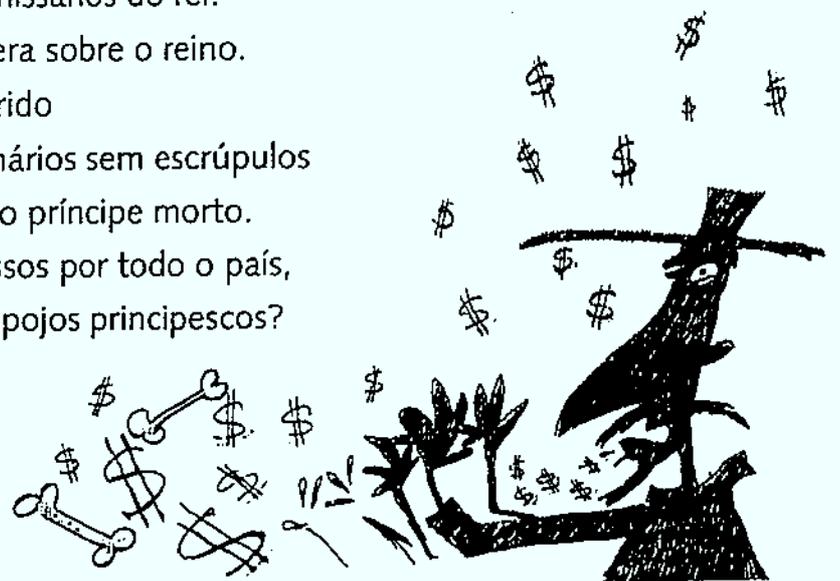
Uma grande desgraça se abatera sobre o reino.

O príncipe herdeiro havia morrido

e, se isso não bastasse, mercenários sem escrúpulos tinham roubado o esqueleto do príncipe morto.

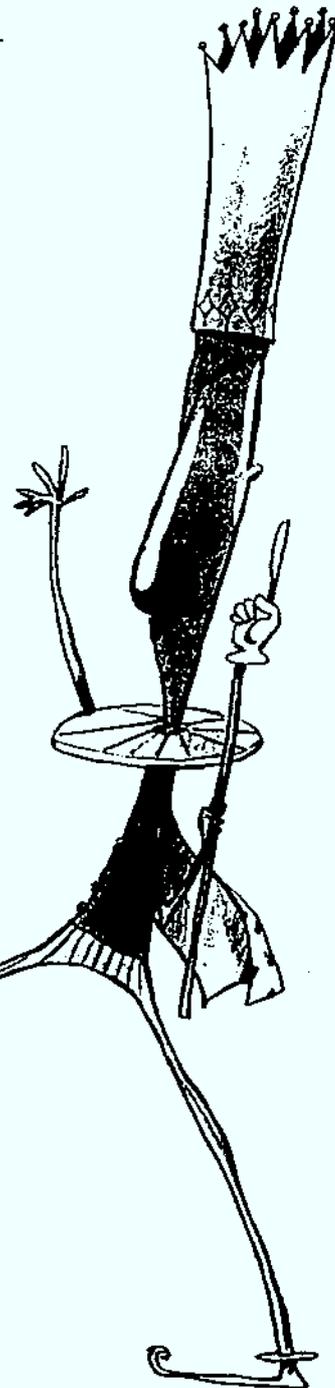
Os soldados procuravam os ossos por todo o país,

será que alguém sabia dos despojos principescos?



Odedirã foi para dentro e voltou com uma caixa.
"Aqui estão os restos do nosso amado príncipe", ele disse.
"Foram abandonados aqui por ladrões em fuga", completou.
O rei ficou muito grato pela recuperação do esqueleto do filho.
Os ossos foram enterrados na capital do reino
com todas as solenidades funerárias costumeiras.
Odedirã e seu senhor foram levados aos funerais
como convidados especiais, como salvadores da pátria.
Ao final da cerimônia, o rei libertou o escravo Odedirã,
adotou-o como filho e o declarou seu príncipe herdeiro.
Odedirã deu um pouco de dinheiro ao seu antigo senhor
para que ele voltasse para casa e disse-lhe:
"Quando eu era teu escravo, só para me roubar,
vívias perguntando o que eu era.
Mas nunca soubeste o que eu queria ser.
Eu não queria ser dono de granja,
não queria ser fazendeiro
nem banqueiro.
Muito menos industrial.
Eu só queria ser rei".
E entrou no palácio abraçado com o pai adotivo.

REGINALDO PRANDI.
*Os príncipes do destino: histórias
da mitologia afro-brasileira,*
ilustrações Paulo Monteiro.
São Paulo: Cosac & Naify, 2001.



CRIS EICH & JEAN-CLAUDE

Glossário

- Defumou (a carne): secou, expondo à fumaça.
- Mercenários: que trabalham por dinheiro.
- Sem escrúpulos: sem consciência.
- Despojos principescos: restos do príncipe.
- Solenidades funerárias: cerimônias de enterro.

2 Qual a frase do verbete que traz o significado da palavra **agrados** no trecho a seguir.

“Imagino que era grande o contentamento deles por aqueles **agrados**, tão novos e bizarros.”

agrado s.m. ato ou efeito de agradar **1** sentimento ou sensação de satisfação, de aprazimento; gosto **2** ato de consentir; consentimento, beneplácito **3** suavidade ao trato, afabilidade, cortesia **4** *B infm.* compensação adicional dada esp. como prêmio pelos resultados obtidos num trabalho; gorjeta, gratificação, presente <deu-lhe um a. pela informação> [...]

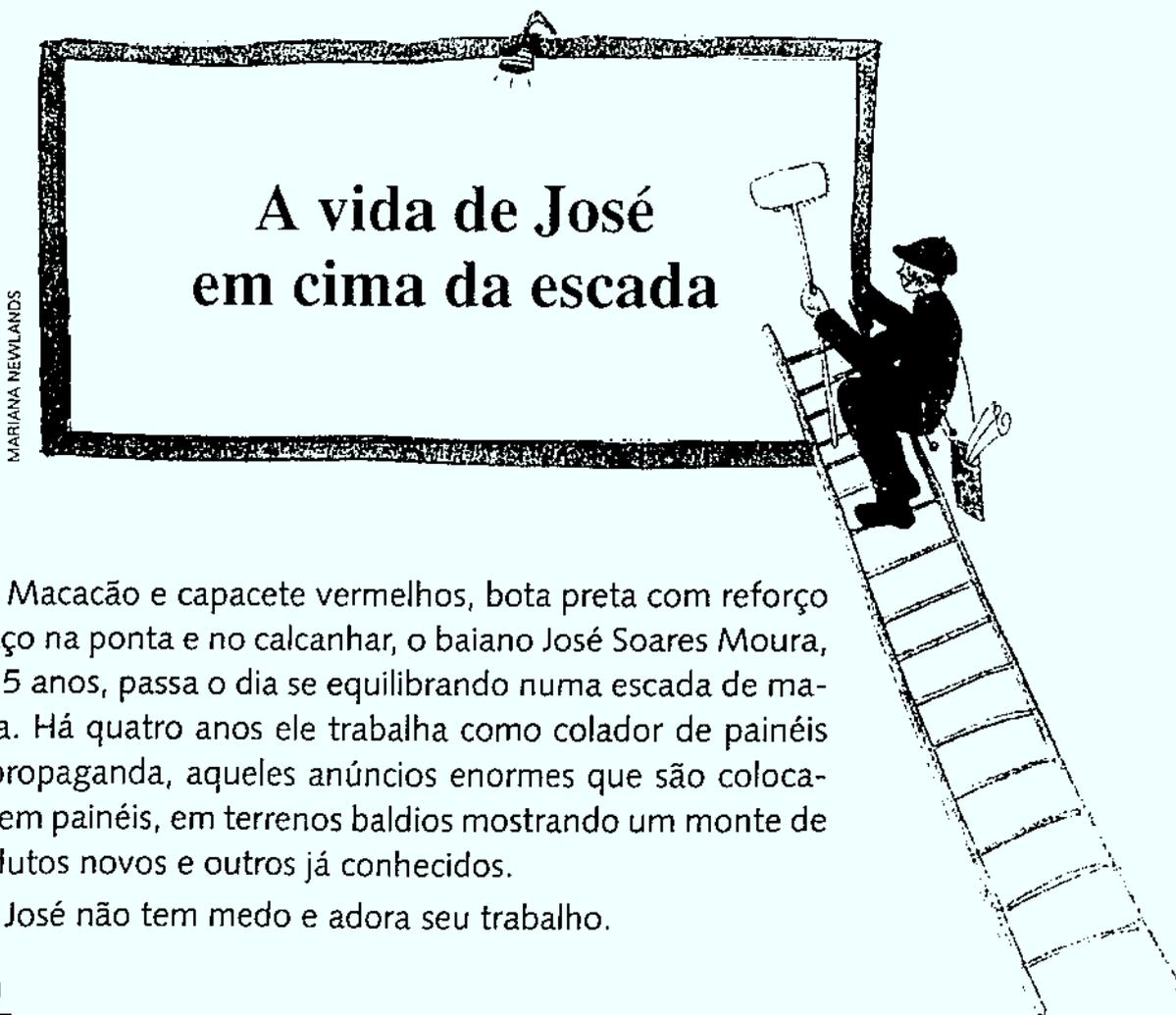
Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.



TEXTO EXPOSITIVO

Reportagem

Leitura



A vida de José
em cima da escada

Macacão e capacete vermelhos, bota preta com reforço de aço na ponta e no calcanhar, o baiano José Soares Moura, de 25 anos, passa o dia se equilibrando numa escada de madeira. Há quatro anos ele trabalha como colador de painéis de propaganda, aqueles anúncios enormes que são colocados em painéis, em terrenos baldios mostrando um monte de produtos novos e outros já conhecidos.

José não tem medo e adora seu trabalho.

Sai cedinho para as ruas no caminhão da firma em que é empregado com mais quatro companheiros. Ele cola sozinho 12, 13 painéis por dia. O serviço é rápido. Com muita prática, ele separa as 32 folhas de papel de cada anúncio, numeradas uma a uma, sobe na escada com um balde de cola e um pincel grosso e, em apenas 20 minutos, o painel está pronto.

Quando é necessário, José constrói a armação do painel: cava os buracos, finca as vigas de madeira e depois monta as chapas de ferro onde o papel é colado.

Também sabe preparar a cola, uma mistura de água e polvilho de mandioca cozida no fogo, igualzinha à que se usa para fazer papagaios.

"No começo, eu tinha medo de cair, ficava com o corpo duro e demorava para fazer o serviço. Agora já peguei as **manhas** e acho tudo muito fácil. É preciso tomar cuidado apenas para colar as folhas do anúncio sem deixar o papel enrugado e com as letras bem juntinhas", explica José. [...]

ANA MARIA LEOPOLDO E SILVA.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 8 jul. 1984. Folhinha.

Vamos explorar o texto

1 Sobre que tipo de profissional é a reportagem que você leu?



2 A partir das informações dadas pelo texto, responda.

- Que tipo de roupa esse profissional usa?
- Em que consiste o trabalho desse profissional?
- Além de colar os painéis, o que mais ele faz?
- Que cuidados se deve ter nesse trabalho?
- Existe algum risco nesse trabalho?

3 No caderno, associe letra e número, indicando como o repórter pode ter conseguido as informações presentes no texto.

- 1) Que tipo de roupa esse profissional usa.
- 2) Como se faz um painel de propaganda.
- 3) Há quanto tempo José Soares Moura exerce essa profissão.
 - a) Pela observação.
 - b) Pelas declarações do profissional.
 - c) Por conhecimento prévio.



O trabalho e o lavrador

O que disse o pão ao padeiro?

Antes de pão, eu era farinha,
Farinha que o moinho moía
Debaixo do olhar do moleiro.

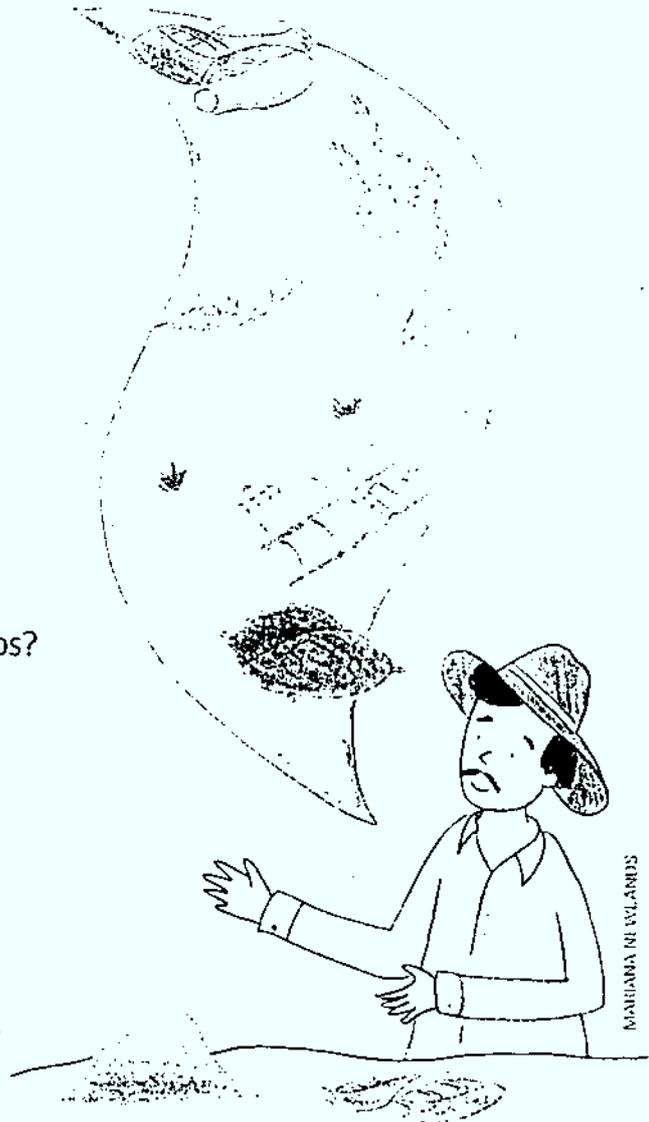
O que disse o grão ao lavrador?

Antes de trigo, fui semente,
Que tuas mãos semearam
Até que me fizesse em flor.

O que disse o lavrador a suas mãos?

Com vocês, lavro essa terra,
Semeio o trigo, colho o grão,
Mão a farinha, faço o pão.

E a isso tudo eu chamo trabalho.



SÉRGIO CAPARELLI. *A jibóia Gabriela*.
Porto Alegre: L&PM, 1984.

2 Reconte trechos do texto que você leu, lembrando:

- um fato ocorrido na infância de Preta;
- uma pessoa importante na vida dela;
- um sentimento que ela nutria por alguém;
- uma dúvida importante na sua vida;
- uma reflexão que ela fez;
- um fato que ela achou engraçado.



Leitura

3 Veja as lembranças que esta outra criança tem de um jantar com a família dela.

O coelho Oz

[...]

Para o jantar, veio a minha avó fantástica. Eu tive uma avó fantástica, completamente fora do comum: o nome dela era Malva. Tinha olhos azuis, era gorda, uma alegria só de olhar. Vieram também meus tios Herbert, Lisa, Ena. Tio Hans não veio, porque morava em São Paulo. Vieram ainda Erwin, casado com tia Ena, e minha outra avó, Clara, mãe de mamãe.

Na sala, tinha um piano, vovó Clara começou a cantar valsas vienenses. Minha família era de Viena, que é uma cidade cheia de valsas, tortas e um rio marrom, que todo mundo chama de Danúbio e que inventam que é azul. Sabem como é, as pessoas preferem azul a marrom, por causa de preconceito de cor. Criança pode achar lindo um rio marrom, cheio de lama, lambuzado, mas adulto faz questão de Danúbio "azul".

SYLVIA ORTHOF. O coelho Oz. Em: *Os bichos que tive (memórias zoológicas)*. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2004. p. 17-18.



ILUSTRAÇÃO: FLORES GUANZULI

Vamos explorar o texto

4 Responda.

- Quem é a avó fantástica da criança narradora da história?
- A avó fantástica é avó por parte de quem?
- Quem era a avó Clara e o que ela faz na história?
- De onde é a família da criança?



- Imagine que você tenha ganhado de presente uma bola, uma boneca ou um skate. Como você brinca com esses presentes? Qual é a diferença entre brincar com eles e com um brinquedo eletrônico, como um *videogame*, por exemplo?
- Converse com seus colegas. Sob orientação do professor, façam na lousa uma lista das brincadeiras e dos brinquedos e jogos preferidos da turma.

Durante a leitura, fique de olho!

Em "A bola", é mencionado um tipo de texto muito útil para compreendermos as regras de um jogo ou o funcionamento de um aparelho. Que tipo de texto seria esse?

A bola

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

— Como é que liga? — perguntou.

— Como, como é que liga? Não se liga.

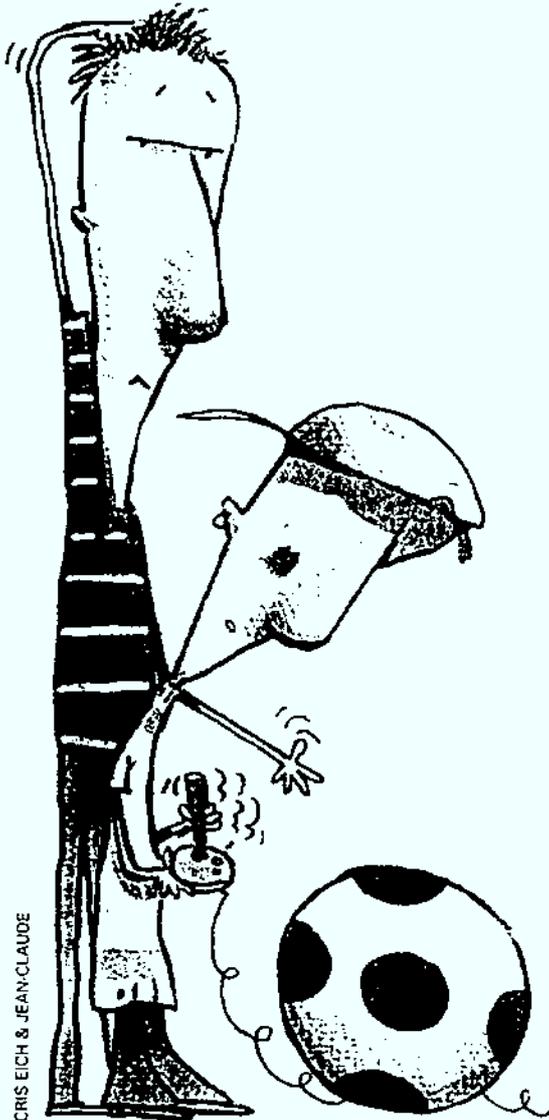
O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

— Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

— Não precisa manual de instrução.

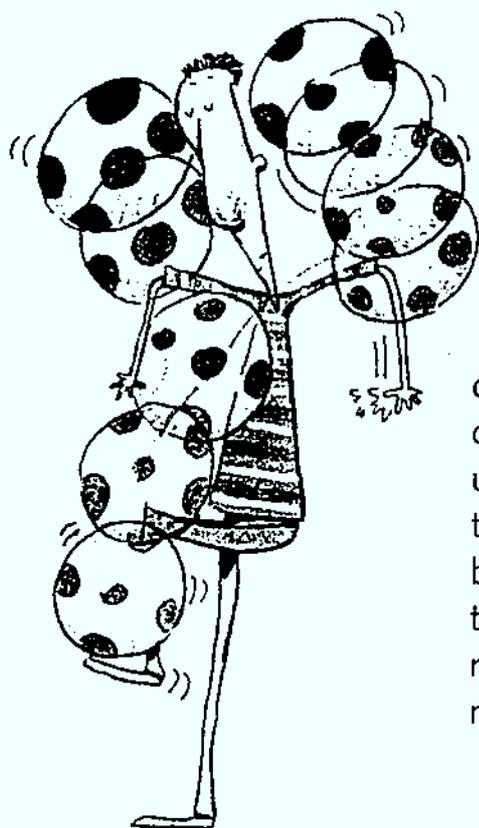
— O que é que ela faz?



CRIS EICH & JEAN-CLAUDE

- Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.
- O quê?
- Controla, chuta...
- Ah, então é uma bola.
- Claro que é uma bola.
- Uma bola, bola. Uma bola mesmo.
- Você pensou que fosse o quê?
- Nada, não.

O garoto agradeceu, disse "Legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um *videogame*. Algo chamado *Monster Ball*, em que times de monstrinhos disputavam a posse de uma bola em forma de *blip* eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.



O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

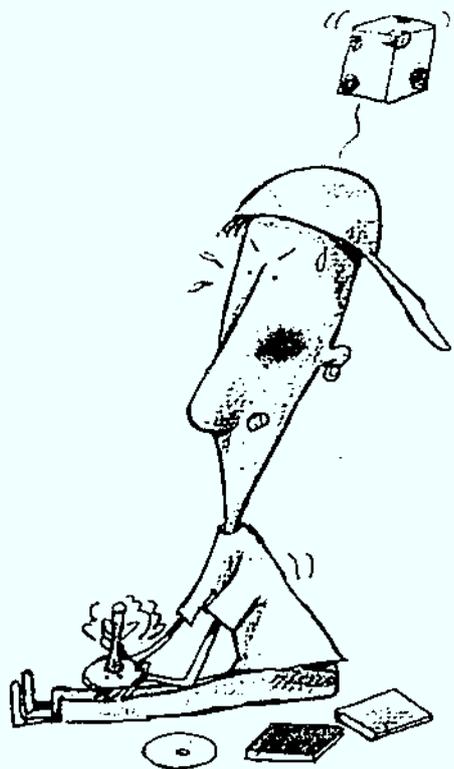
— Filho, olha.

O garoto disse "Legal" mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Glossário

Monster Ball: videogame sobre um jogo de vôlei na Lua.

Blip eletrônico: sinal luminoso que indica, em uma tela, a posição de um objeto.



LUIS FERNANDO VERISSIMO.
Comédias para se ler na escola.
 Rio de Janeiro: Objetiva,
 2001. p. 41-42.

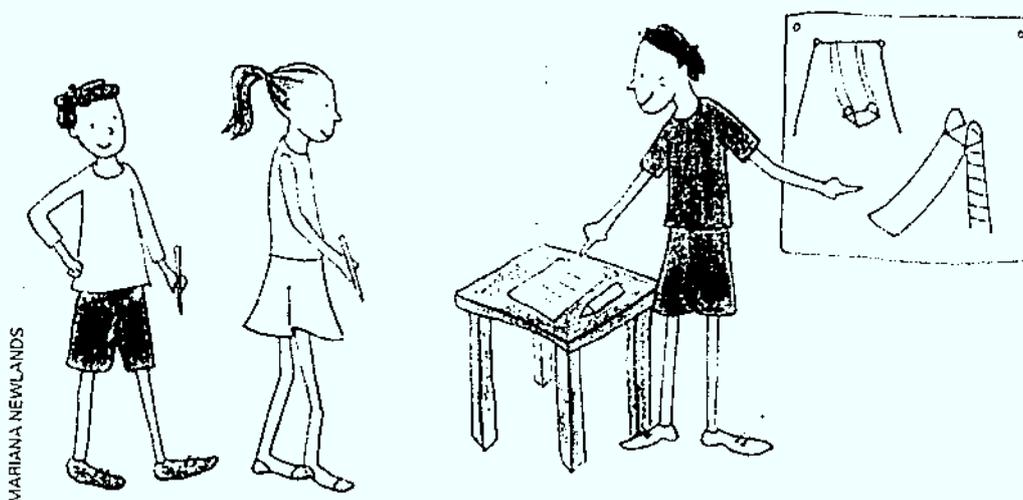
ILUSTRAÇÕES: CRIS EICH & JEAN-CLAUDE



Tudo muito tri

Lucas, um gaúcho de 10 anos, mostra como é gratificante lutar pelo direitos de quem não tem nem onde brincar

Lucas Mielniczuk Cavallet, de 10 anos, tem um sítio inteiro para brincar, mas se comoveu vendo seus colegas de escola tendo de ir de ônibus para uma pracinha de outro bairro para poder se divertir. Foi por isso que resolveu fazer um abaixo-assinado para a construção de uma pracinha próxima à escola. Passou dias recolhendo assinaturas e conseguiu mais de 700, a maioria, é claro, de crianças.



MARIANA NEWLANDS

O abaixo-assinado sensibilizou um empresário da cidade, que fez uma doação para a construção da praça, que foi inaugurada em novembro de 1999 com balanço, escorregador, gira-gira e gangorra. "Chego a me emocionar quando vejo as crianças brincando na praça", diz Lucas. "Tem gente que não tem oportunidade para nada, nem para brincar", explica.

Hoje, Lucas ainda luta para manter e melhorar a pracinha. "Estamos fazendo outro abaixo-assinado para construir uma espécie de quadra poliesportiva na praça", conta.

[...]

Glossário

Poliesportiva: para vários esportes.

MÔNICA KRAUSZ. Zé, São Paulo, ano V, n. 45, 2001.



- Imagine que seu inimigo aprisione você em sua casa e depois o deixe sair levando apenas uma coisa, aquilo que você tem de mais precioso. O que você levaria?

Durante a leitura, fique de olho!

Tente descobrir quem vai ganhar a guerra e quem foram os verdadeiros heróis... Antes de terminar a leitura, é claro!

Mulheres de coragem

Foi na Alemanha que esta história aconteceu.

Há muitos e muitos anos.

A guerra já durava havia muito tempo.

As tropas do Imperador Conrado III cercavam o castelo do Rei Welfo VI.

Antes que o cerco começasse, quando perceberam que as tropas inimigas se aproximavam, os habitantes do castelo já tinham fugido nas suas carroças, nos seus carros de boi ou mesmo a pé, carregando o que podiam.

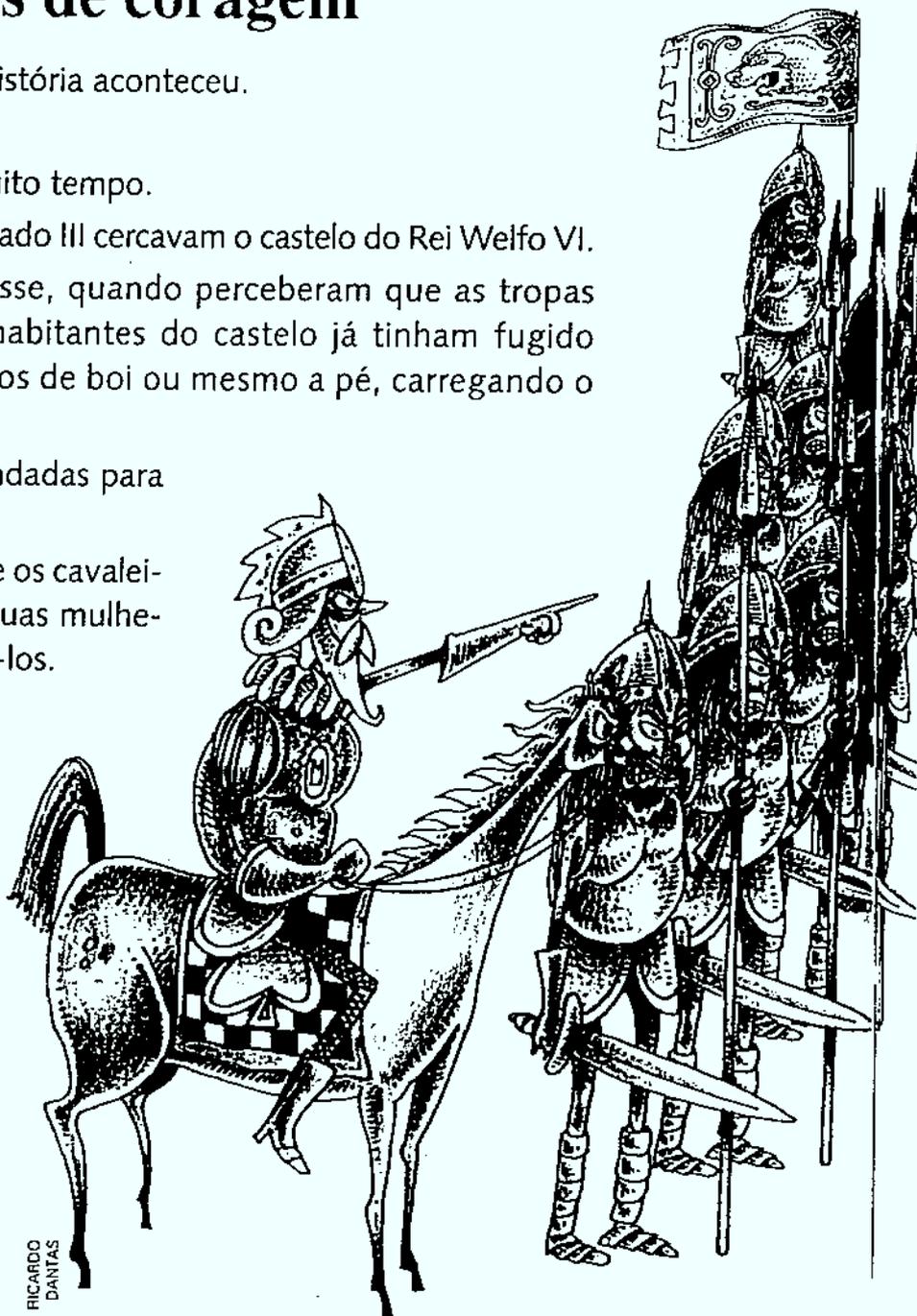
As crianças tinham sido mandadas para longe, para a casa de parentes.

Ficaram apenas os soldados e os cavaleiros, para a defesa do castelo; e suas mulheres, que não quiseram abandoná-los.

O cerco já durava dois longos anos.

Nos primeiros tempos, os defensores do castelo estavam otimistas, achavam que havia possibilidade de vencer o inimigo, pela luta ou pelo cansaço.

Mas com o passar do tempo a comida foi acabando, a água foi se tornando cada vez mais difícil, as doenças começavam a se espalhar.



RICARDO DANTAS

Os feridos se arrastavam pelos aposentos desertos do castelo, sem tratamento, sem esperança.

A invasão do castelo estava próxima. E todos sabiam que quando isso acontecesse ninguém se salvaria.

Havia desânimo e tristeza.

Um dia o imperador mandou ao rei um cavaleiro, levando uma mensagem.

Impressionado com a lealdade das mulheres, que haviam permanecido com seus maridos, Conrado oferecia a elas a salvação: poderiam sair do castelo, atravessar o acampamento de suas tropas, que não seriam maltratadas.

E poderiam, ainda, carregar consigo o que tivessem de mais precioso.

Nessa noite, enquanto os homens se preparavam para a batalha, as mulheres discutiam sua fuga.

Não sabemos o que se passou nessa noite. O que sabemos é que de manhã, muito cedo, quando os primeiros raios de sol iluminaram os portões, um grupo de mulheres saiu, trazendo uma grande bandeira branca.

Dirigiu-se ao acampamento do inimigo.

Ao encontrar a primeira sentinela, uma das mulheres adiantou-se e pediu para falar com o imperador. Conrado recebeu-as, cada vez mais impressionado com a sua valentia.

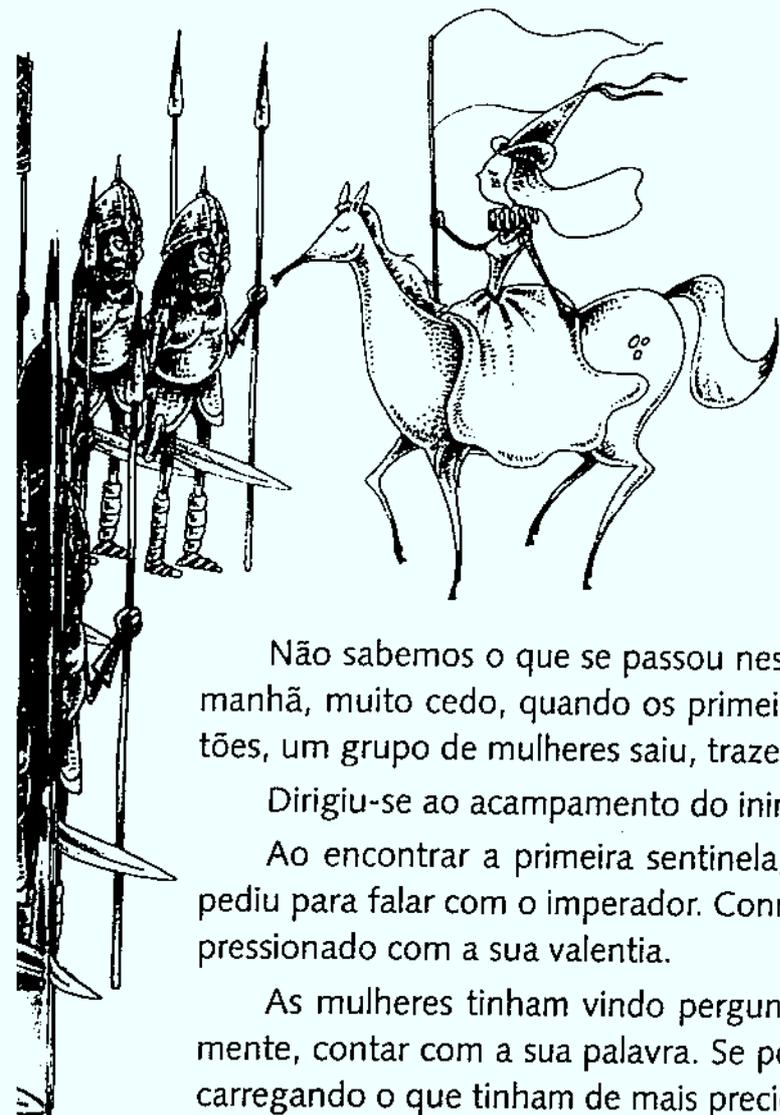
As mulheres tinham vindo perguntar ao imperador se podiam, realmente, contar com a sua palavra. Se podiam, de verdade, sair do castelo, carregando o que tinham de mais precioso.

Ofendido, ele reafirmou sua palavra:

— Palavra de rei não volta atrás! — ele deve ter dito.

As mulheres então voltaram ao castelo, para executar o seu plano.

Daí a pouco começaram a sair, envoltas em suas pesadas capas de viagem, caminhando com dificuldade. Pois nos ombros traziam o que tinham de mais precioso.



Ante o olhar atônito dos homens de Conrado, as mulheres passavam, com seus maridos nos ombros.

Os soldados se voltaram para o chefe, aguardando suas ordens.

Mas Conrado, impassível, mantinha sua palavra, deixando que toda a tropa inimiga passasse por entre suas próprias tropas, protegida pela coragem de suas mulheres.

Contam que o castelo não foi nem invadido.

Ali mesmo, no campo de batalha, Welfo e Conrado se encontraram e a paz foi feita.

E puderam todos voltar para suas casas e esquecer, por algum tempo, que existia guerra...



Glossário

Sentinela: guarda que fica de vigia.

RUTH ROCHA. *Mulheres de coragem*.
São Paulo: FTD, 1991. p. 7-12.



VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão

- 1** Quem estava do lado de fora do castelo?
 - E do lado de dentro do castelo?
- 2** As crianças do castelo haviam sido mandadas para longe. Por que as mulheres dos soldados e dos cavaleiros ficaram?
- 3** Discuta com seus colegas qual seria a maior vantagem e a maior desvantagem de quem estava no castelo e de quem sitiava o castelo.
- 4** O que fez o imperador oferecer a salvação às mulheres?
- 5** O que as mulheres carregaram consigo?
 - O que provavelmente o imperador imaginou que as mulheres levariam?



PRODUÇÃO DE TEXTO

Elaboração do final de uma história

Leitura

A pomba e a formiga

À beira de um riacho, uma branca pomba bebia. De repente, ouviu uma vozinha fraca, fraca.

— Socorro! Estou afogando!

Uma formiga tinha caído na água e, por mais que se debatesse, não conseguia chegar na margem. A corrente a arrastava.

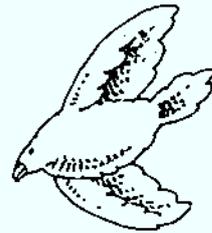
A pomba arrancou com o bico um fio de grama e o jogou na água. A formiga subiu nele e alguns minutos depois chegava em terra firme. Queria agradecer a sua benfeitora, mas ela já tinha ido embora.

Alguns dias mais tarde, a formiga caminhava por uma trilha no bosque, quando viu um camponês de pés descalços, armado de arco e flecha, mirar alguma coisa. [...]

JEAN DE LA FONTAINE.

As mais lindas fábulas de La Fontaine.

Tradução e adaptação de Maria Cristina Marcondes Soares. São Paulo: Rideel, 1991.



ILUSTRAÇÕES: RICARDO DANTAS

Glossário

Benfeitora: aquela que faz o bem.

Vamos explorar o texto

- 1** Qual foi a boa ação da pomba?
- 2** Copie em seu caderno a alternativa correta, em relação à formiga.
 - A formiga mostrou-se ingrata.
 - A formiga quis agradecer, mas não houve tempo.
- 3** Responda às perguntas, sabendo que, no final do conto, a boa ação da pomba vai ser recompensada.
 - O que você imagina que o camponês estava mirando?
 - Que importância você acha que tem o fato de ele estar descalço?

Minhas férias!

Ano que vem eu quero pegar a nova professora de Português no pulo! Antes que ela me pegue, é claro. Dona Ofélia — a famosa fera da 5ª série — é a professora mais durona do colégio. Todos os meus colegas de classe já estão tremendo por conta da sua fama. Dizem que, com Dona Ofélia, recuperação é rotina e nota maior que cinco é um acontecimento que merece bombinha [...] Sei lá...

Em fevereiro, quando as aulas recomeçarem, ela vai encomendar aos novos alunos uma tremenda redação de não sei quantas mil páginas com o tema *Minhas férias*. Dona Ofélia sabe que a idéia é antiga e escolhe o tema de propósito, só para ver se alguém consegue escrever alguma coisa de diferente. Ela faz isso todo ano. Eu me informei muito bem.

[...]



A idéia de preparar a primeira lição para Dona Ofélia durante as férias pintou quando eu recebi um super-hiperconvite para passar uma semana na fazenda de um tio do Nelsinho. Ele tem a minha idade, é meu vizinho de prédio e colega de escola. Meu melhor amigo, é claro!

[...]

Papai e mamãe concordaram de cara com o convite, providenciaram a autorização para a viagem e nós vamos partir amanhã à noite. Primeiro de ônibus, até Campo Grande. Os dois sozinhos! Depois de carro, até a fazenda. O tio do Nelsinho vai nos encontrar na rodoviária.

Aqui entra o meu plano escolar. Eu vou registrar toda essa aventura num diário de bordo! Como faziam os antigos navegantes e descobridores! A idéia não é incrível? Às vezes eu tenho certeza de que sou um gênio... usando só a metade esquerda do cérebro, é evidente. Imaginem só quando estiver tudo ligado!

Já comprei um cadernão pautado e vou anotar, dia a dia, tudo o que for acontecendo. Quando eu voltar... a tal redação sobre as férias já estará pronta! A perigosa Dona Ofélia vai ficar sabendo de cara quem é Zeca de Arruda Botelho, o moderno Pero Vaz de Caminha!

[...]

Chegamos à fazenda no finzinho da tarde. Eu acordei com o carro sacolejando na estrada de terra e passando pelos mata-burros. Um pôr-de-sol vermelhão enchia o céu. Coisa linda! Fiquei besta com tamanha imensidão. Eu, menino de cidade, acostumado com asfalto, fatias de céu e cor de poluição...



Na hora de descer do carro, fui assustadoramente saudado por um cachorrão preto e peludo, que deu uma cheirada geral nas minhas pernas. A Dany me tranqüilizou:

— O Lobão assusta, mas não morde. É cruza de dóberman com cachorro-do-mato. Não se preocupe.

— Eu, hein...

Terminada a inspeção canina — parece que ele me aprovou! —, fui apresentado à sede da fazenda. Térrea, cercada por dois terraços largos, a casa é enorme. Da varanda da frente a gente avista meio mundo, um horizonte sem fim perdido na lonjura. Dona Vera, a mãe de Dany, mostrou os quartos onde nós íamos ficar. Com tanto lugar sobrando, cada um ficou num aposento.

"Melhor...", eu pensei. "Vou poder escrever em paz o meu diário."

Desarrumei a mala, guardei as roupas, escondi o cadernão na gaveta da mesinha-de-cabeceira e fui tomar o mais gostoso banho de chuveiro da minha vida! Água da nascente. Sem cloro nem cheiro. Que ducha! Lavei o corpo, lavei a cabeça, lavei o coração.

Logo depois, na hora do jantar, comecei a descobrir que ainda teria muitas surpresas naquela fazenda. Tio Gilberto era um sujeito engraçado, que adorava contar histórias e casos esquisitos. Eu estava fascinado com a sua conversa.

Antes da sobremesa, fui informado de que era proibido caçar na Fazenda Paraíso. Todos os bichos do mato que se refugiavam ali encontravam abrigo certo e proteção segura.

— Até onça? — perguntei, espantado.

— Onça, lobo-guará, cachorro-do-mato, cobra, jaguatirica, jacaré... — foi a resposta tranquilizadora do fazendeiro.

Eu estava cada vez mais abismado. Enquanto tio Gilberto contava seus casos ecológicos, o Nelsinho e a Dany me olhavam com o maior ar de gozação. Os dois estavam tramando alguma coisa.

“Acho que vem brincadeira pra cima de mim...”, pensei, meio desconfiado.

Depois do jantar, fomos todos para o terraço. A noite estava incrível! Estrelas, milhares de estrelas, milhões de estrelas! Eu nunca tinha visto nada igual. Estiquei o corpo no gramado junto à varanda e mergulhei de cabeça naquele céu sem fundo. Depois fechei os olhos e senti que a terra, nas minhas costas, girava no espaço.

“Astronauta!”, eu pensei. “Deve ser assim que se sentem os astronautas!” [...]

SÉRGIO PALMIRO



Glossário

Mata-burros: buracos escavados nas porteiras, cobertos de traves espaçadas, para impedir a passagem de animais.

CARLOS QUEIROZ TELLES.
Asas Brancas. São Paulo:
Moderna, 2002.



- É noite, a luz acaba. O que pode acontecer numa situação como essa em casa? E na rua?
- O que pode causar a interrupção de energia elétrica?
- A crônica a seguir foi escrita por Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores poetas do Brasil. Você conhece esse autor? Já leu algum poema ou crônica que ele escreveu?

Durante a leitura, fique de olho!

Leia o título da crônica a seguir. Por que a avó caiu na piscina?

Vó caiu na piscina

Noite na casa da serra, a luz apagou. Entra o garoto:

— Pai, vó caiu na piscina.

— Tudo bem, filho.

O garoto insiste:

— Escutou o que eu falei, pai?

— Escutei, e daí? Tudo bem.

— Cê não vai lá?

— Não estou com vontade de cair na piscina.

— Mas ela tá lá...

— Eu sei, você me contou. Agora deixe seu pai fumar descansado.

— Tá escuro, pai.

— Assim até é melhor. Eu gosto de fumar no escuro. Daqui a pouco a luz volta. Se não voltar, dá no mesmo. Pede à sua mãe para acender a vela na sala. Eu fico aqui mesmo, sossegado.

— Pai...

— Meu filho, vá dormir. É melhor você deitar logo. Amanhã cedinho a gente volta pro Rio, e você custa muito a acordar. Não quero atrasar a descida por sua causa.



MICHELE IACocca

— Vó tá com uma vela.

— Pois então? Tudo bem. Depois ela acende.

— Já tá acesa.

— Se está acesa, não tem problema. Quando ela sair da piscina, pega a vela e volta direitinho pra casa. Não vai errar o caminho, a distância é pequena, e você sabe muito bem que sua avó não precisa de guia.

— Por que cê não acredita no que eu digo?

[...]

— Ah, você está me enchendo. Vamos acabar com isso. Eu acreditei, viu? Estou te dizendo que acreditei. Quantas vezes você quer que eu diga isso? Ou você acha que estou dizendo que acreditei mas estou mentindo? Fique sabendo que seu pai não gosta de mentir.

— Não te chamei de mentiroso.

— Não chamou, mas está duvidando de mim. Bem, não vamos discutir por causa de uma bobagem. Sua avó caiu na piscina, e daí? É um direito dela. Não tem nada de extraordinário cair na piscina. Eu só não caio porque estou meio resfriado.

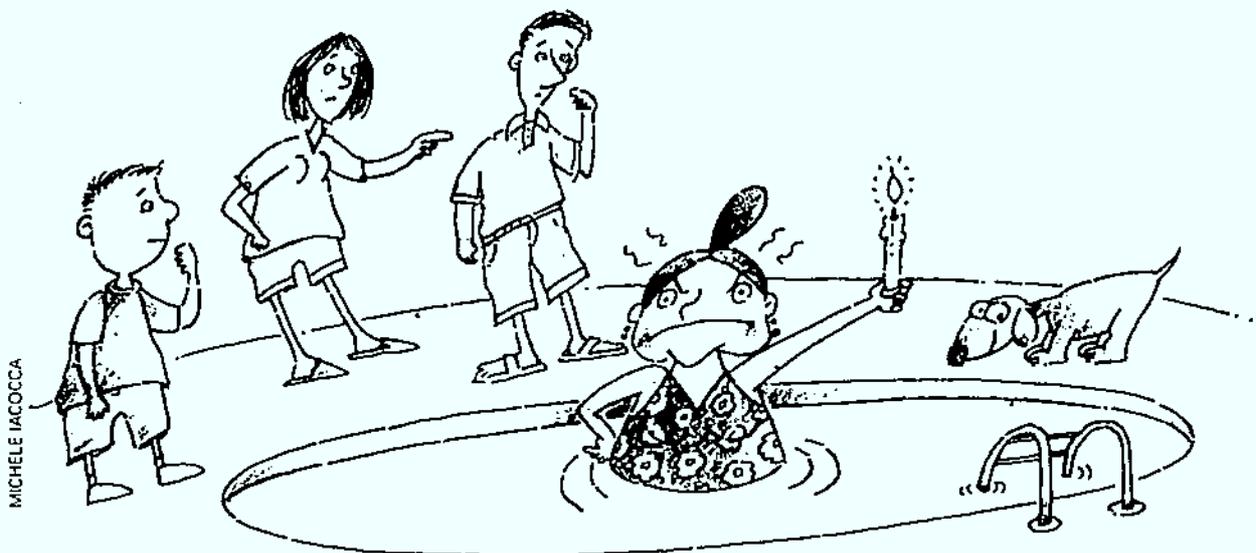
— Ô, pai, cê é de morte!

O garoto sai, desolado. Aquele velho não compreende mesmo nada. Daí a pouco chega a mãe:

— Eduardo, você sabe que dona Marieta caiu na piscina?

— Até você, Fátima? Não chega o Nelsinho vir com essa ladainha?

— Eduardo, está escuro que nem breu, sua mãe tropeçou, escorregou e foi parar dentro da piscina, ouviu? Está com a vela acesa na mão, pedindo que tirem ela de lá, Eduardo! Não pode sair sozinha, está com a roupa encharcada, pesando muito, e se você não for depressa ela vai ter uma coisa! Ela morre, Eduardo!



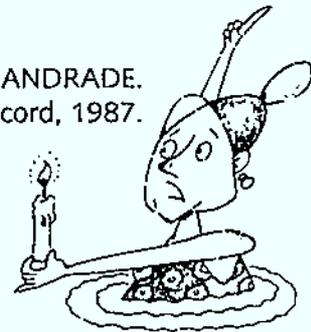
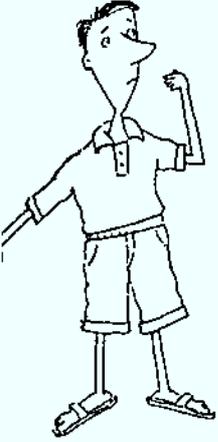
— Como? Por que aquele diabo não me disse isto? Ele falou apenas que ela tinha caído na piscina, não explicou que ela tinha tropeçado, escorregado e caído.

Saiu correndo, nem esperou a vela, tropeçou, quase que ia parar também dentro d'água:

— Mamãe, me desculpe! O menino não disse nada direito. Falou só que a senhora caiu na piscina. Eu pensei que a senhora estava se banhando.

— Está bem, Eduardo — disse dona Marieta, safando-se da água pela mão do filho, e sempre empunhando a vela que conseguira manter acesa. — Mas de outra vez você vai prestar mais atenção no sentido dos verbos, ouviu? Nelsinho falou direito, você é que teve um acesso de burrice, meu filho!

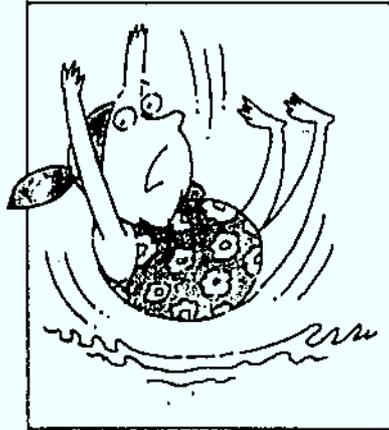
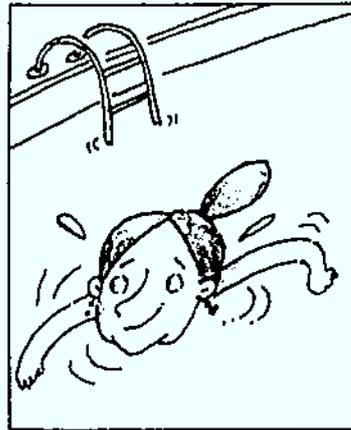
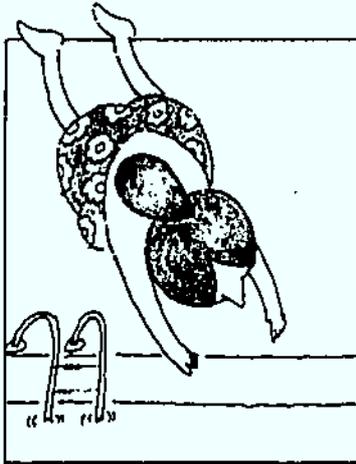
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.
Moça deitada na grama. Rio de Janeiro: Record, 1987.



VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão

1 Observe estas ilustrações.



■ Qual das cenas mostra o que aconteceu com a avó na piscina?

2 Registre em seu caderno a alternativa que mostra onde se passa a história.

- Numa casa na serra.
- Num apartamento no Rio de Janeiro.
- Num clube.

ILUSTRAÇÕES: MICHELE IACocca

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



- Você sabe como a Ciência explica a origem do mundo?
- Você conhece histórias que explicam como o mundo surgiu?
- Você já ouviu falar nos índios Waiãpi, que vivem no Amapá?

Durante a leitura, fique de olho!

Observe como existem diferentes versões para explicar o mesmo fato.

A criação da humanidade



Ana Carolina é uma menina inquieta, sempre querendo aprender mais sobre as coisas. "Como?, por quê?, quem?, pra quê?" são perguntas que ela vive repetindo. [...] A professora gosta de perguntas, mas fica brava quando Ana não dá qualquer chance para seus amigos também perguntarem.

ELOAR GUAZZELLI



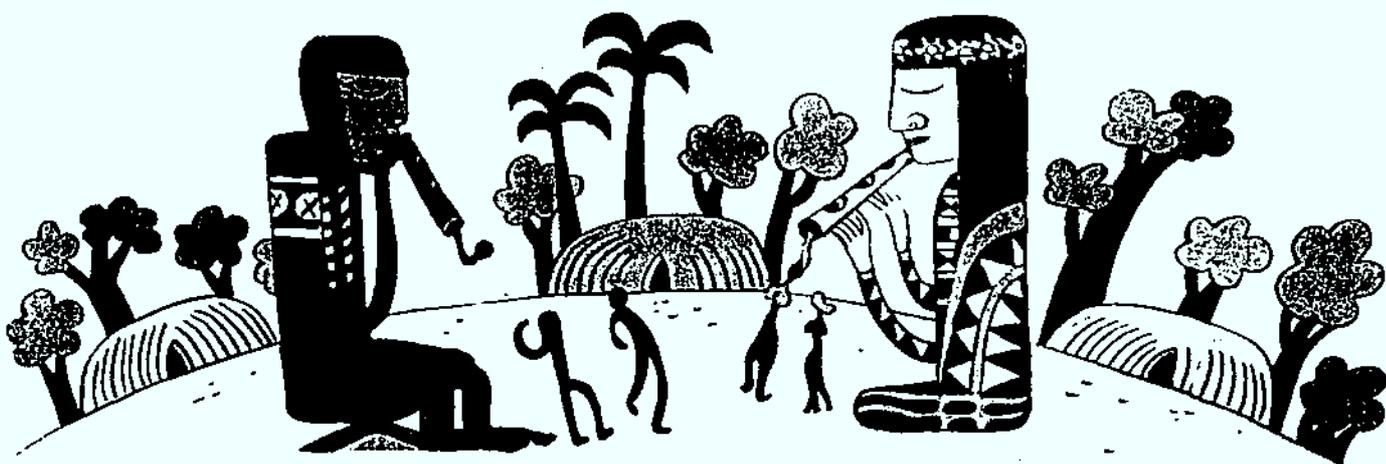
Um dia a professora estava falando sobre a origem do mundo, do universo e das pessoas. E contou a teoria científica do início de todas as coisas: "Uma grande explosão ocorreu no céu e surgiram muitos planetas, astros e estrelas. A Terra, que ardia em brasas, foi resfriando e apareceram os primeiros sinais de vida. Estes foram se tornando complexos e se diferenciando. Milhares de anos depois surgiram os macacos, que foram evoluindo e que teriam dado origem aos homens. Por isso eles são tão parecidos conosco".

Ana Carolina, maravilhada com o que tinha acabado de ouvir, lembrava dos macacos que vira no zoológico e que poderiam ser seus parentes ancestrais. Mal a professora terminou de falar, ela se ergueu e disse que sabia de uma outra história sobre a origem de tudo. Contou que sua avó tinha lido para ela uma história que estava na Bíblia e que era mais ou menos assim:

“No início só havia Deus. Então ele resolveu criar o mundo todo com todas as coisas que existem. Fez isso em poucos dias. Aí Deus criou, com barro, o primeiro homem e deu a ele o nome de Adão. Mas Adão vivia triste pelo paraíso e então Deus tirou uma costela dele e fez uma mulher para ficar com ele. Era Eva. Eles se casaram e tiveram filhos e então surgiu toda a humanidade”.

A professora elogiou a prontidão da menina e perguntou se alguém mais conhecia outras histórias a respeito da origem do mundo e das coisas. Lá do fundo da sala, uma outra menina levantou o braço e gritou: “Eu sei, minha mãe me contou uma história bem diferente”. A professora logo adivinhou que havia de se tratar de uma história sobre os índios, pois a mãe de Juliana era antropóloga. Os antropólogos são pesquisadores que durante vários meses vão morar com os índios, aprender suas línguas, suas tradições, seus modos de viver e de ver o mundo. Dito e feito: a pequena se levantou e contou uma história dos Waiãpi, que segundo ela vivem em aldeias lá nas florestas do Amapá, perto da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

“[...] A história é assim: no início o criador, que se chama lanejar, estava sozinho. Ele não gostava de estar sozinho. Então um dia ele foi apanhar mel e resolveu fazer uma mulher. Ele soprou e o mel virou uma mulher. Aí ele falou para a mulher ir na roça e buscar mandioca. O sol foi esquentando e a mulher de mel derreteu. lanejar estranhou a demora da mulher e foi ver o que tinha acontecido. Chegou na roça e só viu o cesto que ela tinha levado. Então lanejar foi buscar arumã, que é um tipo de palmeira. Ele soprou e o arumã virou uma mulher. [...] Depois a mulher foi na mata buscar embaúba e fez duas flautas: uma pequena e outra grande. lanejar soprou na flauta grande e saíram muitas pessoas. A mulher de arumã soprou na outra flauta e saíram muitas mulheres. Naquele tempo, não havia pessoas, só lanejar e sua mulher. Mas depois disso, a Terra ficou cheia de Waiãpi”.



Juliana já estava quase sem fôlego quando terminou de contar a história. Disse que os índios têm muitas histórias que nós não conhecemos e que eles vivem de forma diferente. Disse também que nós podemos aprender muitas coisas com eles e que devemos respeitá-los. Mesmo assim, alguns meninos riram da história de Juliana, mas Ana Carolina estava séria. Ela tinha prestado atenção em tudo. Diferentemente de outras vezes, não veio com o seu "como?, por quê?, quem?, pra quê?". Quieta e pensativa tomou uma decisão: queria aprender mais coisas sobre os índios. Afinal de contas, pensou ela, somos todos parte da mesma humanidade.



Glossário

Evoluindo: modificando-se.
Ancestrais: antepassados.
Humanidade: o conjunto dos seres humanos.
Embaúba: planta também chamada de árvore-da-preguiça, pois o bicho-preguiça habita seus galhos.

LUÍS DONISETTE B. GRUPIONE. *Juntos na aldeia*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 1997. p. 39-44. (Col. Pawana, v. 2.)

ELOAR GUAZZELLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998



VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão

1 Como a teoria científica explica o surgimento de planetas, astros e estrelas?

- Explique por que, de acordo com a teoria, os macacos são tão parecidos com os homens.

5 Transcreva o sujeito a que se referem os verbos destacados.

- Com o tempo, ele **aprende** com a gente uma maneira melhor de viver.
- Em todas as cabeças **passavam** as lembranças de bichos e plantas destruídos.
- Olhe que nem sempre as lendas **são** verdadeiras.

Ortografia

OSO, EZA. G e J

1 Escreva adjetivos que terminem em OSO, a partir dos substantivos dados.

perigo esperança bondade maldade fúria

2 Escreva substantivos com EZA, a partir dos adjetivos dados.

certo natural gentil impuro magro

3 Desembaralhe as letras e escreva, no caderno, nomes de animais.

- réjcaa
- lajiav
- rcaaonjgeu
- btjaiu
- iobgu
- fgraai
- jaibió
- gauciajatir



TEXTO ARGUMENTATIVO

Manifesto

Leitura

Um mundo para nós

[...]

Nós queremos um mundo adequado para as crianças, porque um mundo adequado para nós é um mundo adequado para todos.

[...]

Nós queremos a garantia de uma parceria eqüitativa nesta luta pelos direitos da criança. E ao prometermos apoiar suas ações em favor da criança, também pedimos seu comprometimento e apoio às nossas ações — porque as crianças do mundo são incompreendidas.



Nós não somos a fonte dos problemas; somos os recursos necessários para resolvê-los.

Nós não somos despesas; somos investimentos.

Nós não somos apenas pessoas jovens; somos pessoas e cidadãos deste mundo.

Até que as outras pessoas aceitem sua responsabilidade com relação a nós, lutaremos por nossos direitos.

Nós temos a determinação, o conhecimento, a sensibilidade e a dedicação.

Nós prometemos que, quando formos adultos, defenderemos os direitos da criança com a mesma paixão que temos agora como crianças.

Nós prometemos tratar-nos uns aos outros com dignidade e respeito.

Nós prometemos ser abertos e sensíveis a nossas diferenças.

Nós somos as crianças do mundo, e apesar de nossas experiências diferentes, compartilhamos uma realidade comum.

Nós estamos unidos pela nossa luta para tornar o mundo um lugar melhor para todos.

Vocês nos chamam de futuro, mas nós somos também o presente.

RAY STUBBLEINE/REUTERS - NEWS.COM



SPENCER PLATT/GETTY IMAGES

Reprodução proibida. Art. 170 da Constituição de 1988 e do Artigo 170 da Lei Federal nº 9.610 de 1998.

Glossário

Adequado: apropriado.

Equitativa: justa.

Comprometimento: ato de assumir responsabilidade.

SESSÃO ESPECIAL SOBRE A CRIANÇA
DA ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS,
8 maio 2002, Nova Iorque. *Um mundo para nós.*

Unicef, out. 2002. Mensagem do Fórum Infantil. (Fragmento.)

Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/kidskit/pdf/relatório_forum.pdf. Acesso em: 24 jun. 2004.

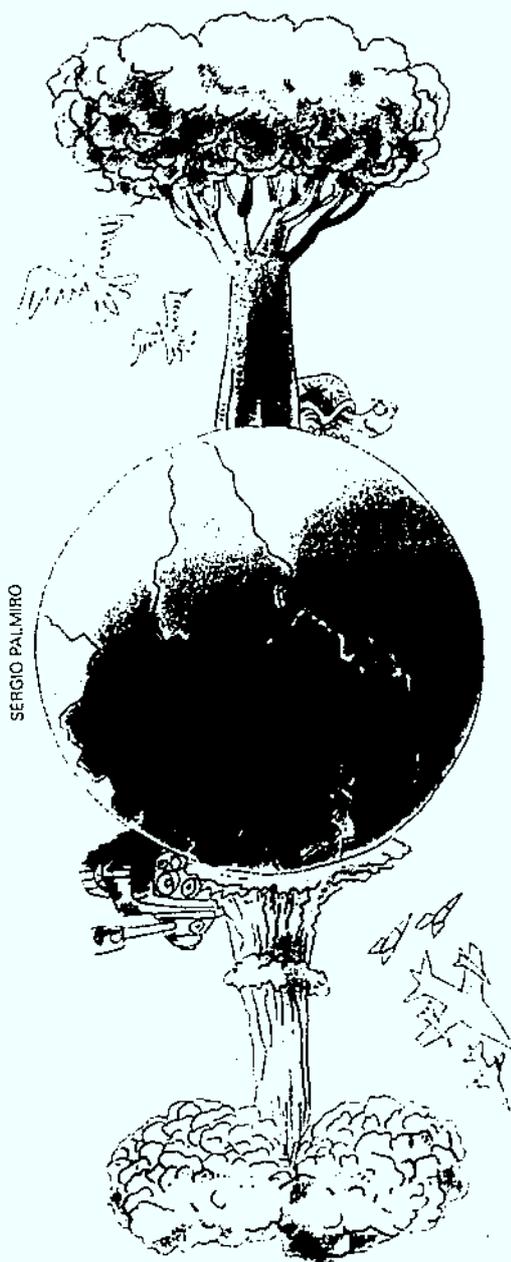
Procura-se

Procura-se algum lugar no planeta
onde a vida seja sempre uma festa
onde o homem não mate
nem bicho nem homem
e deixe em paz
as árvores na floresta.

Procura-se algum lugar no planeta
onde a vida seja sempre uma dança
e mesmo as pessoas mais graves
tenham no rosto um olhar de criança.

Menino que mora num planeta
azul feito a cauda de um cometa
quer se corresponder com alguém
de outra galáxia.

Neste planeta onde o menino mora
as coisas não vão tão bem assim:
o azul está ficando desbotado
e os homens brincam de guerra.
É só apertar um botão
que o planeta Terra vai pelos ares...
Então o menino procura com urgência
alguém de outra galáxia
para trocarem selos, figurinhas
e esperanças.



Habitante de outra galáxia
aceita corresponder-se com o menino
do planeta azul.

O mundo deste habitante é todo
feito de vento e cheira a jasmim.
Não há fome nem há guerra,
e nas tardes perfumadas
as pessoas passeiam de mãos dadas
e costumam rir à toa.

Nesta galáxia ninguém faz a morte,
ela acontece naturalmente,
como o sono depois da festa.

Os habitantes não mentem
e por isso os seus olhos
brilham como riachos.

O habitante da outra galáxia
aceita trocar selos e figurinhas
e pede ao menino
que encha os bolsos de esperanças,
e não só os bolsos, mas também as mãos,
e os cabelos, a voz, o coração,
que a doença do planeta azul
ainda tem solução.

ROSEANA MURRAY. *Classificados poéticos*.
Belo Horizonte: Miguilim, 1984.



Os feridos se arrastavam pelos aposentos desertos do castelo, sem tratamento, sem esperança.

A invasão do castelo estava próxima. E todos sabiam que quando isso acontecesse ninguém se salvaria.

Havia desânimo e tristeza.

Um dia o imperador mandou ao rei um cavaleiro, levando uma mensagem.

Impressionado com a lealdade das mulheres, que haviam permanecido com seus maridos, Conrado oferecia a elas a salvação: poderiam sair do castelo, atravessar o acampamento de suas tropas, que não seriam maltratadas.

E poderiam, ainda, carregar consigo o que tivessem de mais precioso.

Nessa noite, enquanto os homens se preparavam para a batalha, as mulheres discutiam sua fuga.

Não sabemos o que se passou nessa noite. O que sabemos é que de manhã, muito cedo, quando os primeiros raios de sol iluminaram os portões, um grupo de mulheres saiu, trazendo uma grande bandeira branca.

Dirigiu-se ao acampamento do inimigo.

Ao encontrar a primeira sentinela, uma das mulheres adiantou-se e pediu para falar com o imperador. Conrado recebeu-as, cada vez mais impressionado com a sua valentia.

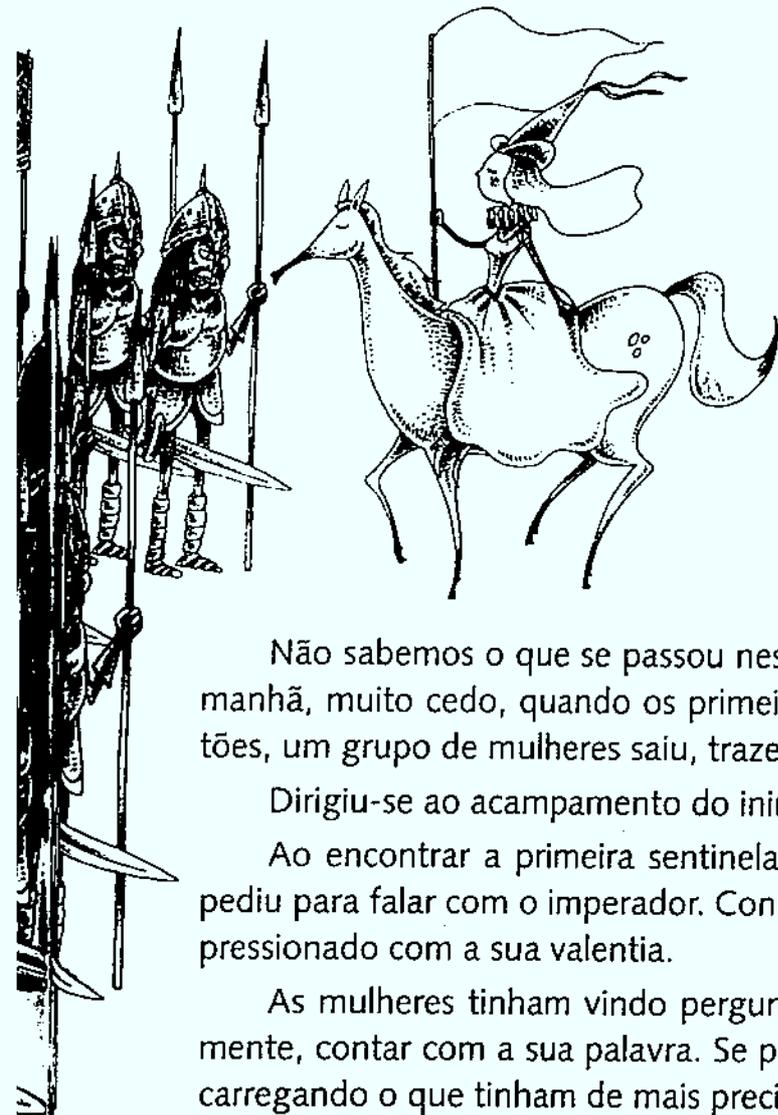
As mulheres tinham vindo perguntar ao imperador se podiam, realmente, contar com a sua palavra. Se podiam, de verdade, sair do castelo, carregando o que tinham de mais precioso.

Ofendido, ele reafirmou sua palavra:

— Palavra de rei não volta atrás! — ele deve ter dito.

As mulheres então voltaram ao castelo, para executar o seu plano.

Daí a pouco começaram a sair, envoltas em suas pesadas capas de viagem, caminhando com dificuldade. Pois nos ombros traziam o que tinham de mais precioso.



Ante o olhar atônito dos homens de Conrado, as mulheres passavam, com seus maridos nos ombros.

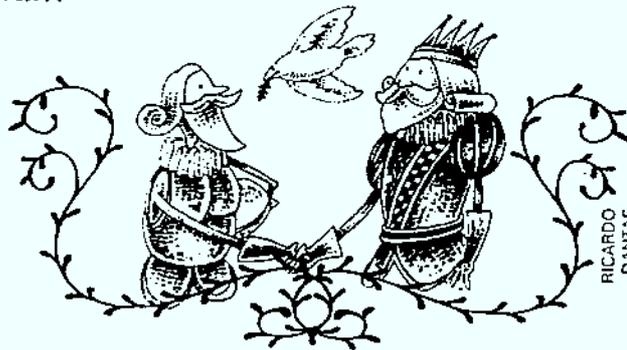
Os soldados se voltaram para o chefe, aguardando suas ordens.

Mas Conrado, impassível, mantinha sua palavra, deixando que toda a tropa inimiga passasse por entre suas próprias tropas, protegida pela coragem de suas mulheres.

Contam que o castelo não foi nem invadido.

Ali mesmo, no campo de batalha, Welfo e Conrado se encontraram e a paz foi feita.

E puderam todos voltar para suas casas e esquecer, por algum tempo, que existia guerra...



Glossário

Sentinela: guarda que fica de vigia.

RUTH ROCHA. *Mulheres de coragem*.
São Paulo: FTD, 1991. p. 7-12.



VAMOS ESTUDAR O TEXTO

Compreensão

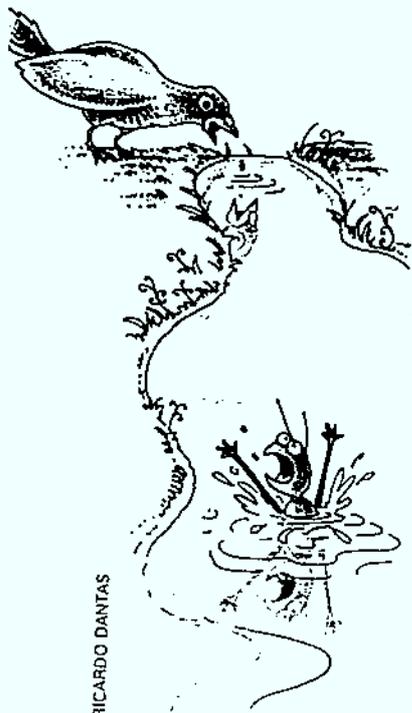
- 1** Quem estava do lado de fora do castelo?
 - E do lado de dentro do castelo?
- 2** As crianças do castelo haviam sido mandadas para longe. Por que as mulheres dos soldados e dos cavaleiros ficaram?
- 3** Discuta com seus colegas qual seria a maior vantagem e a maior desvantagem de quem estava no castelo e de quem sitiava o castelo.
- 4** O que fez o imperador oferecer a salvação às mulheres?
- 5** O que as mulheres carregaram consigo?
 - O que provavelmente o imperador imaginou que as mulheres levariam?



PRODUÇÃO DE TEXTO

Elaboração do final de uma história

Leitura



ILUSTRAÇÕES: RICARDO DANTAS

A pomba e a formiga

À beira de um riacho, uma branca pomba bebia. De repente, ouviu uma vozinha fraca, fraca.

— Socorro! Estou afogando!

Uma formiga tinha caído na água e, por mais que se debatesse, não conseguia chegar na margem. A corrente a arrastava.

A pomba arrancou com o bico um fio de grama e o jogou na água. A formiga subiu nele e alguns minutos depois chegava em terra firme. Queria agradecer a sua benfeitora, mas ela já tinha ido embora.

Alguns dias mais tarde, a formiga caminhava por uma trilha no bosque, quando viu um camponês de pés descalços, armado de arco e flecha, mirar alguma coisa. [...]

Glossário

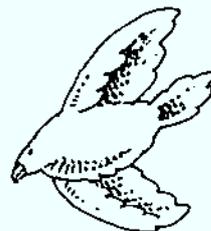
Benfeitora: aquela que faz o bem.

JEAN DE LA FONTAINE.

As mais lindas fábulas de La Fontaine.

Tradução e adaptação de Maria Cristina

Marcondes Soares. São Paulo: Rideel, 1991.



Vamos explorar o texto

1 Qual foi a boa ação da pomba?

2 Copie em seu caderno a alternativa correta, em relação à formiga.

- A formiga mostrou-se ingrata.
- A formiga quis agradecer, mas não houve tempo.

3 Responda às perguntas, sabendo que, no final do conto, a boa ação da pomba vai ser recompensada.

- O que você imagina que o camponês estava mirando?
- Que importância você acha que tem o fato de ele estar descalço?

Minhas férias!

Ano que vem eu quero pegar a nova professora de Português no pulo! Antes que ela me pegue, é claro. Dona Ofélia — a famosa fera da 5ª série — é a professora mais durona do colégio. Todos os meus colegas de classe já estão tremendo por conta da sua fama. Dizem que, com Dona Ofélia, recuperação é rotina e nota maior que cinco é um acontecimento que merece bombinha [...] Sei lá...

Em fevereiro, quando as aulas recomeçarem, ela vai encomendar aos novos alunos uma tremenda redação de não sei quantas mil páginas com o tema *Minhas férias*. Dona Ofélia sabe que a idéia é antiga e escolhe o tema de propósito, só para ver se alguém consegue escrever alguma coisa de diferente. Ela faz isso todo ano. Eu me informei muito bem.

[...]



A idéia de preparar a primeira lição para Dona Ofélia durante as férias pintou quando eu recebi um super-hiperconvite para passar uma semana na fazenda de um tio do Nelsinho. Ele tem a minha idade, é meu vizinho de prédio e colega de escola. Meu melhor amigo, é claro!

[...]

Papai e mamãe concordaram de cara com o convite, providenciaram a autorização para a viagem e nós vamos partir amanhã à noite. Primeiro de ônibus, até Campo Grande. Os dois sozinhos! Depois de carro, até a fazenda. O tio do Nelsinho vai nos encontrar na rodoviária.

Aquí entra o meu plano escolar. Eu vou registrar toda essa aventura num diário de bordo! Como faziam os antigos navegantes e descobridores! A idéia não é incrível? Às vezes eu tenho certeza de que sou um gênio... usando só a metade esquerda do cérebro, é evidente. Imaginem só quando estiver tudo ligado!

Já comprei um cadernão pautado e vou anotar, dia a dia, tudo o que for acontecendo. Quando eu voltar... a tal redação sobre as férias já estará pronta! A perigosa Dona Ofélia vai ficar sabendo de cara quem é Zeca de Arruda Botelho, o moderno Pero Vaz de Caminha!

[...]

Chegamos à fazenda no finzinho da tarde. Eu acordei com o carro sacolejando na estrada de terra e passando pelos mata-burros. Um pôr-de-sol vermelhão enchia o céu. Coisa linda! Fiquei besta com tamanha imensidão. Eu, menino de cidade, acostumado com asfalto, fatias de céu e cor de poluição...



Na hora de descer do carro, fui assustadoramente saudado por um cachorrão preto e peludo, que deu uma cheirada geral nas minhas pernas. A Dany me tranquilizou:

— O Lobão assusta, mas não morde. É cruza de dóberman com cachorro-do-mato. Não se preocupe.

— Eu, hein...

Terminada a inspeção canina — parece que ele me aprovou! —, fui apresentado à sede da fazenda. Térrea, cercada por dois terraços largos, a casa é enorme. Da varanda da frente a gente avista meio mundo, um horizonte sem fim perdido na lonjura. Dona Vera, a mãe de Dany, mostrou os quartos onde nós íamos ficar. Com tanto lugar sobrando, cada um ficou num aposento.

“Melhor...”, eu pensei. “Vou poder escrever em paz o meu diário.”

Desarrumei a mala, guardei as roupas, escondi o cadernão na gaveta da mesinha-de-cabeceira e fui tomar o mais gostoso banho de chuveiro da minha vida! Água da nascente. Sem cloro nem cheiro. Que ducha! Lavei o corpo, lavei a cabeça, lavei o coração.

